INFORME PUBLICITÁRIO

FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

SÁBADO, 1º DE JANEIRO DE 2022

R$ 5,00

Fotos reprodução

Projeções feitas por drones de Johnnie Walker, durante o Keep Walking Day, em São Paulo

Em 2022, Keep Walking, com passos ousados, rumo ao progresso coletivo

Johnnie Walker deseja que no ano que começa a resiliência desses últimos tempos seja compensada e que a positividade nos leve adiante

DESEJOS PARA 2022

"Todas as luzes irão guiar o caminho"
Alok, DJ

"Os avanços são fruto da luta. E não tem volta"
Djamila, escritora

"Abra os olhos e o peito. Seguir é o caminho. Acredite"
Gero Camilo, Ator

"Mais do que nunca, reconhecer o que a gente tem em comum é fundamental"
Pedro Andrade, jornalista e apresentador

Foi um ano difícil, e muitos, com razão, tiveram vontade de gritar bem alto "xô, 2020; xô, 2021". Mas é momento de celebração e é preciso valorizar os motivos para ela. O principal deles é celebrar a vida e o fato de estarmos caminhando, sempre para a frente, com passos ousados, rumo ao progresso coletivo.

A pandemia não acabou. Cuidados ainda são necessários, mas a ciência mostrou seu valor, desenvolveu vacinas em tempo recorde e deu à humanidade uma arma eficaz contra o novo coronavírus. O avanço da vacinação (em São Paulo, ela atingiu 100% dos adultos) trouxe de volta os abraços, as reuniões com amigos e familiares, a vida fora de casa.

A solidariedade também cresceu, assim como a consciência (que ainda precisa avançar muito) de que é preciso combater as desigualdades, os preconceitos, as exclusões. E cada vez mais empresas mostram preocupação com o ambiente.

Johnnie Walker, a marca de whisky mais conhecida do mundo, tem em seu DNA um espírito desafiadoramente otimista e voltado para o progresso, o que fica evidente em seu slogan: "Keep Walking".

Em mais de 200 anos de história (JW foi criado na Escócia, em 1820), a marca passou por guerras, pandemias, crashes econômicos e esteve sempre ao lado dos consumidores, apoiando a aposta em dias melhores. Também esteve ao lado nas comemorações, quando esses dias chegaram.

Johnnie Walker acredita que caminhar é preciso e traz mais resultados se for ao lado das pessoas que a gente gosta. "A luta é árdua e não precisa ser solitária. O caminho é o coletivo", escreveu Adriana Barbosa, empreendedora social, escritora e criadora da Feira Preta, maior evento de cultura e empreendedorismo negro da América Latina.

Acreditando que o caminho é de fato coletivo, Johnnie Walker fez, em 2021, uma parceria com a Feira Preta e doou parte das vendas durante o mês das mulheres. Também se juntou a Gooders, startup que recompensa quem pratica boas ações, dando pontos aos consumidores na plataforma, além de doar parte das vendas ao Movimento Black Money, que apoia o empreendedorismo negro.

Com as fortes chuvas que atingiram o sul da Bahia em dezembro, Johnnie Walker doou 10 mil cestas básicas para as vítimas.

Johnnie Walker acredita que o início de um novo ano é momento para reforçar as esperanças e as ações para um mundo menos desigual, mais inclusivo, mais sustentável. Ou, como sintetizou a apresentadora Astrid Fontenelle, "Esperançar: verbo que nos leva a seguir em frente".

APRECIE COM MODERAÇÃO

TRÊS DRINKS PARA CELEBRAR 2022

BLACK & TONIC

Ingredientes: 30 ml de Johnnie Walker Black Label, 150 ml de água tônica e gelo
Preparo: Encha um copo alto com gelo. Acrescente a dose de Johnnie Walker Black Label e complete com a água tônica. Para finalizar, uma fatia de limão tahiti
Grad. alcoólica de 6.7% no drink de 300 ml

APRECIE COM MODERAÇÃO

BLACK SOUR

Ingredientes: 50 ml de Whisky Johnnie Walker Black Label, 20 ml de suco de limão, 20 ml de xarope de açúcar e 20 ml de clara de ovo pasteurizada
Preparo: Em uma coqueteleira, coloque Whisky Johnnie Walker Black Label, suco de limão, xarope de açúcar e a clara de ovo pasteurizada. Feche bem e agite por 10 segundos. Acrescente gelo e agite por mais 10 segundos. Sirva em um copo baixo com gelo
Grad. alcoólica de 12,5% no drink de 300 ml

APRECIE COM MODERAÇÃO

RED HIGHBALL CITRUS

Ingredientes: 50 ml de Johnnie Walker Red Label, suco de 1/4 de limão, refrigerante de limão, duas rodelas de limão
Preparo: Em um copo alto cheio de gelo, adicione 50 ml de Johnnie Walker Red Label. Esprema 1/4 de limão. Complete com refrigerante de limão. Misture e finalize com as duas rodelas de limão
Grad. alcoólica de 5,7% no drink de 300 ml

APRECIE COM MODERAÇÃO

FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.876 | SÁBADO, 1º DE JANEIRO DE 2022 | R$ 5,00

STF pressiona Aras por investigação de Bolsonaro

Ministros do Supremo Tribunal Federal criticam falta de supervisão das chamadas investigações preliminares. Os procedimentos foram usados como álibis pelo procurador-geral da República, Augusto Aras, para se dizer diligente na apuração de suspeitas de irregularidades atribuídas ao presidente Jair Bolsonaro (PL) e a seu entorno. **Poder A4**

Governo perdoará dívidas de estudantes com o Fies

Presidente Jair Bolsonaro (PL) autoriza desconto de até 92% do valor e parcelamento de obrigações

O presidente Jair Bolsonaro (PL) editou uma medida provisória para permitir a renegociação de dívidas com o Fies (Fundo de Financiamento Estudantil). O governo dará descontos de até 92% do valor devido por estudantes e parcelamento em 150 meses.

O abatimento mais alto é para inscritos no Cadastro Único para Programas Sociais ou beneficiados pelo auxílio emergencial. Nos casos restantes, o desconto chega a 86,5%. A medida atinge quem aderiu ao Fies até o segundo semestre de 2017.

A MP foi publicada em edição extra do Diário Oficial da União de quinta (30). Pressionado pela provável candidatura em 2022 de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que prometeu perdoar as dívidas, Bolsonaro (PL) decidiu dar fôlego à proposta.

Não é a primeira vez que o programa passa por flexibilizações. Renegociações foram feitas ao longo dos anos, inclusive em 2019, já durante o governo Bolsonaro. Em 2020, houve suspensão dos pagamentos em razão da pandemia de Covid-19.

O Fies atendeu 3,4 milhões de pessoas, e 2,7 milhões têm saldo a pagar. Criado sob FHC (PSDB), cresceu na gestão Dilma (PT). **Cotidiano B1**

Áreas que foram atingidas por chuvas receberão R$ 700 mi **Cotidiano B1**

Filipe Araujo/AFP

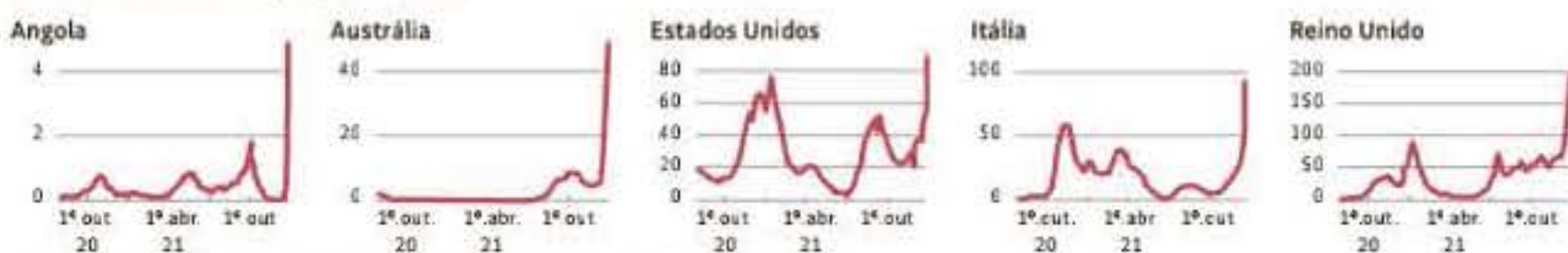
VOLTA DA SÃO SILVESTRE TEM CHUVA, MÁSCARAS E BRASILEIROS NO PÓDIO EM SÃO PAULO

No retorno após cancelamento em 2020, 20 mil correram a prova; Daniel Nascimento disputou primeira colocação até o último quilômetro e foi ultrapassado pelo etíope Belay Bezabh **Esporte B5**

Ômicron leva 20 países a baterem recorde de Covid-19

Vinte países em quatro continentes relataram números recordes de casos de Covid-19 na última semana, salientando a pressão que a variante ômicron exerce sobre os sistemas de saúde de países ricos e pobres. A OMS alertou para um "tsunami" iminente de infecções, já que as variantes ômicron, altamente transmissível, e delta circulam ao mesmo tempo. **Mundo A8**

Quatro continentes registram recordes em casos de Covid-19

Média móvel de casos diários por 100 mil habitantes*

*As escalas usadas em cada gráfico são diferentes. Fonte: Financial Times | Dados até 30 dez.21

Efeito colateral grave de vacina em criança é raro

Um estudo divulgado pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês) concluiu que problemas graves são extremamente raros entre crianças de 5 a 11 anos que receberam a vacina Pfizer-BioNTech contra a Covid-19. **Saúde B3**

Mario Sergio Conti

Moro e os outros malas do ano

O jornalista Artur Xexéo, que morreu em junho, publicava no Réveillon uma lista dos malas do ano. Para lembrá-lo, fiz uma lista de 2021. Como Bolsonaro é hors concours, o título de Mala do Ano vai para Sergio Moro, o maior jurista de Maringá. **Ilustrada B10**

Danilo Verpa/Folhapress

TRANSIÇÃO ENERGÉTICA MOTIVA EUFORIA EM MG E APREENSÃO NO RS

Operários carregam placa em fazenda na mineira Janaúba, que se tornou um dos principais focos de investimento em energia solar no país; já a gaúcha Candiota, capital do carvão, vive incerteza pela pressão por menos emissões **Mercado A12**

EDITORIAIS A2

Pandemia, ano 3
Sobre evolução recente e perspectivas da Covid-19.

Esperanças e riscos
Acerca de cenários econômicos global e brasileiro.

Sem aumento real, salário mínimo passa a R$ 1.212

Mercado A11

Ilustrada B6

Entre variantes e gripe, cultura retoma ritmo; veja o que vem por aí em 2022

ISSN 1414-5723
9 771414 572070 33876

opinião

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Antonio Manuel Teixeira Mendes e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila (*secretário*)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (*financeiro, planejamento e novos negócios*) e Marcelo Benez (*comercial*)

Marília Marz

NA VIRADA...
VESTI VERDE ESPERANÇA. E VOCÊ, AMIGA?
AH, EU BOTEI LOGO TODAS!
MARZ

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Pandemia, ano 3

Covid-19 não deixará o mundo tão cedo, mas queda da letalidade deve permitir vidas mais normais

O recorde mundial de novos casos de Covid-19 registrado nesta semana, passados quase dois anos do início da pandemia, serve como um lembrete desagradável de que o coronavírus não irá desaparecer do planeta tão cedo.

Ao mesmo tempo, a constatação de que, apesar da marca adversa, o número de mortes vem se mantendo em patamares baixos alimenta as esperanças gerais de que o pior já tenha ficado para trás.

Na segunda-feira (27), a média móvel diária de contaminações no mundo, que considera os sete dias anteriores, atingiu novo pico de 854,6 mil casos, superando o recorde estabelecido em 25 de abril, quando a vacinação ainda engatinhava na maioria dos países.

A escalada de infecções não ocorre de forma homogênea no mundo. Vem sendo impulsionada sobretudo por nações do hemisfério Norte, que agora vivem o inverno, mais propenso à propagação de doenças transmitidas pelo ar.

Especula-se que a onda resulte do rápido espraiamento da variante ômicron, que já representa a maioria dos casos nos EUA e no Reino Unido. Estudos preliminares vêm mostrando que a cepa é várias vezes mais contagiosa que o vírus original e suas versões anteriores.

Em reação, essas nações vêm encurtando o prazo para a aplicação da dose de reforço, que, tudo indica, aumenta a proteção contra a variante. Ao mesmo tempo, países como Alemanha, França, Portugal e Holanda ampliaram as restrições para frear o aumento de casos.

A despeito do quadro preocupante no que tange às contaminações, o avanço da vacinação e a agressividade aparentemente menor da ômicron têm, até o momento, mantido os óbitos pela doença em nível bastante abaixo do contabilizado em outras ondas. No começo da semana, a média móvel de mortes diárias no mundo foi de pouco mais 6.400, número semelhante ao de outubro de 2020.

Já o Brasil segue desorientado diante do vexaminoso apagão de dados do Ministério da Saúde e da crônica falta de testes no país. A desídia governamental, que torna impossível ter uma ideia precisa do estágio da doença no país, é compensada pela ampla adesão à vacinação, sinal inequívoco de que a população deu de ombros para o negacionismo estatal.

O Sars-CoV-2 certamente continuará aturdindo o planeta em 2022. Encontrará, contudo, sistemas de saúde não só mais experientes como também mais bem preparados, equipados com uma gama de vacinas eficientes e novas drogas contra a doença sendo aperfeiçoadas.

Se formos capazes de utilizar bem todos os recursos à disposição e nos mantivermos vigilantes, é possível que, neste ano, enfim consigamos viver vidas mais normais.

Esperanças e riscos

Economia global enseja um otimismo cauteloso, enquanto Brasil padece com más políticas

Tal como na entrada de 2021, as esperanças para este ano estão voltadas para a superação da pandemia e para a retomada da normalidade, na vida e na economia.

Com o avanço da vacinação, é plausível que o mundo vislumbre a possibilidade de convivência com o vírus e assim possa retomar gradualmente atividades ainda afetadas ao longo de 2022.

Se os melhores cenários para a doença se confirmarem, haverá continuidade da expansão econômica, sobretudo nos serviços mais intensivos em trabalho, e será possível reduzir o desemprego que grassa na maior parte do mundo.

Já a permanência de restrições, se necessária, também manterá a demanda por proteção social e trará novas dificuldades para a gestão dos orçamentos públicos, com os riscos associados, como inflação e descontrole financeiro.

A escalada de preços, aliás, é outro tema que dominará as atenções. Em 2021 o choque inflacionário se revelou mundialmente de modo mais amplo e persistente que o esperado. Agora, a expectativa é de normalização gradual dos gargalos logísticos e de produção, o que contribuiria para estabilizar o poder de compra.

Mas o risco de um fenômeno mais duradouro está presente e já domina a ação dos principais bancos centrais do mundo, levando a juros mais altos e condições financeiras mais restritivas.

O lado positivo é que as expectativas de inflação de longo prazo ainda estão baixas, sugerindo que não será preciso jogar a economia mundial numa nova recessão para conter os índices.

A atenção dos mercados financeiros estará voltada para qualquer evidência que lance sombras sobre esse quadro ainda benigno.

O ambiente internacional parece compatível com um ciclo ainda longo de crescimento, embora condicionado a uma evolução favorável da pandemia. As principais regiões do mundo devem ter crescimento. Mesmo a China, que mantém tolerância zero com o vírus e enfrenta prolongada desaceleração em setores importantes, ainda deve sustentar atividade vigorosa.

O panorama global, assim, não se revela negativo para o Brasil, cujo desempenho dependerá do retorno a políticas públicas minimamente consistentes em áreas fundamentais como saúde, educação e gestão orçamentária. O governo Jair Bolsonaro não vai propiciar neste ano tal esperança, que ficará condicionada ao debate eleitoral.

China, líder na produção científica

Hélio Schwartsman

Pela primeira vez, a China superou os EUA em produção científica. Em 2020, instituições chinesas publicaram 788 mil artigos contra 767 mil das americanas. É possível relativizar esse dado. A China tem uma população quatro vezes maior que a americana, de modo que a produção per capita dos EUA ainda é superior. A China também não tem ganhado tantos prêmios Nobel quanto os EUA, o que faz supor que, nas áreas mais relevantes, os americanos liderem. Tudo isso é verdade, mas o fato, insofismável, é que a ciência chinesa vem evoluindo de forma robusta. Nada indica que um apagão esteja próximo.

A questão é relevante para os economistas liberais, particularmente os da escola institucionalista. Para eles, o crescimento sustentável só é possível quando as instituições políticas de um país são inclusivas e seus cidadãos gozam de liberdade para decidir o que farão de suas vidas e recursos. Isso ocorre porque a prosperidade duradoura depende de um fluxo constante de inovações, que resulte em ganhos de produtividade. Ainda segundo os institucionalistas, regimes autoritários, como o chinês, não asseguram a liberdade necessária para que o binômio ciência e tecnologia se desenvolva.

É possível que tais economistas, entre os quais se destacam Daron Acemoglu e James Robinson, tenham razão e que a China, por um déficit de liberdade, não consiga manter o ritmo. Já vimos ditaduras colapsarem porque ficaram para trás na corrida tecnológica. O caso mais notório é o da URSS, que, embora tenha chegado a liderar a ciência espacial, não foi capaz de manter-se competitiva em outras áreas, com reflexos na economia.

Mas não dá para descartar a hipótese de que os institucionalistas estejam errados. Não me parece em princípio impossível para um regime assegurar as liberdades necessárias para manter a ciência e a economia funcionando sem estendê-las à política. Ditaduras podem se reinventar.

helio@uol.com.br

Com esperança, Feliz Ano Novo!

Cristina Serra

Escrevo este texto enquanto cai uma tempestade lá fora e penso nos mortos e desabrigados na Bahia e em Minas Gerais, consequência de uma combinação tão antiga quanto letal no Brasil: fenômenos climáticos, desigualdade social e agressões à natureza.

Não é a chuva em si que castiga os mais pobres, mas a falta de moradia segura e a ocupação de áreas de risco, provocada em grande parte pela especulação imobiliária e pelo poder público omisso e/ou conivente.

A morte e o padecimento de brasileiros, seja nas enchentes, seja na pandemia, seja por causa da fome, são o retrato do país governado por um presidente dado à vadiagem e ao sadismo, que faz questão de exibir seu "e daí?" enquanto tantos sofrem.

Lembro do que escrevi neste espaço em primeiro de janeiro de 2020. Fui sincera quando disse aos leitores que não conseguia acreditar em um feliz ano novo, considerando o que Bolsonaro já havia feito em 2019.

Veio 2020 e a parceria entre o vírus e o genocida. Minhas expectativas foram superadas da pior maneira possível. Mais uma vez, fiquei devendo os votos de feliz ano novo para 2021. O título daquela coluna, "Feliz Ano Velho", resumia a repetição dos meus temores, todos confirmados com o golpismo do 7 de Setembro e a tenebrosa associação entre pandemia, corrupção e crimes contra a humanidade, revelados na CPI da Covid.

Será que consigo desejar um feliz 2022? O ano que começa será uma travessia tormentosa e duríssima. Bolsonaro sequestrou o país para sua agenda de morte, caos e desespero e se prepara para uma guerra de terra arrasada. O Brasil terá que ser reerguido a partir de ruína e escombros.

Por isso mesmo, a reconstrução não pode esperar 2023. Ela começa agora, com a urgência de garantir um caminho seguro até as urnas e a chance de resgatar a promessa de país que fomos um dia. É essa esperança vital que me faz desejar, com convicção, Feliz Ano Novo em 2022 com os olhos na alvorada de 2023.

Aquelas canções do Roberto

Alvaro Costa e Silva

Você sabe quando e onde Roberto Carlos teve a ideia de mandar tudo mais para o inferno? Foi numa noite gelada em junho de 1965 na cidade de Osasco. Ele aguardava sua vez nos bastidores do Cine Glamour, onde participaria de um show com outros artistas da Jovem Guarda, e, com saudade da namorada que o pai mandara a Nova York para ficar longe dele, começou a marcar o ritmo com a mão na parede e a cantarolar: "Quero que você me aqueça neste inverno...".

Uma das inspirações de "Namoradinha de um Amigo Meu" foi a manequim Maria Stella Splendore, casada com o estilista Dener, precursor da alta costura brasileira nos anos 60. Os dois se encontravam às escondidas no amplo apartamento do cantor no bairro de Santa Cecília, em São Paulo. Na época, ele desfilava dentro de um Cadillac Fleetwood 1962 comprado à embaixada de Gana e fumava cachimbo ("Isso aqui é só um charme, bicho").

E "As Curvas da Estrada de Santos" nasceram —surpresa!— nas curvas da estrada de Santos. Roberto costumava ficar até as quatro da manhã na boate Cave e, muito bem acompanhado, descia a serra para esticar a farra no Guarujá. Essas histórias e mais um chorrilho interminável de informações estão no livro "Roberto Carlos Outra Vez: (1941-1970)". Um segundo volume está previsto para sair no fim deste ano.

São 928 páginas que não cansam e, tirante a dor no braço, dão vontade de saber mais. Paulo Cesar de Araújo fez um relato de vida desmontável, com cada capítulo referindo-se a uma canção, que podem ser lidos separadamente. Um trabalho ainda mais abrangente que "Roberto Carlos em Detalhes", de 2006, que lhe valeu um processo e a retirada dos exemplares das livrarias. Mas também a histórica decisão do STF, em 2015, sobre a liberação das chamadas biografias não autorizadas.

Num gesto de realeza, Roberto Carlos deveria se desculpar e publicamente agradecer a Paulo Cesar de Araújo pela devoção de súdito.

Guia para 2022

Tabata Amaral

Cientista política e astrofísica formada em Harvard, é deputada federal e ativista pela educação. Escreve aos sábados

"Não vou votar em você, eu não voto em feminista", ouvi de uma pessoa que amo muito nas eleições de 2018. Hoje eu sei que essa frase dizia pouco sobre o seu posicionamento em relação à igualdade entre homens e mulheres, mas muito sobre a incapacidade dos setores progressistas de falarem sobre o feminismo fora da sua bolha.

Em um ambiente polarizado, o feminismo foi associado a uma caricatura, pela qual essa pessoa era incapaz de sentir qualquer apreço. Fazemos o mesmo quando chamamos de fascistas todos os apoiadores do presidente, empurrando as pessoas cada vez mais para o bolsonarismo.

O que ocorrerá se os brasileiros forem para as urnas em 2022 com pedras nas mãos? Além das relações familiares esgarçadas, do debate público interditado e da violência política, ficaremos impossibilitados de reconstruir o nosso país. Bolsonaro pode perder a eleição, mas parte da população e, por consequência, do Congresso se fechará a qualquer posição que difira do radicalismo que ele prega. Por isso, é urgente que a gente reaprenda a criar pontes.

Compartilho aqui reflexões sobre como cada um pode contribuir para isso:

1. Evite simplificações e maniqueísmos. Quando tiramos uma informação de contexto ou nos comunicamos apenas por memes, contribuímos para a criação de um ambiente de ódio e fake news, em que não há lugar para a empatia.

2. Foque no argumento, não no interlocutor. Além de demonstrar respeito pela pessoa, você pode acabar descobrindo elementos de convergência sobre os quais é possível avançar.

3. Escute o seu tio bolsonarista. Faça perguntas. Não se preocupe, ouvir quem pensa diferente de você não te levará a votar no Bolsonaro. Mas talvez te ajude a entender por que tantas pessoas o fazem. O "vencedor" de uma discussão não é quem convence, e sim quem aprende.

4. Alguns laços são importantes demais para serem quebrados. Eu cresci em uma comunidade conservadora, e muitos dos meus preconceitos, dos quais eu não tinha consciência antes, só foram derrubados na faculdade. Foi quando me entendi feminista, por exemplo. Muitos dos amigos e familiares com quem cresci não passaram por esse mesmo processo. No início, isso fez com que várias conversas terminassem em discussões em que eu apontava os seus preconceitos e eles me chamavam de radical. Mas o tempo me ensinou a me posicionar sem afastá-los.

Não precisamos abdicar dos nossos valores para contribuirmos para um ambiente menos polarizado. Estar aberto ao diálogo não é ser neutro ou se abster. Pelo contrário, é se engajar no que, para mim, é a definição de política: escuta e construção de caminhos. Um feliz (e democrático) 2022!

TENDÊNCIAS / DEBATES

A economia brasileira deve melhorar em 2022?

Sim *Investimento e emprego*

Manter as reformas pró-mercado aumentará a produtividade

Adolfo Sachsida
Secretário de Política Econômica do Ministério da Economia

Para 2022, a Secretaria de Política Econômica (SPE) do Ministério da Economia estima crescimento de 2,1% do Produto Interno Bruto (PIB). O mercado aponta alta de 0,5%, ou até queda, mas a SPE acredita em desempenho bem mais robusto ao considerar os principais drivers de crescimento deste ano que começa: investimento privado e emprego. Vários fatores comprovam nossas estimativas.

Em primeiro lugar, uma questão técnica: analistas de mercado usam modelos de demanda agregada para avaliar o curto prazo. Apontam que a falta de demanda restringe a produção. Neste momento, considerar somente a demanda agregada é um erro. Por três motivos: a) as taxas de ocupação e de participação da força de trabalho estão abaixo dos patamares pré-pandemia e certamente subirão em 2022; b) a política de concessões agora estimula o investimento privado, não apenas o valor de outorga. Nos 131 leilões realizados de 2019 a 2021 foram assegurados R$ 822,3 bilhões para investimentos futuros. Ou seja, há investimento privado contratado para o próximo ano; e c) na atual crise, é a oferta agregada que restringe a produção e o emprego, não a demanda agregada. O caso da indústria automobilística é didático: a produção caiu por falta de componentes, não de compradores.

Em segundo lugar: a mudança do perfil do crédito. Em outubro de 2015, o crédito livre respondia por 50,7% do total, saltando para 58,7% em outubro de 2021. Em outubro de 2015, os bancos privados respondiam por 44,1% do crédito total, índice que chegou a 57% em outubro do ano passado. Isso significa que o crédito vai hoje para onde é mais eficiente, resultando em investimentos mais produtivos.

Em terceiro lugar: o cenário externo segue favorável ao Brasil. Nossos principais parceiros comerciais crescerão em 2022, favorecendo nossos termos de troca e impulsionando nosso PIB.

Em quarto lugar: estatísticas fiscais positivas. Em 2021, o Brasil reduziu sua relação dívida/PIB em 8,4 pontos percentuais (um dos maiores ajustes fiscais entre mais de cem países desde 1981; dados do FMI). Este governo chegará ao final de 2022 gastando menos do que quando assumiu, fato inédito em 20 anos. As três principais fontes de gastos (Previdência, folha de pagamento e juros) foram reduzidas. Mesmo durante a pior crise sanitária brasileira, as despesas estruturais seguiram praticamente constantes (o déficit estrutural do setor público saiu de 1,16%, em 2019, para 1,33%, em 2020). O excesso de gastos foi tratado como transitório, não permanente, retirado com o alívio da pandemia de Covid-19.

O quinto ponto, e talvez o mais importante, refere-se à compreensão do choque econômico atual, provocado por um choque negativo de oferta, não de demanda. Isso exige soluções distintas das fórmulas tradicionais de política econômica. A indústria opera sob restrição produtiva (interrupção de cadeias globais, alta no custo de contêineres, energia mais cara ocasionada pela maior crise hídrica dos últimos 92 anos). Os serviços foram afetados pelas limitações no combate à pandemia, e o clima adverso afetou a agropecuária.

Choques transitórios de oferta atingiram toda a economia. Regularização do suprimento de insumos e queda dos custos de energia e transporte; retomada dos serviços pela vacinação em massa; e um período climático menos adverso nos faz acreditar em uma economia muito melhor em 2022 do que as apostas de mercado.

O fundamental é manter a política econômica de consolidação fiscal e reformas pró-mercado, aumentando a produtividade. É a economia pelo lado da oferta.

[...]
Choques transitórios de oferta atingiram toda a economia. Regularização do suprimento de insumos e queda dos custos de energia e transporte; retomada dos serviços pela vacinação em massa; e um período climático menos adverso nos faz acreditar em uma economia muito melhor em 2022 do que as apostas de mercado

Não *Perspectiva desanimadora*

Desmonte da responsabilidade fiscal amplia risco de crise grave

Rodrigo R. Soares
Professor titular da Cátedra Fundação Lemann no Insper

De acordo com o Ibre-FGV, o PIB per capita cresceu 3,8% em 2021, alcançando um nível ainda 1% inferior àquele observado em 2019. Combinados com o mercado de trabalho desaquecido e a recente expansão da economia mundial, esses números sugeririam um forte crescimento do país neste ano que começa. No entanto, instituições de mercado preveem um crescimento abaixo de 1% para 2022.

As sementes dessa perspectiva desanimadora foram plantadas ao longo de 2021. Depois de um início de ano com expectativa de recuperação acelerada, previsões começaram a ser revistas repetidamente para baixo, particularmente quando ficou claro que a retomada da agenda de reformas era ilusória. Terminamos o ano com recessão técnica, Bolsa de Valores com um dos piores desempenhos globais, taxa de câmbio com uma das maiores desvalorizações do mundo e inflação na casa dos dois dígitos. Isso tudo enquanto o planeta observava uma retomada vigorosa do crescimento.

Instabilidade e incerteza dominam o cenário para 2022. O desmonte intencional das instituições de responsabilidade fiscal aumenta significativamente o risco de uma crise grave e do início de um retorno ao cenário dos anos 1980. O comportamento recente do Legislativo e do Executivo, enquanto demandas por indexação começam a se manifestar, sugere que essa possibilidade não pode ser descartada.

Além disso, as eleições presidenciais adicionam tempero ao caldo. A corrida eleitoral intensifica a pressão por medidas populistas, que, dada a incapacidade de resistência do Executivo, devem deteriorar ainda mais o quadro fiscal. A indefinição eleitoral, por sua vez, aumenta a incerteza em relação ao compromisso fiscal futuro.

Níveis elevados de instabilidade e incerteza política inibem investimentos de longo prazo. A perspectiva de uma política monetária apertada, função da própria instabilidade, tende também a reduzir as perspectivas de crescimento. A retomada paulatina da economia pode garantir algum crescimento no início de 2022, num cenário onde o impacto local da variante ômicron seja limitado e o esforço continuado de vacinação assegure a saída da pandemia. Mas esse crescimento refletiria muito mais uma recuperação cíclica, ainda buscando os níveis de atividade de 2019, do que uma tendência de longo prazo.

A possibilidade de retomada robusta do crescimento em 2022 depende agora de fatores externos ao Executivo e à própria economia doméstica. A promoção de uma agenda séria de reformas certamente contribuiria para a estabilização do cenário econômico. Mas a falta de compromisso do governo com a agenda de reformas sugere que essa possibilidade é inexistente (vide a perversão, promovida com apoio do governo, dos projetos das reformas administrativa e tributária). Portanto, mais uma vez ficamos a reboque dos efeitos da expansão mundial sobre os preços de commodities e reféns dos ventos políticos.

Se a economia mundial experimentar uma expansão acelerada no próximo ano, o Brasil será beneficiado. De modo semelhante, se a corrida eleitoral começar a se definir, com compromisso claro dos principais candidatos com a sustentabilidade fiscal, o cenário deve melhorar. Mas a influência final da economia global e do quadro eleitoral pode ser tanto positiva quanto negativa, tendo em vista o avanço da variante ômicron, a possibilidade de aperto monetário nos EUA e a indefinição eleitoral.

Contar com a sorte nunca é boa perspectiva econômica. No melhor dos casos, seguiremos como tem sido corriqueiro: na rabeira do crescimento mundial.

[...]
A corrida eleitoral deste ano intensifica a pressão por medidas populistas, que, dada a incapacidade de resistência do Executivo, devem deteriorar ainda mais o quadro fiscal. (...) Contar com a sorte nunca é boa perspectiva econômica. No melhor dos casos, seguiremos como tem sido corriqueiro: na rabeira do crescimento mundial

PAINEL DO LEITOR

O museu de volta

Neste ano no qual o Brasil vai comemorar 200 anos de independência, estamos empenhados em devolver parte do Museu Nacional para a sociedade. As obras começaram em novembro último. Falta apenas que segmentos do governo entendam a necessidade de apoiar esse projeto, incluindo os órgãos que atuam na preservação do patrimônio cultural, e não percam essa grande oportunidade de resgatar um pouco da autoestima da população. Excepcional possibilidade em um ano excepcional. O Brasil merece ter o seu primeiro museu de volta o quanto antes.

Alexander Kellner, diretor do Museu Nacional-UFRJ (Rio de Janeiro, RJ)

Fachada do Museu Nacional um ano após o incêndio Cristiano Mascaro - 14.ago.2019/Folhapress

Sem rumo e futuro

Enquanto as altas autoridades da República apreciam a sua picanha ao ponto, a fila do osso observa a turma da proteína animal comprar frigoríficos ao redor do planeta. Transferência de renda reversa e perversa, receita líquida na veia de quem não precisa, essa desoneração da folha salarial confirma que perdemos o rumo, a vergonha e o futuro.

Emilio B. Assirati (São Paulo,SP)

Simples assim

A qual público Mirian Goldenberg se dirige?, pergunta a indignada leitora Tereza Fernandez (Painel do Leitor, 31/12). Respondendo a ela, digo que a articulista escreve sobretudo com sensibilidade crítica, com pinceladas de licença poética, para um público adulto que é capaz de compreender e apreciar o contexto das suas letras. Simples assim.

Walter Roberto Correia (São Paulo, SP)

Sem arriscar

A Folha publicou a página "Veja as piores frases de Bolsonaro" (Poder, Folha, 31/12). Eu pergunto: esse energúmeno genocida falou alguma boa frase?

Rosangela Rossi (São Paulo, SP)

Quando uma reportagem começa com "Bolsonaro diz que", já se sabe o nonsense que vem. E quando o título anuncia as piores frases da criatura, a gente nem se arrisca a seguir com a leitura.

Hilton Mendonça (Arari, MA)

Que nome?

É intrigante o tom contido, as luvas de pelica usadas pelo contra-almirante Barra Torres para se referir às atitudes recentes de Bolsonaro. É importante dar nome aos bois! Como disse Drauzio Varella na coluna de 30/12, se criar obstáculos para imunizar nossas crianças não é crime, que nome isso teria?

Francisco J. Bueno de Aguiar (São Paulo, SP)

Boas-festas

A Folha agradece e retribui os votos de boas-festas recebidos de **João Doria**, governador do estado (São Paulo, SP), **Ricardo Nunes**, prefeito (São Paulo, SP), **Guilherme Ary Plonski**, diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP (São Paulo, SP), **Guilherme Afif Domingos** (São Paulo, SP), general **Rêgo Barros** (Brasília, DF), **Fernando Capez**, secretário especial de Defesa do Consumidor de São Paulo (São Paulo, SP), **Antonio Claudio Mariz de Oliveira**, advogado (São Paulo, SP), **Anna Luiza Müller**, jornalista (Rio de Janeiro, RJ), **Luis Eduardo Souza Flamini**, cirurgião-dentista (Guaranésia, MG).

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

CORRIDA (31.DEZ., PÁG. B12) Por um erro de montagem, a imagem da Primeira Página de 8 de setembro estava errada. A imagem correta é a que está abaixo:

FOLHA DE S.PAULO

Bolsonaro ameaça STF de golpe, e pressão por impeachment cresce

poder

PAINEL | Guilherme Seto (interino)

painel@grupofolha.com.br

Fermento

A pesquisa Datafolha que mostrou que o PT alcançou seu melhor resultado na preferência partidária do brasileiro desde 2013, com 28%, repercutiu positivamente entre as lideranças do partido, que projetam grande aumento da bancada no Congresso. O desempenho é usado por petistas na discussão interna do momento, sobre a formação de federação com outros partidos. Quem é contra diz que o PT vai ser usado, e quem é a favor afirma que não se pode olhar apenas para o próprio umbigo.

CAUSAS Os petistas listam motivos para explicar o crescimento recente: as crises provocadas pelo governo Jair Bolsonaro (PL), as derrotas no STF de Sergio Moro (Podemos) e uma campanha ativa para aumentar o número de filiados.

CONTRASTE "Na dor, o povo brasileiro está tendo que relembrar os avanços do governo do PT", diz Alexandre Padilha (SP).

POP Para Jilmar Tatto, secretário de Comunicação do PT, o partido vai chegar a 35% nas pesquisas de preferência partidária, impulsionado por Lula.

ABA Tatto é contra a formação da federação e afirma que o PT teria seu crescimento eleitoral limitado pela união. "Não é à toa que esses partidos querem fazer federação conosco. Porque sabem que o PT, com esse percentual, vai dobrar a bancada", afirma. O partido tem hoje 53 deputados federais.

MÉTRICA Líder do PT na Câmara, Bohn Gass (RS) diz que o crescimento de bancada não deve ser usado como medida para rejeitar a federação.

JUNTOS "O PT não pode pensar só em si. Tem que pensar no crescimento dos coirmãos. Tem que passar um aspecto positivo de união e compartilhamento", afirma.

CASA A sinalização de Lula de que preferia ter Geraldo Alckmin como vice pelo PSD irritou líderes do PSB, que também negociam para abrigar o ex-governador a fim de indicá-lo para compor a chapa com o petista.

IMPASSE Os socialistas estavam com as conversas avançadas com o PT para formar uma federação. As duas siglas, porém, têm encontrado dificuldade para chegar a consenso sobre candidaturas majoritárias em estados importantes, como São Paulo e Espírito Santo.

MOLHOU Nos últimos dias, dirigentes socialistas que já deram como praticamente certo o acordo entre as siglas recuaram e passaram a avaliar que a negociação esfriou.

AGENDA O STF deve julgar em 2022 uma ação que, na visão de criminalistas, tem potencial para esvaziar o instituto da colaboração premiada.

IGUAIS O processo está sob relatoria da ministra Rosa Weber e discute a possível equiparação do informante confidencial à figura da denúncia anônima.

ATALHO Isso esvaziaria as delações porque o informante confidencial do Ministério Público ou da polícia pode negociar benefícios penais em troca de informações, sem a necessidade de passar pelos trâmites burocráticos e pela supervisão de um magistrado.

CAMINHO O caso deve ser julgado pela Primeira Turma. Trata-se de um recurso contra decisão do STJ que aceitou a equiparação das duas figuras.

VOTOS O ministro Edson Fachin, do STF, afirmou nesta sexta (31) que espera que 2022 sirva para "ofertar ao Brasil luzes e não mais sombras".

BARREIRA "O amanhã não é uma das 'commodities' que teimam em reificar a vida; deve ser uma comunhão que resiste à barbárie, às ideologias cegas, e à tristeza dos caminhos tolhidos", afirmou.

MUDA O magistrado será presidente do TSE em 2022. Na mensagem sobre a virada do ano, ele não menciona Bolsonaro, mas fala que a continuidade do quadro atual do mundo abre risco para uma catástrofe.

ASSINATURA Bruna Brelaz, presidente da União Nacional dos Estudantes, diz que a edição de uma medida provisória para permitir a renegociação de dívidas com o Fies foi fruto de mobilização dos estudantes e que Bolsonaro não fez mais que sua obrigação.

CORRIDA "Não pode parecer ato isolado do Bolsonaro, que faz isso por motivo eleitoral", afirma Bruna. Como mostrou a **Folha**, o presidente decidiu dar fôlego à MP pressionado pela provável candidatura de Lula.

TIROTEIO

"Não olhe para cima, nem para baixo, nem para os lados! Será o mantra de Bolsonaro em 2022 para manter os fanáticos unidos

De Orlando Silva (PCdoB-SP), deputado federal, sobre as perspectivas do governo Jair Bolsonaro (PL) para 2022

com Matheus Teixeira

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 742,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 935,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.180,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.269,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.581,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
358.659 exemplares (novembro de 2021)

Augusto Aras, procurador-geral da República, em sessão plenária do STF
Fellipe Sampaio - 8.set.21/STF

Álibis de Aras perdem força, e STF pressiona por investigação de Bolsonaro

Ministros da corte criticam falta de supervisão das chamadas investigações preliminares da Procuradoria-Geral da República

Marcelo Rocha e Matheus Teixeira

BRASÍLIA As chamadas investigações preliminares se consolidaram em 2021 como álibi para o procurador-geral da República, Augusto Aras, se dizer diligente na apuração de suspeitas de irregularidades atribuídas ao presidente Jair Bolsonaro (PL) e a seu entorno.

De janeiro a novembro passados, a Procuradoria-Geral da República contabilizou 412 representações criminais que passaram a ser investigadas internamente, mais de um caso por dia. Bolsonaro foi alvo de 25 procedimentos desses.

Mas, nas últimas semanas, ministros do STF (Supremo Tribunal Federal) elevaram o tom das críticas por falta de supervisão do tribunal nesses expedientes e fecharam o cerco ao procurador-geral.

A tendência é que em 2022 os magistrados estejam ainda mais vigilantes. Procurada pela **Folha**, a PGR disse que não se manifestaria —em agosto, o Senado aprovou a recondução de Aras a mais dois anos de mandato.

A "notícia de fato", nome desses processos, é uma apuração preliminar relativa a variadas situações levadas ao conhecimento da Procuradoria.

Em diversas oportunidades, Aras lançou mão desse procedimento para dizer ao STF que não é omisso e que está apurando supostas ilegalidades de integrantes do governo federal.

Em outubro, porém, a ministra Cármen Lúcia deu início a um movimento para limitar os poderes da PGR nessas investigações.

Ela disse que nenhuma autoridade está "fora de qualquer supervisão ou controle" e mandou Aras detalhar ao STF as medidas que seriam tomadas em relação aos pedidos de investigação contra Bolsonaro devido às falas golpistas no 7 de Setembro.

Em dezembro, o ministro Alexandre de Moraes adotou medida similar determinando o trancamento de uma apuração preliminar instaurada pela PGR para verificar possível crime do chefe do Executivo, por ter feito falsa associação entre a Covid-19 e o risco de contrair o vírus da Aids.

Além disso, abriu inquérito sobre o caso a pedido da CPI da Covid, o que é inusual, e deu 24 horas para o PGR enviar ao STF todos os dados já levantados.

Antes, Aras já havia informado ao Supremo a abertura de apuração preliminar para averiguar a conduta, entre outros bolsonaristas, de dois filhos do presidente, do ministro Augusto Heleno (GSI) e da ministra Damares Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos). Nenhum dos casos havia evoluído.

Geralmente, nas manifestações enviadas ao STF no âmbito de pedidos para que membros do Executivo sejam investigados, Aras apenas afirma que abriu apurações internas e que, se constatada a prática de algum crime e a existência de lastro probatório mínimo, pedirá abertura de inquérito policial.

No caso de Bolsonaro, foram abertos 25 procedimentos desta natureza em 2021, com apenas uma solicitação de abertura de inquérito.

E isso só ocorreu após pressão da ministra Rosa Weber, relatora da investigação sobre a suspeita de prevaricação de Bolsonaro no caso da compra da vacina indiana Covaxin.

Neste caso, a Procuradoria enviou parecer inicialmente dizendo que seria impróprio um inquérito na esfera judicial porque a CPI da Covid ainda estava em funcionamento e já investigava o caso.

A ministra, então, endureceu o tom. Afirmou que não há previsão legal para que a Procuradoria espere os trabalhos de comissão parlamentar de inquérito para investigar crimes.

Disse ainda que, "no desenho das atribuições do Ministério Público, não se vislumbra o papel de espectador das ações dos Poderes da República".

Em novembro, por meio de dez pedidos de providências enviados ao STF sob sigilo, a PGR prestou contas do que fez após analisar o relatório final da CPI, entregue a Aras no final de outubro. Dos dez pedidos, seis envolvem Bolsonaro.

Partir diretamente para um inquérito seria uma possibilidade, avaliam integrantes da Procuradoria a partir de uma leitura das conclusões da CPI, mas o chefe do MPF (Ministério Público Federal) optou, mais uma vez, pela apuração preliminar interna.

Especificamente sobre essa situação relacionada às conclusões da CPI, a PGR informou que a justificativa para a abertura de apurações preliminares foi comunicada ao Supremo nos dez pedidos de providência enviados à corte.

Para sua surpresa, porém, Aras soube no início de dezembro da decisão de Moraes de abrir inquérito para averiguar o caso da falsa associação entre a Covid-19 e o risco de contrair o vírus da Aids.

> "Não basta ao órgão ministerial que atua perante a corte, no caso, a Procuradoria-Geral da República, a mera alegação de que os fatos já estão sendo apurados internamente. Não se revela consonante com a ordem constitucional vigente, sob qualquer perspectiva, o afastamento do controle judicial exercido por esta corte suprema em decorrência de indicação de instauração de procedimento próprio [na Procuradoria]
>
> **Alexandre de Moraes**
> ministro do Supremo Tribunal Federal

O pedido foi endereçado diretamente ao magistrado por ser ele o relator do inquérito das fake news, que apura a disseminação de notícias falsas e ataques a instituições.

Aras contestou a decisão, sob a justificativa de que seria um procedimento irregular porque haveria duplicidade de investigação. O ministro não acolheu os argumentos.

A visibilidade de inquérito que tramita no tribunal é geralmente maior do que a de uma apuração preliminar interna que corre na PGR.

Moraes é um dos ministros do Supremo mais críticos da estratégia do procurador-geral de abrir apurações preliminares internas sem o acompanhamento judicial.

"Não basta ao órgão ministerial que atua perante a corte, no caso, a Procuradoria-Geral da República, a mera alegação de que os fatos já estão sendo apurados internamente", disse o ministro.

"Não se revela consonante com a ordem constitucional vigente, sob qualquer perspectiva, o afastamento do controle judicial exercido por esta corte suprema em decorrência de indicação de instauração de procedimento próprio [na Procuradoria]."

Ele afirmou que somente informação e apresentação ao STF dos documentos que mostrem o andamento das investigações, com a indicação de eventuais diligências já realizadas ou ainda a serem feitas, garantem a plena supervisão judicial.

Aras alega que "reparte frequentemente com a corte informações" acerca do trabalho e que busca "não inundar a Suprema Corte com o expressivo volume de representações que são diuturnamente formalizadas".

De acordo com ele, as representações criminais são processadas como "notícia de fato" na PGR para funcionarem como uma espécie de "purificador e de anteparo à corte".

"Evitando-se que centenas de representações, algumas apócrifas, desconexas e/ou infundadas, aterrizem diretamente e desnecessariamente no campo da supervisão judicial da Suprema Corte", disse em manifestação recente enviada ao STF.

Afirmou ainda que não diverge dos magistrados sobre a obrigatoriedade da supervisão judicial pelo tribunal, mas que a "notícia de fato" e inquérito são procedimentos que não se confundem.

Desejos impossíveis

2022 não tem o direito de ser uma simples extensão do macabro 2021

Demétrio Magnoli
Sociólogo, autor de "Uma Gota de Sangue: História do Pensamento Racial". É doutor em geografia humana pela USP

Mandela acreditava que tantas coisas "sempre parecem impossíveis, até serem feitas". Neste Réveillon, desisti do fácil, até do possível. Busco o impossível.

1. Ao longo de 2022, a pandemia se reduzirá a uma endemia como outras. Antes disso, que as sociedades finalmente sigam a ciência, eliminando a espessa camada de superstições depositada sobre a vida cotidiana.

Basta de controles aleatórios de temperatura, luvinhas plásticas em restaurantes self-service, máscaras ao ar livre fora de aglomerações. Abaixo o teatro do sanitarismo.

2. Que a Sociedade Brasileira de Cardiologia exclua Marcelo Queiroga, o estafeta que opera como sabotador da vacinação infantil. Que os conselhos de medicina punam os médicos charlatães da cloroquina, ivermectina e despachos similares.

Por quanto tempo os representantes corporativos continuarão a manchar a imagem de uma categoria constituída, majoritariamente, por profissionais sérios e dedicados?

3. Não pedirei a derrota eleitoral acachapante de Bolsonaro, para não desejar o simplesmente provável. Quero que, depois dela, procuradores e juízes contrariem a inclinação brasileira à conciliação entre as elites, julgando a coleção de crimes de um presidente infame.

4. Pazzuelo violou o regulamento do Exército ao usar o microfone num comício de Bolsonaro —e não sofreu sanção. Que, só para variar, os comandantes das Forças Armadas cumpram as regras militares.

5. Nostalgia é, geralmente, uma atitude reacionária —mas há exceções. Recordo um passado recente no qual, em polêmicas públicas, ninguém reivindicava a posição de porta-voz de etnias, raças ou gêneros.

O pacto implícito era que cada um só expressava seu próprio ponto de vista. Ou seja: indivíduos conversando, não representantes autoproclamados de grupos identitários. Eis um desejo impossível: retornar a um tempo no qual o argumento não era refém do "lugar de fala".

6. Na era das redes sociais, isto é, da desinformação em massa, o jornalismo profissional tornou-se ainda mais necessário.

Contudo, justamente nessa era, a imprensa adotou o atalho errado, imitando as próprias redes e conferindo o estatuto de notícia a meras fofocas ou arranca-rabos entre celebridades. Que o jornalismo redescubra sua função, apostando na inteligência dos leitores.

7. As plataformas globais da internet transformaram-se, basicamente, em órgãos oficiosos de regimes autoritários e movimentos extremistas.

O Facebook, em especial, foi a ferramenta escolhida para a condução de crimes incontáveis, da limpeza étnica dos rohingya, em Mianmar, à invasão do Capitólio, em Washington.

Que os acionistas e diretores dessas empresas sejam responsabilizados juridicamente pela difusão de correntes de fake news destinadas a destruir instituições democráticas e promover o ódio étnico ou religioso.

8. Eleições são, ou deveriam ser, um diálogo nacional sobre o passado e os caminhos para o futuro. Mas, para isso, seus protagonistas precisam tratar os eleitores como adultos.

Que a campanha de Bolsonaro renuncie a qualificar seus oponentes de "comunistas" ou "pedófilos". Que Moro desista de rotular Lula como corrupto, reconhecendo a anulação judicial das sentenças produzidas por seu conluio ilegal com os procuradores-militantes.

Que o PT abdique de acusar Bolsonaro de "fascismo", "neonazismo" ou "genocídio", concentrando-se nos muitos crimes reais cometidos pelo presidente.

Arthur C. Clarke, o genial escritor de ficção científica, concluiu que "os limites do possível só podem ser definidos quando os ultrapassamos, avançando rumo ao impossível".

Se ele tiver razão, desejar o impossível não é perder-se em devaneios, mas ajustar o foco de modo a identificar os contornos daquilo que, realisticamente, podemos mudar. 2022 não tem o direito de ser uma simples extensão do macabro 2021.

| DOM. **Elio Gaspari, Janio de Freitas** | SEG. Celso R. de Barros | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari, Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Sede do TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região), em São Paulo Divulgação

Tribunal muda elogiado modelo de combate à lavagem e recebe queixas

Varas em São Paulo que julgam apenas esse crime passarão a decidir também sobre crimes comuns

José Marques

SÃO PAULO O TRF-3 (Tribunal Regional Federal da 3ª Região) reverteu uma medida que foi considerada há quase duas décadas como uma evolução no combate à lavagem de dinheiro e crimes financeiros em São Paulo: a exclusividade de varas na capital para julgar esses casos.

Um provimento que entrará em vigor no próximo dia 7 de janeiro prevê que as três varas criminais federais que julgam exclusivamente casos de lavagem de dinheiro na cidade de São Paulo também passarão a decidir sobre crimes comuns.

Ao mesmo tempo, as varas federais locais que atualmente estão julgando crimes comuns passarão a receber também crimes de lavagem —à exceção de uma.

A retirada da exclusividade das varas federais é defendida pelo tribunal como uma forma de diminuir conflitos de competência (que decidem quem será o juiz do caso) em processos com suspeitas de lavagem de dinheiro.

A medida, entretanto, tem sido criticada tanto por membros do Ministério Público como por advogados e por juízes que atuam na área.

A crítica ocorre porque o modelo em vigor atualmente vinha sendo considerado uma vitória da Justiça Federal para a análise de processos de alta complexidade.

Em 2004, quando duas varas

> **Há crime organizado no Brasil inteiro, mas casos complexos de crimes contra o sistema financeiro, como insolvência de bancos e operações fraudulentas na bolsa [...], são em São Paulo. São processos com muitos réus, muitos já na casa dos 60 anos. [...] Fatalmente vão acabar em prescrição.**
>
> **Silvio Pettengill Neto**
> procurador-chefe do Ministério Público Federal em Mato Grosso do Sul

de São Paulo passaram a atuar exclusivamente em ações de lavagem de dinheiro, foi até realizada uma cerimônia que contou com a presença do então ministro da Justiça do governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Márcio Thomaz Bastos.

A presidente do TRF-3 à época, Anna Maria Pimentel, afirmou em seu discurso que "os crimes de colarinho branco e de lavagem de dinheiro requerem especialização de juízes, para atender aos anseios da sociedade".

"Este é um momento importante para enfrentar o aumento da criminalidade, e a Justiça agita-se para realizar este trabalho, é preciso agir", afirmou Pimentel.

O modelo que vai ser implantado a partir de janeiro de 2022, que desfaz essa mudança, foi criado a partir de um estudo solicitado pela cúpula do tribunal.

Embora a exclusividade de 2004, segundo afirma o estudo, tenha sido "uma iniciativa para aprimorar o controle desta espécie de criminalidade [lavagem]", se acreditava que garantiria "maior qualidade e celeridade na prestação jurisdicional, especialmente quanto aos delitos de maior complexidade".

Entretanto, esses objetivos, ainda segundo o estudo, não foram alcançados nas varas exclusivas.

"Para além de não se ter atingido a finalidade de concentração de esforços para uma resposta estatal mais efetiva, a especialização também acarretou maior atraso na tramitação", argumenta o trabalho, atribuindo essa demora às dúvidas sobre as competências das varas.

Apesar da defesa da mudança feita pelo tribunal, pessoas que trabalham com o tema acham que a solução agora encontrada só tenderá a piorar o andamento dos processos em tramitação.

"Se assim proceder, o tribunal estará indo na contramão de uma estratégia internacional de combate à lavagem de dinheiro", contesta o juiz federal aposentado Odilon de Oliveira, que ficou conhecido pela sua atuação contra o tráfico em Mato Grosso do Sul, estado que também integra o TRF-3.

Um magistrado que atua em São Paulo afirmou, em reservado, que essa mudança vai no sentido contrário das metas da Estratégia Nacional de Combate à Corrupção e Lavagem de Dinheiro, rede que envolve os três Poderes para discutir políticas públicas a respeito do tema.

A advogada Ludmila Groch, sócia do Lefosse Advogados e especialista em anticorrupção e crimes de colarinho branco, afirma que, embora a ideia do TRF-3 "possa parecer benéfica, não parece a melhor solução".

"O crime de lavagem de dinheiro é especialmente elaborado e multifásico, envolvendo esquemas complexos que exigem grande estudo e experiência por parte do magistrado e do Ministério Público para sua correta elucidação", afirma ela.

De acordo com a advogada, juízes e promotores especializados acumulam experiência que lhes permite avaliar esses casos com mais precisão.

Caso o tribunal esteja preocupado com uma eventual

> **Isso é resultado do trabalho de pessoas que conhecem a realidade da Justiça Criminal, conhecem a realidade dos processos criminais da Justiça Federal, conhecem as dificuldades e [...] as melhores formas de dar andamento e de dar celeridade e julgar**
>
> **Raecler Baldresca**
> juíza auxiliar da Presidência do TRF-3

morosidade dos casos de lavagem, diz ela, o ideal seria a criação de novas varas especializadas, não a mera redistribuição dos casos.

"É essa, inclusive, a orientação geral do Conselho Nacional de Justiça e das melhores práticas internacionais", completa.

Na contramão dessas opiniões, o advogado criminalista Conrado Gontijo avalia que a medida será positiva e acredita que não trará prejuízo às apurações.

Os maiores críticos da mudança são os membros do Ministério Público Federal.

Reservadamente, quatro procuradores da República em São Paulo falaram à **Folha** e classificaram o novo modelo como um retrocesso e um desmonte de estruturas de julgamento de lavagem de dinheiro.

O procurador-chefe do Ministério Público Federal em Mato Grosso do Sul, Silvio Pettengill Neto, também criticou a medida. Segundo ele, a mesma mudança foi feita em varas federais de Campo Grande e houve prejuízo no andamento dos processos de lavagem.

"Tivemos muitas prescrições. Em São Paulo vai acontecer a mesma coisa que acontece em Mato Grosso do Sul. Há crime organizado no Brasil inteiro, mas casos complexos de crimes contra o sistema financeiro, como insolvência de bancos e operações fraudulentas na bolsa de valores, são em São Paulo", afirma.

"São processos com muitos réus, muitos deles já na casa dos 60 anos e que têm advogados caros. Fatalmente vão acabar em prescrição."

Para ele, o tribunal está "buscando uma estrutura que é fadada ao insucesso, misturando complexidade com volume".

"Uma boa analogia é que misturaram velocista com fundista. É uma competição que você não sabe se está correndo maratona, meia maratona ou prova de velocidade. Usain Bolt não seria campeão da maratona de Nova York."

Uma das responsáveis por implantar o novo modelo é a juíza Raecler Baldresca, auxiliar da presidência do TRF-3. Ela afirma que, além de partirem de estudos, as mudanças foram elaboradas a partir de uma comissão de magistrados que se aprofundou no assunto e escutou a sugestão de colegas.

Segundo a juíza, com menos conflitos de competência, os processos tramitarão de forma mais célere. Além disso, diz ela, a mudança até facilitará a divisão do trabalho na provável implementação do juiz das garantias —quando a condução dos processos criminais será dividida entre dois magistrados, um deles será responsável pela fase da investigação, enquanto o outro se encarrega do julgamento.

"Isso é resultado do trabalho de pessoas que conhecem a realidade da Justiça Criminal, conhecem a realidade dos processos criminais da Justiça Federal, conhecem as dificuldades e conhecem as melhores formas de dar andamento e de dar celeridade e julgar. São juízes experientes", diz Baldresca.

Senadora Simone Tebet (MDB-MS) discute com Wagner Rosário, ministro da Controladoria-Geral da União (CGU), após comportamento machista Roque de Sá - 21.set.21/Agência Senado

CPI da Covid foi palco de prisão e negacionismo

Com bate-bocas e casos de corrupção, comissão propôs indiciamento de 78 pessoas, incluindo Bolsonaro, e 2 empresas

SÃO PAULO Encerrada em outubro, a CPI da Covid produziu um relatório em que propõe o indiciamento de 78 pessoas, incluindo o presidente Jair Bolsonaro (PL), e duas empresas. O documento cita irregularidades em negociações de vacinas. Os dois principais casos envolveram o imunizante indiano Covaxin e o pedido de propina de US$ 1 por dose, revelado pela **Folha**.

Apontado como responsável pelo pedido de propina, o então diretor de Logística do Ministério da Saúde, Roberto Ferreira Dias, saiu preso de seu depoimento na comissão, no início de julho. Esse foi apenas um dos episódios de atrito entre membros do colegiado e depoentes.

Relembre suspeitas na compra de vacinas pelo governo Bolsonaro, confusões e bate-bocas da CPI da Covid.

Caso Covaxin

A suspeita sobre a compra da vacina indiana veio à tona quando a **Folha** revelou, em 18 de junho, o teor do depoimento sigiloso do servidor da Saúde Luis Ricardo Miranda ao Ministério Público Federal, que relatou pressão "atípica" para liberar a importação da vacina Covaxin.

Assinado em tempo recorde, o contrato entre o governo federal e a Precisa Medicamentos, mediadora do negócio, virou alvo da comissão parlamentar. Entre os pontos levantados estava o valor da dose, em torno de R$ 80 (ou US$ 15 a dose), o maior entre os imunizantes oferecidos ao governo federal.

A dose da Pfizer, por exemplo, custava R$ 56,30 (US$ 10) e da AstraZeneca/Oxford, R$ 19,87 (US$ 3,16).

O acordo assinado previa a entrega de 20 milhões de doses, que nunca chegaram, por um valor de R$ 1,61 bilhão.

Além disso, a Precisa tentou, por duas vezes, garantir um pagamento antecipado de US$ 45 milhões na importação de um primeiro lote de 3 milhões de doses de vacina, o que não ocorreu, nem a entrega nem o pagamento.

A fiscal do contrato, Regina Célia Silva Oliveira, chegou a apontar inadimplência na entrega de doses e prazo de validade "muito exíguo" dos lotes prometidos que nunca chegaram ao Ministério da Saúde.

Outro ponto irregular na transação foi a garantia dada pela Precisa. Tratava-se de uma "carta de fiança" fidejussória (pessoal, não emitida por um banco ou uma seguradora), que era irregular, por não estar prevista no contrato.

A emissora da carta era a FIB Bank Garantias, que não é um banco e que já teve garantia negada na Justiça por falta de segurança jurídica. O ministério chegou a prever a dispensa de garantia para a compra da Covaxin.

A crise da Covaxin se instalou no Palácio do Planalto após o deputado federal Luis Miranda (DEM-DF), irmão do servidor da Saúde, relatar que, durante encontro em março, o presidente Bolsonaro havia sido alertado por eles sobre as irregularidades.

Foi quando o parlamentar disse ter ouvido do presidente a promessa de que a PF seria acionada. Em depoimento na CPI, o deputado afirmou que Bolsonaro teria dito que as tratativas pela Covaxin seriam um "rolo" do seu líder na Câmara dos Deputados, Ricardo Barros (PP-PR).

Em meados de julho, a PF instaurou inquérito para investigar suspeita de prevaricação de Bolsonaro no caso.

No fim de julho, o Ministério da Saúde anunciou o cancelamento do contrato.

Pedido de propina

O representante de uma vendedora de vacinas afirmou em entrevista à **Folha** que recebeu pedido de propina de US$ 1 por dose em troca de fechar contrato com o Ministério da Saúde.

O policial militar Luiz Paulo Dominghetti Pereira, representante da empresa Davati Medical Supply, disse que o então diretor de Logística da Saúde, Roberto Ferreira Dias, cobrou a propina em um jantar em um restaurante de Brasília em dia 25 de fevereiro.

"O caminho do que aconteceu nesses bastidores com o Roberto Dias foi uma coisa muito tenebrosa, muito asquerosa", disse Dominghetti.

Dias foi exonerado pelo governo Bolsonaro após a denúncia vir à tona.

A Davati buscou a pasta para negociar 400 milhões de doses da vacina da AstraZeneca com uma proposta feita de US$ 3,50 por dose (depois disso passou a US$ 15,50).

O presidente da CPI da Covid, Omar Aziz, dá voz de prisão a Roberto Ferreira Dias Waldemir Barreto - 7.jul.21/Agência Senado

Em depoimento à CPI, o ex-diretor da Saúde confirmou o jantar com Dominghetti, mas negou ter cobrado propina.

Ele disse que se encontrou por acaso com o policial no restaurante Vasto, em um shopping na região central de Brasília. "Não era um jantar com fornecedor, era um jantar com um amigo."

Apesar da fala de Dias, emails obtidos pela **Folha** mostram que a Saúde negociou oficialmente venda de vacinas com representantes da Davati. As mensagens foram trocadas entre Dias; seu então assessor, o tenente-coronel Marcelo Blanco; Herman Cardenas, dono e presidente da empresa, e Cristiano Alberto Carvalho, representante da Davati.

Prisão de Roberto Dias

Durante o depoimento do ex-diretor da Saúde, no início de julho, o presidente da comissão, senador Omar Aziz (PSD-AM), deu voz de prisão a Dias.

Segundo ele, o depoente mentiu em diversos pontos de sua fala e por isso determinou que a Polícia Legislativa recolhesse o depoente.

"Ele está mentindo desde a manhã, dei chance para ele o tempo todo. Pedi por favor, pedi várias vezes. E tem coisas que não dá para... Os áudios que nós temos do [Luiz Paulo] Dominghetti [vendedor de vacinas] são claros", afirmou Aziz. "Ele vai estar detido agora pelo Brasil, pelas vítimas que morreram."

Dias permaneceu mais de cinco horas detido na sede da Polícia Legislativa, no subsolo do Congresso Nacional. Ele foi liberado no fim da noite, após pagar fiança de R$ 1.100.

Ataque machista de ministro a Simone Tebet

Em seu depoimento no colegiado, em 21 de setembro, o ministro da CGU (Controladoria-Geral da União), Wagner Rosário, chamou a senadora Simone Tebet (MDB-MS) de "descontrolada", ouvindo de outros parlamentares que era machista. Após confusão, a sessão chegou a ser interrompida.

O depoimento de Rosário teve clima quente ao longo do dia. Senadores chamaram a postura do ministro da CGU de "altiva" e "arrogante". O senador Tasso Jereissati (PSDB-CE), que presidiu uma parte da sessão, pediu para Rosário "baixar a bola".

O momento de maior tensão na comissão ocorreu durante a série de perguntas de Tebet. A senadora apontou omissões da CGU no contrato da Covaxin e sugeriu que Rosário era um "engavetador" e que "passava pano".

Ao responder, Rosário afirmou que havia "uma série de inverdades" no relato da senadora e recomendou que ela "lesse tudo de novo".

Tebet então rebateu, disse que ele poderia apontar que ela disse inverdades, mas não poderia ordenar que ela relesse os documentos. "A senhora me chamou de engavetador. Me chamou do que quis", disse Rosário. "A senhora está totalmente descontrolada."

A fala deu início a um grande tumulto, com vários senadores defendendo Tebet. Otto Alencar (PSD-BA) chamou Rosário de "moleque". "Não é um coordenador, isso é um moleque. Um moleque", gritou. "Um moleque, pau-mandado", continuou Otto. "Mas é que ele está se comportando como um menino mimado", disse Tebet.

Após a sessão, Rosário postou um pedido de desculpa a Tebet em uma rede social.

Ataque homofóbico de bolsonarista contra senador

Durante seu depoimento na comissão, o empresário bolsonarista Otávio Fakhoury foi confrontado pelo senador Fabiano Contarato (PT-ES) por causa de um comentário homofóbico.

O empresário havia replicado um tuíte no qual o parlamentar comete um erro de grafia. "O delegado, homossexual assumido, talvez estivesse pensando no perfume de alguma pessoa ali daquele plenário. Quem seria o 'perfumado' que lhe cativou", escreveu Fakhoury.

Logo no início da sessão da CPI da Covid, Contarato ocupou a cadeira da presidência da comissão, ao lado do depoente, e confrontou o seu agressor. Disse que "dinheiro não compra dignidade, não compra caráter". E afirmou que a família de Fakhoury não é melhor do que a sua, formada por ele, seu marido e dois filhos negros, Gabriel, de sete anos, e Mariana, de dois.

O empresário então recuou, disse que se tratava de uma brincadeira, pediu desculpas e se retratou.

Mais tarde, em entrevista à **Folha**, o senador comentou o episódio. "Somos um país preconceituoso, sexista, homofóbico, racista, misógino. Era necessário esse local de fala para dar um basta nisso. A gente não pode perder a capacidade de indignação."

Depoimentos negacionistas

A comissão também foi marcada pela insistência de aliados de Bolsonaro em teses negacionistas.

O deputado Osmar Terra (MDB-RS), tido como padrinho do gabinete paralelo, por exemplo, atacou práticas como o lockdown, dizendo ser "fora da realidade" trancar as pessoas em casa por longos meses enquanto a vacina não era desenvolvida.

A médica Nise Yamaguchi, defensora da cloroquina e ligada a Bolsonaro, também foi ouvida. Na comissão, ela disse que vacinação e o chamado tratamento precoce contra o coronavírus, defendido pelo presidente, são estratégias diferentes, mas igualmente importantes. Não há evidência científica da eficácia de drogas como cloroquina e ivermectina no combate à Covid.

Já o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, em seu primeiro de dois depoimentos, tentou driblar perguntas sobre o posicionamento pessoal de Bolsonaro e não deu sua opinião sobre o uso da hidroxicloroquina contra a Covid.

No seu segundo depoimento à comissão, Queiroga disse, então, que "ainda pairam dúvidas" sobre a efetividade da Coronavac, vacina desenvolvida pelo Instituto Butantan em parceria com o laboratório chinês Sinovac.

O imunizante começou a ser aplicado na população brasileira após autorização da Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária).

Mayra Pinheiro, a "capitã cloroquina", também defendeu a droga durante seu depoimento no colegiado.

A secretária da Gestão do Trabalho e da Educação do Ministério da Saúde confirmou ter informado à Secretaria de Saúde do Amazonas que era "inadmissível" não adotar a orientação da pasta sobre uso da cloroquina.

O estado viveu dias de caos no início do ano, com pacientes morrendo asfixiados à espera de oxigênio.

"A orientação para tratamento precoce é para todos os médicos brasileiros, não só para Manaus", acrescentou.

Com ômicron, 20 países batem recorde de casos

Aumento acentuado de infecções em meio a surto da variante em 4 continentes deixa sistemas de saúde sob pressão

Donato Paolo Mancini, John Burn-Murdoch e Stefania Palma

LONDRES E ROMA | FINANCIAL TIMES Vinte países em quatro continentes relataram números recordes de casos de Covid-19 na última semana, salientando a pressão que a variante ômicron exerce sobre os sistemas de saúde de países ricos e pobres em todo o mundo.

A Organização Mundial de Saúde alertou para um "tsunami" iminente de infecções, já que as variantes ômicron, altamente transmissível, e delta circulam juntas. Pelo menos cinco países —incluindo Austrália, Dinamarca e Reino Unido— experimentaram um aumento de mais que o dobro do pico de casos registrado anteriormente, de acordo com análise do Financial Times.

A média móvel de casos em sete dias nos Estados Unidos se aproximou de 300 mil na quarta-feira (29), a maior contagem diária desde o início da pandemia, de acordo com o rastreador de dados do FT.

Os países também estão aplicando muito mais testes hoje do que nas etapas anteriores da pandemia, mas a porcentagem de testes que dão resultado positivo está aumentando de modo geral, indicando que o aumento de casos é real. Em vários países —incluindo Inglaterra, Canadá e Dinamarca— a positividade do teste já atingiu um nível recorde desde que começaram os exames comunitários generalizados.

Os testes de PCR e de fluxo lateral não estão atualmente disponíveis, ou são difíceis de obter, em vários países, incluindo Reino Unido e Itália.

A Austrália, que antes seguiu uma política de "Covid zero", viu um aumento nas infecções de cerca de cinco vezes e meia o pico registrado anteriormente, segundo a análise.

As evidências iniciais sugerem que a ômicron é menos grave em comparação com as variantes anteriores. Isso pode ser porque o coronavírus infectou milhões de pessoas desde seu surgimento, há dois anos, dando aos infectados certa imunidade, e por causa da vacinação. Ainda não se sabe, entretanto, se a ômicron é menos virulenta para as pessoas que não foram vacinadas ou expostas ao vírus, especialmente para as mais vulneráveis.

Especialistas alertaram contra a minimização do impacto da ômicron após concluir que a doença é mais branda.

"O aumento exponencial de casos em países e cidades em todo o mundo pode resultar em sistemas de saúde cada vez mais pressionados", disse Soumya Swaminathan, cientista-chefe da OMS. "Uma pequena porcentagem de um grande número de pessoas ainda pode lotar os hospitais e, além disso, aumentar tremendamente a necessidade de atendimento ambulatorial."

O grande aumento de casos já pressionou os hospitais dos EUA, onde estados com altos índices de vacinação, incluindo Nova York e a capital Washington, também experimentam um aumento das infecções.

A governadora de Nova York, Kathy Hochul, disse na quarta que o estado está mobilizando equipes médicas adicionais e ampliando a capacidade de leitos conforme as taxas de internação aumentam, mas continuam menores em comparação com o mesmo período do ano passado.

"Estamos basicamente nos preparando para um aumento repentino em janeiro", disse. "Sabemos que está chegando."

Mike Ryan, diretor de emergências da OMS, disse que é provável que o vírus evolua para uma fase endêmica, mas "é muito improvável que desapareça completamente".

Desde que a cepa ômicron foi detectada pela primeira vez, no sul da África no mês passado, os países correram para conter sua disseminação, restringindo viagens ou fechando fronteiras e expandindo campanhas de reforço. A ômicron parece ser mais transmissível do que a delta e capaz de romper a imunidade causada por vacinas e infecções anteriores.

As evidências iniciais indicam que os cursos completos das vacinas existentes podem ser menos eficazes no combate à variante, embora as doses de reforço possam ajudar a restaurar parte dessa proteção. Para vacinas usadas principalmente em países mais pobres, essa proteção é ainda menor. A Johnson foi a última empresa a dizer que uma dose extra de sua vacina ajudou contra a variante, na quinta-feira (30).

Nos dois anos desde que foi detectado pela primeira vez, o coronavírus infectou mais de 284 milhões de pessoas globalmente, matando mais de 5,4 milhões, de acordo com a Universidade Johns Hopkins, embora ambos os números provavelmente sejam muito subestimados.

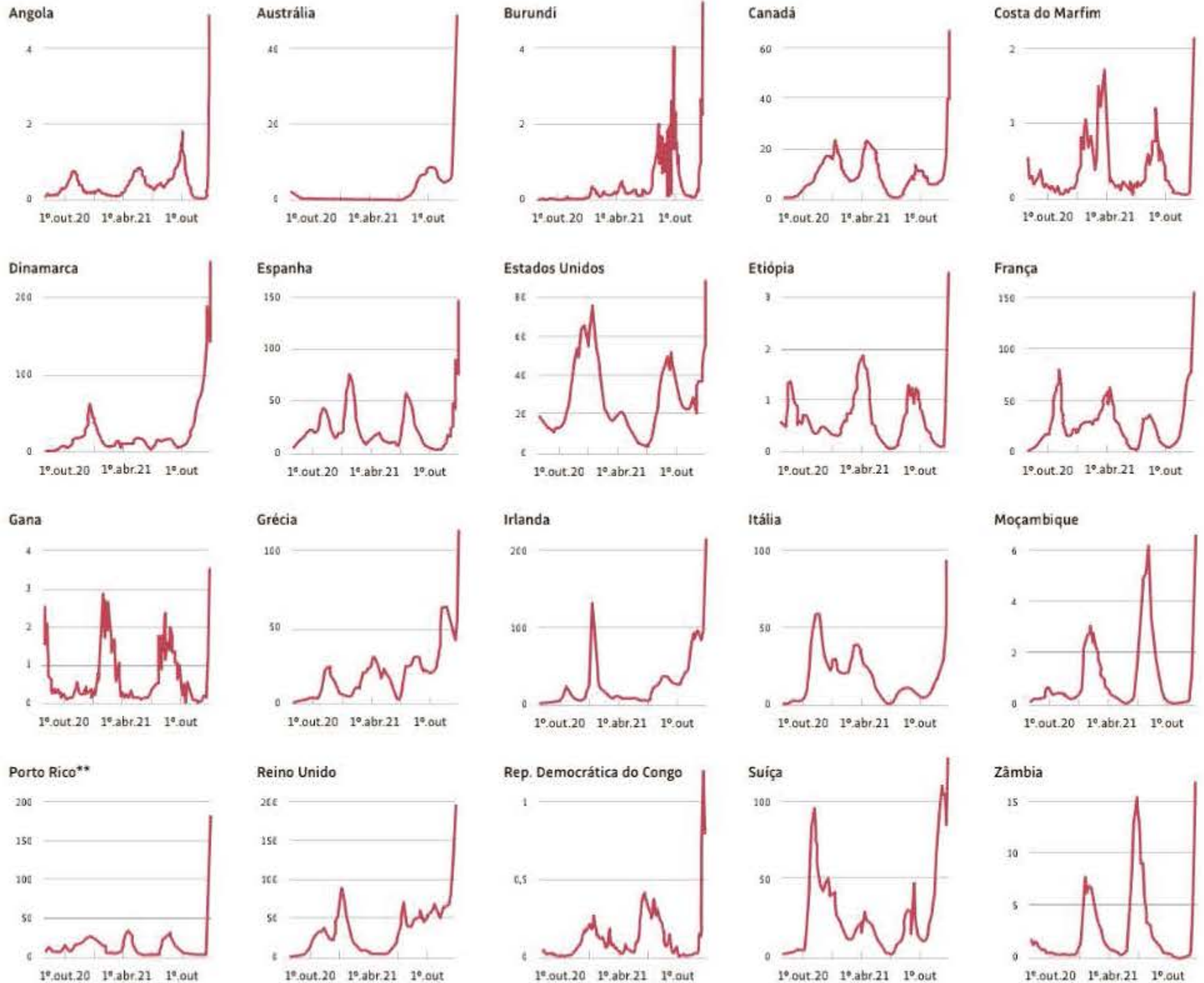
Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Vinte países em 4 continentes registram recordes em casos de Covid-19

Média móvel de casos diários por 100 mil habitantes*

Em ordem alfabética

Angola · Austrália · Burundi · Canadá · Costa do Marfim · Dinamarca · Espanha · Estados Unidos · Etiópia · França · Gana · Grécia · Irlanda · Itália · Moçambique · Porto Rico** · Reino Unido · Rep. Democrática do Congo · Suíça · Zâmbia

(eixo horizontal: 1º.out.20 · 1º.abr.21 · 1º.out)

*As escalas usadas em cada gráfico são diferentes. **Porto Rico é um território dos EUA. Fonte: Financial Times | Dados até 30.dez.21

Aglomeração em NY dá ares de normalidade a Ano-Novo em meio a pico de contágios de Covid

Rafael Balago

NOVA YORK Na quinta-feira (30), a cidade de Nova York bateu seu recorde de novos casos de Covid, com mais de 40 mil registros. Mas quem anda pelas vias turísticas da cidade tem a impressão de que a vida está quase normal: as calçadas estão cheias e em vários pontos multidões se formam para ver as luzes de Natal, tirar fotos e fazer compras.

A cidade fez uma festa da virada nesta sexta-feira (31), na Times Square, para 15 mil pessoas, que apresentaram comprovante de vacinação e usaram máscaras. O público total foi reduzido, mas a prefeitura manteve o evento, como uma tentativa de afirmar que a cidade permanece aberta ao turismo e aos negócios.

O prefeito Bill de Blasio, em suas últimas horas no cargo antes da posse de Eric Adams, vendeu seu peixe em entrevista à TV NBC. "Queremos mostrar que estamos indo para a frente e queremos mostrar ao mundo que a cidade de Nova York está abrindo caminho e lutando. É muito importante não desistir", afirmou ele.

A estratégia de atrair visitantes deu certo. Na noite de quinta, mal era possível circular pelas calçadas ao redor da árvore de Natal do Rockfeller Center, onde fica a pista de patinação no gelo mais famosa da cidade —e, por consequência, dos Estados Unidos. Dezenas de pessoas buscavam um espaço para tirar fotos, sem se preocupar com as recomendações de distanciamento para evitar contágios.

Mais de 50 pessoas esperavam para subir no mirante Top of the Rock. E outras filas se formaram para entrar na joalheria Cartier, para comer um lanche no carrinho de rua The Big Halal e para usar o banheiro da loja Macy's. Em nenhum desses pontos da cidade-símbolo dos EUA parecia haver preocupação com o distanciamento social.

Na Times Square, o ponto mais importante da festa da virada, uma grande área foi cercada com grades para a montagem dos palcos. Com isso, restou ainda menos espaço para a multidão, que se congestionava nas calçadas, iluminadas pelos telões com anúncios. E havia mais aglomerações para fazer fotos da bola de luzes coloridas, que fica no topo de um prédio e, tradicionalmente, simboliza a chegada do novo ano.

Os 40.856 casos confirmados na quinta são a maior marca para a cidade de Nova York desde o começo da pandemia. O total de mortes pela doença segue estável, com uma média de 28 por dia.

Brasil rejeita herança portuguesa, diz autor de livro sobre relação dos países

Para o jornalista Carlos Fino, visão negativa de Portugal alimenta lusofobia dos brasileiros

ENTREVISTA
CARLOS FINO

Giuliana Miranda

LISBOA Apesar do discurso diplomático de que Portugal e Brasil são países irmãos, unidos por profundos laços de amizade, existe um estranhamento entre as duas nações. Enquanto o Brasil tem vergonha de suas origens lusitanas, os portugueses menosprezam a antiga colônia.

Essas e outras considerações são feitas por Carlos Fino, 73, uma das figuras mais conhecidas do jornalismo português. Ele acaba de lançar "Portugal-Brasil: Raízes do Estranhamento" (Ed. Lisbon International Press) como resultado de sua tese de doutorado, defendida na Universidade do Minho.

Na obra, o autor argumenta que existe uma lusofobia no Brasil, alimentada por uma visão negativa de Portugal presente na imprensa, nos livros didáticos e até produções culturais, como filmes e novelas.

"O Brasil tem vergonha da herança portuguesa", afirma o jornalista, para quem o preconceito com o passado lusitano é inconsciente e até rejeitado pela intelectualidade brasileira. O novo livro, segundo o autor, é uma tentativa de contribuir para a superação do estranhamento entre os dois países. "É melhor aceitarmos a diferença para podermos superá-la."

Carlos Fino, 73
Nascido em Lisboa, estudou direito antes de ingressar no jornalismo na década de 1970. Foi correspondente internacional e de guerra pela RTP, com destaque para a cobertura da invasão americana do Iraque em 2003. Mudou-se para o Brasil em 2004, onde foi conselheiro de imprensa da embaixada de Portugal em Brasília até 2012.

*

No livro, o senhor afirma que há um forte estranhamento entre Portugal e Brasil. Como começou a se dar conta disso? A minha missão na embaixada era projetar Portugal no Brasil, então eu estava particularmente antenado a esse tipo de coisas. Por exemplo, em uma exposição sobre o Barroco brasileiro, em Brasília, não tinha uma referência a Portugal. Não havia a palavra "Portugal" e não havia a palavra "português".

Isso começou-me a mostrar que o viés brasileiro é, digamos, diluir a memória portuguesa. Quando ela não pode ser apagada, ela é diluída. Em vez de português, diz-se ibérico. Ou em vez de ibérico, diz-se europeu.

As anedotas [piadas] que ainda persistem, pelas nossas costas ou na nossa frente. Não houve um português com quem eu tivesse falado para esta tese que não tenha contado que se sentiu constrangido ou humilhado de alguma forma com as anedotas. Essa persistência do português como sujo, como burro.

Como português, eu não poderia deixar também de reagir a isso. Acho que Portugal corre o risco de ver a sua memória histórica no Brasil apagada.

Na sua avaliação, por que há esse risco de apagamento? É claro que o Brasil tem diversas outras influências, desde as pré-históricas, passando pelos indígenas e depois pela presença negra vinda por meio da escravatura. Mais tarde, a partir do fim do século 19, com espanhóis, italianos, japoneses, alemães, sírios, libaneses, eslavos e tantos outros. Claro que tudo isso tem que estar presente.

Agora, o que o que não pode ser apagado é que, apesar de todas essas diferenças, o que marca o Brasil é a herança portuguesa. Marca indelevelmente. A herança portuguesa não está presente, no meu entender, na consciência do brasileiro. Porque o Brasil, para se distinguir de Portugal, teve que acentuar as diferenças. E, portanto, acabou por apagar a importância da memória portuguesa.

Não é um estranhamento que vem do nada. Vem porque o Brasil tem vergonha da herança portuguesa.

Como opera esta vergonha do brasileiro em relação a Portugal? Essa vergonha não tem razão de ser, mesmo historicamente, porque o colonialismo português não foi nem pior nem melhor do que os outros colonialismos.

É negativo também para o Brasil. Por um lado, essa presença é indelével, está no sangue, na língua e na história, mas, por outro, ela é diminuída, desprezada, rejeitada.

Rejeitando essa herança, o Brasil rejeita tudo o que é mau, porque há sempre esse lado mau em todas as coisas. Mas também perde todo o lado bom, e esse lado bom nunca é verdadeiramente assumido como sendo uma herança genuína brasileira. Ela [vergonha da herança portuguesa] não é consciente, é até rejeitada. Na intelectualidade brasileira, a tendência é de não reconhecer.

> Por um lado, essa presença é indelével, está no sangue, na língua e na história, mas, por outro, ela é diminuída, desprezada, rejeitada. Rejeitando essa herança, o Brasil rejeita tudo o que é mau, porque há sempre esse lado mau em todas as coisas

Esse pensamento se sustenta hoje, quando há um interesse cada vez maior dos brasileiros por Portugal? Isso não existe em relação ao Portugal contemporâneo, procurado pelos brasileiros. Muitos brasileiros trabalham em Portugal, gostam do país. Mas isso não apaga o antilusitanismo, profundamente enraizado a ponto de ser inconsciente. Por isso ele pode viajar incógnito a bordo dos aviões da TAP.

O aumento expressivo da comunidade brasileira em Portugal pode contribuir para diminuir o estranhamento entre os dois países? Só isso não é suficiente. Poderá contribuir para a aproximação, mas pode também acentuar os preconceitos ou criar outras reações. Conheço diplomatas que acentuam muito esse aspecto, que dizem que o estranhamento já está superado, que perguntam por que eu estou falando disso. Eles dizem que está tudo bem, que o comércio nunca foi tão elevado, que nunca houve intercâmbio tão grande de pessoas. Isso é muito conveniente para quem não quer fazer alguma coisa.

O desconforto brasileiro na relação com a herança portuguesa pode ser consequência da própria falta de discussão, em Portugal, sobre o legado de seu passado colonial? Sem dúvida nenhuma. Portugal ainda tem muito o que discutir sobre seu passado colonial. Estamos muito marcados por mais de 40 anos de salazarismo e da propaganda do regime, muito à base da exaltação dos feitos heroicos portugueses. Isso está na minha geração, nas gerações anteriores e nas gerações que ainda virão.

Só agora isso começa a ser contestado e questionado. Temos muita gente nova questionando tudo isso e vendo o outro lado da situação. Portugal precisa assumir, digamos, o lado maldito da sua herança, e não só o lado heroico e exaltante da grande aventura do século 16. Isso é absolutamente necessário.

O senhor menciona muitas vezes as piadas de portugueses e as referências depreciativas aos lusitanos. Na sua experiência vivendo no país, o senhor se viu em muitas situações assim? Há sempre um olhar por trás do olhar. Portanto, é inevitável que eu, na presença de brasileiros, saiba que eles estão me olhando com outro olhar além daquele que está exposto. Não tem como evitar isso, e é melhor falarmos sobre o assunto do que fingirmos que isso não existe.

Sei que, no fundo, assim que eu virar as costas, ou talvez mesmo na minha frente, haverá alguém que conte a anedota do português. Porque o brasileiro pode até perder o amigo, mas não perde a graça.

O brasileiro parece que não quer reconhecer o pai pobre, não quer reconhecer de onde veio seu momento da origem. Acho que é prejudicial para os dois lados. Teríamos que ser mais verdadeiros e encarar olhos nos olhos esta realidade.

O senhor pontua que o Brasil não tem um feriado para assinalar a chegada dos portugueses. Acha que celebrar data poderia contribuir para melhorar as relações entre os dois países? Os EUA celebram o dia de Colombo [feriado nacional em 12 de outubro, em celebração à chegada de Cristóvão Colombo ao continente americano]. Mas a celebração do dia de Colombo é uma controvérsia nos EUA e em vários países que foram colonizados pelos espanhóis.

Acho que sim, um feriado poderia contribuir para reforçar a ideia de que a herança portuguesa faz parte dos brasileiros, poderia certamente contribuir para nos aproximar. Também poderia contribuir para criar uma imagem, em Portugal, de que o Brasil nos respeita afinal de contas.

O senhor atribui parte da responsabilidade a Portugal. O que o país pode fazer? A primeira coisa é o conhecimento da realidade como ela é, como ela se apresenta. É abandonar o blablablá da amizade luso-brasileira, que só existe nas quatro paredes dos eventos conjuntos. Logo que se sai dali, a realidade é completamente diferente. Isso só perturba, não adianta. É melhor nós aceitarmos a diferença para podermos superá-la.

Portugal teria de ter a consciência de que sua presença teria de ser muito mais profunda do que é hoje, de uma forma generalizada e em particular nos agentes culturais e diplomáticos portugueses. Neste momento, a relação é muito unilateral. A Globo é dominante nas novelas, nós sabemos tudo sobre o Brasil, mas o Brasil pouco sabe sobre Portugal.

Eleição justa no Chile é exemplo poderoso, diz Biden a Boric

WASHINGTON | REUTERS As "eleições livres e justas" do Chile são um "exemplo poderoso para a região e o mundo", disse o presidente dos EUA, Joe Biden, ao líder esquerdista Gabriel Boric, que venceu as eleições neste mês como o mais jovem presidente democraticamente eleito do país.

Biden ligou para Boric na quinta-feira (30) para parabenizá-lo pela eleição, disse a secretária de imprensa da Casa Branca, Jen Psaki. Segundo o comunicado, os dois líderes discutiram compromissos mútuos com justiça social, democracia, direitos humanos e crescimento inclusivo.

Biden destacou ainda a importância da cooperação EUA-Chile para promover uma recuperação econômica pós-pandemia baseada em princípios ecológicos e equitativos para enfrentar "a ameaça existencial representada pelas mudanças climáticas", informou a Casa Branca.

Em publicação no Twitter, Boric comentou o diálogo com o líder americano. "Além da alegria compartilhada por nossos respectivos triunfos eleitorais, conversamos sobre desafios comuns como comércio justo, crise climática e fortalecimento da democracia. Seguiremos conversando."

Biden também ofereceu suas condolências pela morte de uma menina chilena de 14 anos, Valentina Orellana-Peralta. A garota morreu em 23 de dezembro, nos braços da mãe, após ser atingida por um tiro disparado por um policial que abriu fogo contra um homem que estava atacando outro comprador em uma loja de North Hollywood, nos EUA.

Orellana-Peralta, nascida e criada em Santiago, estava no país havia seis meses com a mãe visitando uma irmã mais velha, segundo o jornal Los Angeles Times. Os pais da menina acusam os oficiais americanos de negligência e prometeram não descansar até que eles sejam responsabilizados.

O diálogo amistoso entre Biden e Boric destoou da relação com o presidente Jair Bolsonaro, último dentre os principais líderes latino-americanos a felicitar o chileno.

Presidente eleito do Chile, Gabriel Boric, durante discurso no palácio La Moneda
Rodrigo Garrido - 20 dez 21/Reuters

> Além da alegria compartilhada por nossos respectivos triunfos eleitorais, conversamos sobre desafios como comércio justo, crise climática e fortalecimento da democracia
>
> **Gabriel Boric**
> presidente eleito do Chile, sobre conversa com Biden

Famoso após liderar protestos estudantis em 2011, Boric venceu a eleição contra o ultradireitista José Antonio Kast, que tinha apoio do clã Bolsonaro. Dias após a derrota do aliado, Bolsonaro disse em transmissão a apoiadores em redes sociais que havia determinado ao Itamaraty felicitar "o tal Boric".

O entorno do mandatário brasileiro, no entanto, lamentou publicamente a vitória de Boric. O deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) destacou o nível de abstenção nas eleições chilenas, como fez o pai na live, e estabeleceu relação com a disputa em 2022 no Brasil. "Bater no peito dizendo que não votou em político nenhum só fará a história [no Brasil] se repetir", afirmou o filho do presidente. "Se não percebermos a estratégia da esquerda, acabaremos governados por um deles."

Já a ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, publicou mapa da América do Sul com o símbolo comunista da foice e do martelo. A imagem foi compartilhada por apoiadores.

Em resposta, Boric reagiu e afirmou: "Claramente, somos muito diferentes". "Não farei declarações destemperadas. Creio que em políticas de Estado é preciso ser um pouco mais cuidadoso", disse.

CNJ manda pagar bônus a juízes após Justiça dizer que não daria um centavo

Conselheiro atende a pedido de magistrados do trabalho e ordena pagamento; presidente do TST é contra

William Castanho

MARINGÁ (PR) Um integrante do CNJ (Conselho Nacional de Justiça) contrariou a Justiça do Trabalho e mandou pagar a juízes bônus atrasados. A medida atendeu a um pedido de duas entidades.

A presidente do CSJT (Conselho Superior da Justiça do Trabalho) e do TST (Tribunal Superior do Trabalho), ministra Maria Cristina Peduzzi, havia dito que não destinaria "nenhum centavo de real de recursos públicos" para quitar benefícios sobre os quais pairassem dúvidas.

Na quinta-feira (30), o conselheiro Richard Pae Kim ordenou o pagamento das chamadas GECJs (gratificações por exercício cumulativo de jurisdição) de anos anteriores.

A decisão é monocrática. Nesta sexta (31), a AGU (Advocacia-Geral da União) entrou com mandado de segurança no Supremo em nome do CSJT. O pedido foi para suspender a decisão do CNJ. No entanto, o ministro Luiz Fux, plantonista no STF (Supremo Tribunal Federal), negou a liminar.

A reclamação foi apresentada pela Amatra-15 (associação dos magistrados do TRT-15, de Campinas). Dois procedimentos administrativos, no entanto, tratam do mesmo tema no CNJ. Um está com Kim, e o outro, com Fux, presidente do CNJ e do STF — este elaborado pela Anamatra (associação nacional dos juízes do trabalho).

No dia 24, Kim havia dado uma decisão liminar (provisória) em que se negava a tratar do bônus porque o caso estava justamente com Fux. Agora, porém, mudou de ideia.

O conselheiro reviu a medida após a Anamatra recorrer no questionamento levado ao conselho pela Amatra-15. A decisão do conselheiro foi tomada a um dia do fim do ano.

Segundo ele, "a proximidade do término do exercício orçamentário de 2021 revela, por si só, a existência do perigo da demora".

Segundo o CSJT, o montante de gratificações atrasadas e negadas neste ano é de R$ 10,5 milhões. O órgão disse que já pagou R$ 111,5 milhões em passivos administrativos em 2021.

A GECJ foi criada por lei, de 2015, para complementar a renda de quem tem excesso de trabalho. Ganham um terço a mais sobre o salário magistrados que acumulem serviço.

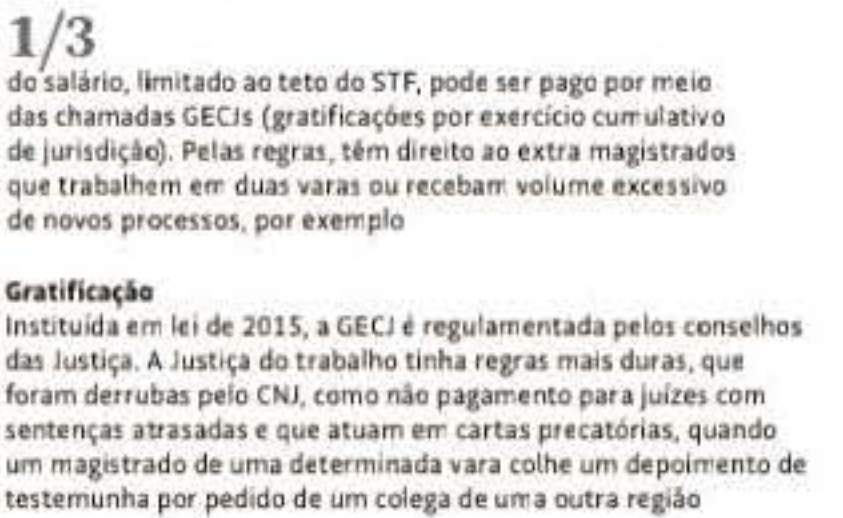
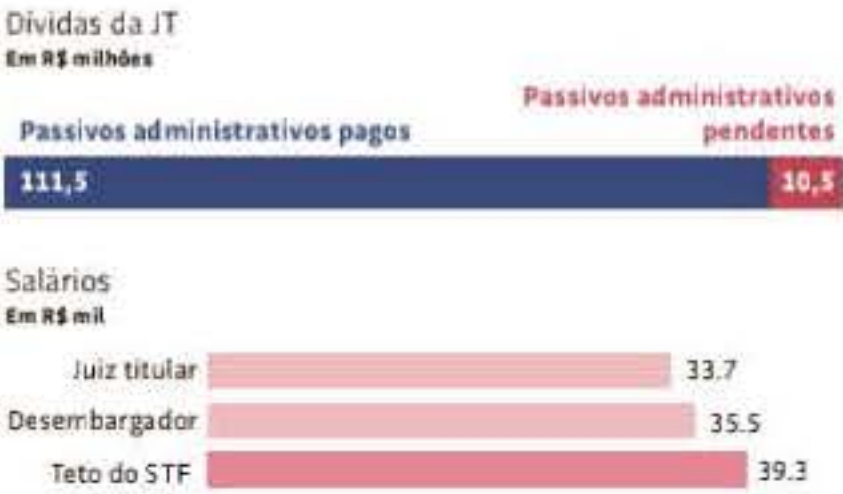
O pagamento fica limitado ao teto constitucional, de R$ 39,3 mil — o salário de um ministro do STF. Um juiz ganha R$ 33,7 mil por mês, e um desembargador, R$ 35,5 mil.

O bônus, no entanto, é regulamentado pelos próprios conselhos dos ramos do Judiciário. O CSJT tinha regras mais rígidas.

Não tinham direito ao bônus magistrados do trabalho com sentenças atrasadas nem os que atuam nas chamadas cartas precatórias — quando um juiz de uma determinada vara colhe um depoimento de testemunha por pedido de um colega de uma outra região, por exemplo.

Essas restrições foram derrubadas pelo CNJ em 4 de fevereiro de 2020. Com a decisão, juízes com sentenças atrasadas e responsáveis por cartas precatórias ganharam o direito ao bônus.

Em 2 de dezembro, Peduzzi, em despacho, rejeitou a quitação de qualquer passivo anterior à decisão do CNJ. É contra essa decisão da ministra que se insurgiram as entidades.

A Anamatra recorreu ao CNJ, com reclamação assinada pelo advogado Emiliano Alves Aguiar. Esse caso está com Fux.

De acordo com Aguiar, "não compete ao CSJT, de forma exorbitante, modular os efeitos da decisão plenária do CNJ, quando este próprio não o fez". Peduzzi disse seguir a lei.

"A restrição estabelecida quanto ao pagamento da 'GECJ' foi pautada no respeito ao princípio da legalidade administrativa (art. 37 da CF [Constituição Federal]), segundo o qual somente é dado ao administrador público praticar aquilo que a lei autoriza", escreveu a ministra.

De acordo com ela, a decisão do CNJ não mandou pagar retroativos. A Amatra-15 então questionou a decisão de Peduzzi no procedimento que está com Kim.

Peduzzi respondeu que o processo "já deveria ter sido extinto por perda de objeto". Kim, então, no dia 24 negou outros pedidos feitos pela Amatra-15, referentes a auxílio-saúde, e não analisou a GECJ.

Na semana passada, ele dissera que o caso "está sendo apreciado no Procedimento de Reclamação para Garantia das Decisões (RGD) [...], deflagrado pela Anamatra". "A fim de evitar decisões conflitantes [com Fux], deixo de apreciar tal ponto neste momento."

Na decisão de quinta, ele incluiu a Anamatra como "terceira interessada" na ação da Amatra-15 e disse que não haveria mais conflito com Fux.

"Após debruçar-me sobre as informações apresentadas neste pedido de reconsideração, verifico, em melhor análise, que eventual decisão neste PCA não conflitaria com a análise do RGD [...], sob relatoria da presidência [Fux]. Em razão disso, acolho o pedido de reconsideração para analisar o pedido liminar."

Kim ainda discordou do argumento de Peduzzi de que a decisão do CNJ não mandou pagar benefícios de anos anteriores. "Relativamente aos efeitos desta decisão, inexistindo qualquer deliberação acerca da modulação de seus efeitos, há de reconhecer-se sua eficácia retroativa", disse.

Com isso, Kim mandou o CSJT calcular valores dos passivos e corrigidos pelo IPCA-E (Índice de Preços ao Consumidor Amplo Especial), além de bloquear sobras orçamentárias da Justiça do Trabalho de 2021, o que evita a devolução de dinheiro ao Tesouro. Caberá aos TRTs (Tribunais Regionais do Trabalho) efetuar os pagamentos.

Via assessoria, o presidente da Anamatra, Luiz Antonio Colussi, disse que a medida assegura um direito dos juízes.

"A decisão é importante, porque garante às magistradas e aos magistrados do trabalho o que lhes é de direito, como devidamente reconhecido pelo Conselho Nacional de Justiça", afirmou Colussi.

Peduzzi reafirmou, por meio da assessoria, seu posicionamento. "A minha interpretação já é conhecida."

Quando da apresentação dos questionamentos feitos ao CNJ, Sérgio Polastro Ribeiro, presidente da Amatra-15, afirmara, em nota, que a entidade pede a execução integral do orçamento.

Segundo ele, as dívidas são "definitivas e consolidadas". "Esta entidade associativa não pretende a criação de novos benefícios ou a concessão de novas verbas", disse Ribeiro.

Desde 2018, as GECJs estão na mira do TCU (Tribunal de Contas da União). Segundo auditoria da corte, o benefício tem sido pago mesmo sem juízes terem feito esforço algum para merecê-lo.

O relatório calculou potenciais prejuízos à União de R$ 82,9 milhões por ano, ou R$ 331,5 milhões até 2021. O MPTCU (Ministério Público junto ao TCU) concordou.

Os órgãos do Judiciário ligados à União disseram, na ocasião, só pagar por excedente de trabalho. O caso seria julgado em abril, mas foi retirado de pauta e segue em aberto.

Integrante do CNJ manda pagar a juízes do trabalho bônus atrasados a pedido de associações de magistrados

1/3
do salário, limitado ao teto do STF, pode ser pago por meio das chamadas GECJs (gratificações por exercício cumulativo de jurisdição). Pelas regras, têm direito ao extra magistrados que trabalhem em duas varas ou recebam volume excessivo de novos processos, por exemplo

Gratificação
Instituída em lei de 2015, a GECJ é regulamentada pelos conselhos das Justiça. A Justiça do trabalho tinha regras mais duras, que foram derrubas pelo CNJ, como não pagamento para juízes com sentenças atrasadas e que atuam em cartas precatórias, quando um magistrado de uma determinada vara colhe um depoimento de testemunha por pedido de um colega de uma outra região

Tempo de tramitação na Justiça Trabalhista
Em dias

Fontes: CSJT (Conselho Superior da Justiça do Trabalho) e TST (Tribunal Superior do Trabalho)

O presidente Jair Bolsonaro com policiais rodoviários federais durante evento no Palácio do Planalto Pedro Ladeira - 14.dez.21/Folhapress

Bolsonaro pode ter momento frutífero após reajuste salarial, diz representante de policiais

Thiago Resende

BRASÍLIA Em meio à campanha para reestruturação da carreira e aumento salarial, o presidente da Fenapef (Federação Nacional dos Policiais Federais), Luís Antônio Boudens, disse que o apoio eleitoral da categoria ao presidente Jair Bolsonaro (PL) é maior que entre militares, que, segundo ele, foram beneficiados durante negociações com o governo federal, por exemplo, na reforma da Previdência.

"Como o presidente [Bolsonaro] teve muito apoio das categorias policiais federais, principalmente Polícia Federal e PRF [Polícia Rodoviária Federal], eu acredito que pode ser um momento frutífero", afirmou Boudens em entrevista à Folha.

Bolsonaro prometeu um reajuste para policiais, base eleitoral do presidente, em 2022. Isso deflagrou um movimento com até ameaça de greve no serviço público federal.

Representantes da elite do funcionalismo, como diplomatas, analistas de comércio exterior, Tesouro Nacional, Receita Federal, CGU (Controladoria-Geral da União) e auditores do trabalho, se mobilizam para que Bolsonaro dê um reajuste salarial generalizado. O Ministério da Economia é contra essa concessão.

Boudens nega que os policiais estejam sendo privilegiados pelo governo ou cobrando a fatura pela eleição de Bolsonaro. Essas corporações dizem que há uma defasagem nos salários em relação a outras categorias.

Ele cita que houve prejuízos aos policiais em medidas adotadas pelo governo, como na reforma da Previdência e na administrativa — na reestruturação previdenciária, Bolsonaro interveio e o Congresso aprovou regras mais brandas para essas corporações; e a reforma administrativa ainda não foi aprovada.

"O governo não teve um olhar direcionado para os policiais. É um exagero dizer que teve um privilégio. Se fosse verdade, o governo já teria enviado [previsto a reestruturação das carreiras] desde o início [da discussão do Orçamento]", afirmou Boudens.

Ele também faz uma comparação com os militares, que tiveram uma reestruturação das carreiras junto com a reforma da Previdência.

O aumento aos policiais foi um pedido do próprio Bolsonaro. Apenas PF, PRF e Depen (Departamento Penitenciário Nacional), além de agentes comunitários de saúde, obtiveram previsão de reajuste dentro do funcionalismo. O Orçamento prevê R$ 1,7 bilhão para o aumento para essas corporações.

O plano, que teve apoio também do ministro da Justiça, Anderson Torres, era que a reestruturação dessas carreiras chegasse a R$ 2,8 bilhões em 2022. Mas, diante do aperto no Orçamento, a verba foi reduzida. Isso exigirá uma reformulação do projeto.

O apoio político do reajuste a policiais gerou uma pressão para que o governo também dê aumento para diversas outras categorias, que ameaçam com paralisação de um ou dois dias em janeiro, e, se a negociação por reajuste generalizado não avançar, deve ser discutida uma greve em fevereiro.

Boudens disse que "buscar recomposição pela inflação é direito de todos servidores". A Fenapef, que representa 14,1 mil funcionários públicos, não deve aderir ao movimento grevista. "Há decisões da Justiça que nos impedem de fazer greve. Somos serviço essencial de segurança pública", afirmou.

"A Polícia Federal se sente confortável em fazer esse tipo de solicitação [reestruturação da carreira]. Somos um órgão superavitário", afirmou Boudens, se referindo a recursos que vão para os cofres públicos por atuação da categoria, como apreensões, verba recuperada por causa de investigações contra a corrupção, além de taxas cobradas por emissão de passaportes e imigração.

O tratamento diferenciado, após a promessa de Bolsonaro, desperta a indignação das categorias preteridas.

Enquanto o presidente acena com aumentos a 45 mil policiais, cerca de 1 milhão de servidores federais estão sem reajuste há cinco anos.

Na PF, a remuneração de um agente vai de R$ 12.522,50 a R$ 18.651,79 por mês. Os delegados, por sua vez, ganham de R$ 23.692,74 a R$ 30.936,91. Na PRF, os vencimentos vão de R$ 9.899,88 a R$ 16.552,34.

A pirâmide salarial do Executivo federal, porém, mostra que 4,72% dos servidores ativos recebem até R$ 3.000 mensais. Outros 23,54% ganham entre R$ 3.000 e R$ 6.000.

A pressão por reajuste generalizado cresceu desde a semana passada, e a elite do funcionalismo promete se unir numa greve geral caso não avance nas negociações por aumento salarial.

Isso preocupa a equipe econômica. Em mensagens encaminhadas a ministros e membros do governo, o ministro Paulo Guedes (Economia) pediu apoio contra o reajuste amplo aos servidores, que, segundo ele, pode quebrar o país.

Nos cálculos do governo, cada aumento de 1% linear a todos os servidores tem um impacto de R$ 3 bilhões.

Boudens disse que o impacto orçamentário da reestruturação das carreiras policiais é pequeno.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

Enxurrada

O movimento de voluntários União BR relata dificuldades nos esforços de socorro às vítimas das chuvas na Bahia. O grande desafio agora é a logística, segundo a empresária Ana Maria Diniz, uma das doadoras. Gabriella Marques, uma das fundadoras do movimento que desde 2020 se engajou nas doações da pandemia e seguiu na distribuição de cestas básicas contra a fome, afirma que o gargalo preocupa, porque o estrago está pulverizado em muitos municípios pequenos.

GOTA "Quando tem catástrofe, como foi na crise do oxigênio em Manaus, todos se mobilizam para doar. Teve muita doação de colchões, o que é necessário porque as pessoas estão desabrigadas, mas chegou a ocorrer caso de ter mais colchão do que precisava em uma cidade. Temos que evitar sobreposição", diz Marques.

FOGÃO Ela afirma que o envio de cestas básicas é necessário, mas grande parte das pessoas não tem onde cozinhar, porque perderam suas casas. Segundo Marques, os esforços para a produção de marmita têm ajudado. "Entramos em contato para que esses movimentos conseguissem criar cozinhas solidárias nessas regiões", afirma.

DIA SEGUINTE Por ora, o envio de itens essenciais como água e colchões é grande, mas há receio de que o trabalho perca fôlego depois do curto prazo. "Vai ter uma cauda longa de reconstrução dessas cidades. Já estamos vendo municípios em que parou de chover, e começam a mapear o tamanho do desastre. Temos de mobilizar esforços com meio privado, sociedade civil e interação com poder público", diz.

CALOR O estudo ambiental do estado de São Paulo que detalha as áreas sensíveis a mudanças climáticas por região, trabalho que vinha sendo elaborado na última década, começou a ser disponibilizado aos municípios, segundo o secretário de meio ambiente, Marcos Penido. Ele diz que o zoneamento pode direcionar as iniciativas para tentar aumentar a resistência dos municípios às mudanças do clima.

FRIO O documento classifica o território por critérios, como segurança hídrica, em que grande parte das regiões administrativas apresenta resultado acima da região metropolitana de São Paulo. Na proteção da biodiversidade, algumas áreas do norte do estado têm desempenho pior.

ALERTA Um dos pontos de atenção é a presença de índices baixos de resiliência às mudanças climáticas e de segurança hídrica em áreas das regiões metropolitanas de São Paulo e na área de Santos.

SINTOMAS Como aconteceu no primeiro ano da pandemia, em 2020, a demanda por testes rápidos de Covid em farmácias cresceu às vésperas das festas de Natal e Ano Novo. Além dos consumidores preocupados em saber se não estavam contaminados antes de participar dos eventos, desta vez, a variante ômicron e o surto de gripe podem ter impulsionado o movimento.

DIAGNÓSTICO De acordo com as farmácias, não chegou a faltar teste, mas as agendas ficaram bastante cheias nas unidades da rede Raia Drogasil. Para conseguir um horário disponível, a empresa recomenda que o cliente consulte seus sites e aplicativos. Nas drogarias São Paulo e Pacheco também é preciso agendar horário para fazer o teste.

POLTRONA A gigante sueca de móveis Ikea anunciou que vai elevar o preço dos seus produtos em cerca de 9% em todos os países em que a rede está presente, como Estados Unidos, Portugal, Rússia e China.

ARMÁRIO A companhia atribui o repasse ao aumento de custos com transporte e matéria-prima. A alta acontece após a pressão da demanda por produtos para casa, que cresceu na pandemia. Segundo a empresa, desde o ano passado, o custo com transportes subiu, e foi preciso redirecionar mercadorias entre os centros logísticos para evitar ruptura no fornecimento.

CALCULADORA A Gerando Falcões, que entrou em 2021 com atuação em 289 favelas no Brasil, fecha o ano em 1.700. Para 2022, a ONG planeja chegar a mais de 5.700 comunidades. Entre seus projetos de educação, a organização diz que neste ano, formou mais de 1.700 jovens em diferentes cursos de capacitação, número que deve se aproximar de 12 mil formados no próximo ano.

FERMENTO Fundada em 2011 pelo empreendedor Edu Lyra como um propulsor de projetos de inovação e liderança em favelas, a Gerando Falcões multiplicou sua projeção na pandemia com a arrecadação de doações de grandes empresários para campanhas de combate à fome.

com Ana Paula Branco

A HORA DO CAFÉ | Fabiane Langona

CIFRAS & DIVERSÕES

Economistas dão dicas de filmes, séries e documentários

Analistas fazem pausa nas planilhas para indicar comédias, documentários densos e até game, todos disponíveis em diferentes plataformas

Douglas Gavras, Lucas Bombana e Eduardo Cucolo

CURITIBA E SÃO PAULO Ficção científica, romances que desafiam os séculos e muitas adaptações de histórias da vida como ela é. A pedido da **Folha**, economistas que diariamente lidam com projeções para crescimento e inflação, por exemplo, deixam de lado os números e apresentam suas dicas de filmes, séries e documentários para entreter e informar.

A lista é diversa. Tem o épico grego "Ilíada" levado ao streaming em pequenos capítulos. A trajetória da primeira empresária negra a fazer fortuna nos Estados Unidos no início do século 20, a inspiradora Madam C. J. Walke.

Houve também sugestão de comédia para dar boas risadas, o clássico "Grace and Frankie", com as veteranas Jane Fonda e Lily Tomlin nos papéis que dão título à série. E, surpresa, tem até uma indicação de game, "Civilization 2".

1

SILVIA MATOS, COORDENADORA DO BOLETIM MACRO DO FGV IBRE

1 Minissérie "A Voz mais Forte — O Escândalo de Roger Ailes" (Globoplay)
"A trama reconstitui a fundação da rede Fox News, em 1995. E mostra o que mudou na cena política americana por causa disso."

Documentário "Q: Into The Storm" - HBO Max
"Documentário que indaga e relata o que está por trás do fenômeno QAnon. Mostrará três anos de pesquisas internacionais que revelam a evolução desse fenômeno, acompanhando até o dia da invasão do Capitólio."

Série "Compló contra América" (Amazon Prime)
"A produção imagina uma realidade em que americanos apoiam nazistas durante a Segunda Guerra Mundial."

SOLANGE SROUR, ECONOMISTA-CHEFE DO CREDIT SUISSE BRASIL

2 Série "Maid" (Netflix)
"A trama aborda a jornada de uma mulher jovem e mãe (Alex) que, após sair do relacionamento abusivo com um marido alcoólatra, enfrenta uma realidade extremamente desafiadora em termos financeiros e psicológicos. O espectador acompanha a luta pelo recomeço da protagonista ao lado da filha de três anos, mas, além das inúmeras dificuldades, ainda se defronta com a perseguição do ex-companheiro. Considero essa série importante, porque traz um serviço social repleto de reflexões sobre como a reconstrução da vida de pessoas que são vítimas de violência e abusos psicológicos é árdua, ainda mais sozinhas, na busca pela independência financeira e emocional. Ao mesmo tempo que também revela a força interna grande da Alex em ir atrás dos seus objetivos, sem desistir mesmo diante das adversidades."

3

4

VILMA PINTO, DIRETORA DA IFI (INSTITUIÇÃO FISCAL INDEPENDENTE)

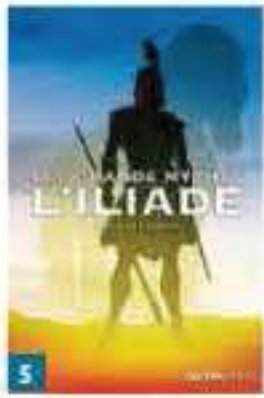
3 Minissérie "Olhos que Condenam" (Netflix)
"Conta a história real de cinco rapazes que foram acusados injustamente por um crime que não cometeram. Os cinco do Central Park, como ficou conhecido o caso real, foram condenados, cumpriram pena durante anos até que conseguiram provar inocência."

Série "This is Us" (Star+)
"Conta a história da família Pearson em diferentes períodos do tempo. 'Olhos que Condenam' e 'This is Us' trazem questões que, infelizmente, ainda estão muito presentes no nosso cotidiano: racismo, bullying, abandono."

Minissérie "A Vida e a História de Madam C. J. Walker" (Netflix)
"Conta a história de uma mulher que venceu a pobreza e se tornou uma empreendedora de sucesso no ramo de produtos de beleza."

Série "Grace and Frankie" (Netflix)
"Para dar umas boas risadas. Conta a história de duas mulheres, com personalidades muito diferentes, que iniciaram uma amizade após seus maridos pedirem divórcio para se casar um com o outro."

ANA PAULA VESCOVI, ECONOMISTA-CHEFE DO SANTANDER

4 Filme Mr. Jones (Netflix)
"Baseado na história do jornalista Gareth Jones, que arriscou a vida para denunciar o genocídio causado pela fome na Ucrânia no início dos anos 1930, sob o stalinismo. Fui atraída pela sinopse que descreve um enredo com lições oportunas sobre como as sociedades podem ser destruídas internamente, o que teria aberto as portas para os desastres do século 20. Um filme chocante, mas revelador."

MÁRIO THEODORO, ECONOMISTA PELA UNB E FUNDADOR DA ABED (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ECONOMISTAS PELA DEMOCRACIA)

5 Série "Grandes Mitos: A Ilíada" - Canal Curta!
"A série da TV franco-alemã Arte France, sobre a Guerra de Troia, tem dez episódios, de 30 minutos cada um, que contam com fidelidade as agruras e as vicissitudes descritas no poema épico do escritor grego Homero, como a história do herói Aquiles e a Guerra de Troia. O resultado é uma obra muito bem-feita."

Livro "A Ordem do Dia", de Éric Vuillard, ed. Tusquets (144 págs.), R$ 21,90
"Examina os bastidores do apoio dos grandes industriais alemães a Adolf Hitler no início dos anos 1930. Essa foi a sustentação financeira e econômica do 3º Reich."

LUIZ FERNANDO FIGUEIREDO, PRESIDENTE DA MAUÁ CAPITAL

6 Série "Outlander" (Netflix)
"A série é maravilhosa. Além de mostrar vários momentos históricos do século 19 e um pouco do século 20, é uma história de luta e perseverança."

6

SERGIO VALE, ECONOMISTA-CHEFE DA MB ASSOCIADOS

7 Série "A Coroa Vazia" (Amazon Prime)
"Se muito já se fez de Shakespeare no cinema e na TV, não havia ainda uma sequência tão interessante como "A Coroa Vazia". Série britânica feita entre 2012 e 2016 pelo produtor-executivo Sam Mendes, essa versão vale pelo inusitado de acompanhar em sequência a série de peças do bardo sobre os reis ingleses, de Ricardo 2º a Ricardo 3º, passando pelos Henriques 4º, 5º e 6º. Algumas das peças tiveram versões interessantes, como Ricardo 3º e Henrique 5º, com Lawrence Olivier, mas o sabor da série está em assisti-la em sequência e em notar como Skakespeare era imbatível em construir a queda de um rei."

7

BRUNO OTTONI, ECONOMISTA DA IDADOS E PESQUISADOR DO IBRE/FGV

8 Game "Civilization 2" - Microsoft Windows, PlayStation (Mac OS Classic, Mac OS)
"Lançado originalmente em 1996, vale conhecer um jogo antigo de computador chamado 'Civilização 2' (conhecido como 'Civ 2' ou 'Civilization 2', no original). Os jogadores precisam desenvolver sua civilização desde o surgimento da agricultura até um futuro em que o homem coloniza Marte. Vence quem eliminar todos os adversários ou quem chegar primeiro ao planeta. Joguei 'Civ 2' na adolescência e agora jogo com meu filho. A experiência é divertida por dois motivos: primeiro, em vez de uma atividade que meu filho faz sozinho, virou uma diversão nossa; segundo, ele pode exercitar a estratégia, em lugar de ser exposto a um jogo que seja violento. Fica a dica!"

8

Sem alta acima da inflação, salário mínimo vai a R$ 1.212

Bolsonaro publica MP que corrige benefício sem reajuste real e inclui R$ 2 que não foram pagos em 2021

Mateus Vargas

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) editou MP (medida provisória) com reajuste do salário mínimo para R$ 1.212 a partir de janeiro de 2022. O valor atual do piso é de R$ 1.100 por mês.

O texto foi publicado nesta sexta-feira (31) no Diário Oficial da União. Bolsonaro havia confirmado o valor na véspera, em sua live semanal.

A correção do salário mínimo proposta pelo governo apenas compensa a inflação deste ano, ou seja, não há aumento real, pois o percentual de reajuste só repõe a desvalorização do dinheiro.

O Orçamento de 2022, aprovado na semana passada pelo Congresso, já previa a alta do piso para R$ 1.212. Portanto, o cálculo das despesas do próximo ano já considera esse reajuste.

Por isso, a correção do valor não deve exigir um corte de despesas para que o Orçamento fique dentro do teto de gastos. A regra impede o crescimento das despesas acima da inflação.

A alta do piso estimada por técnicos do governo foi calculada com base em duas variáveis: a inflação de 2021, de cerca de 10%, e um valor de aproximadamente R$ 2, referente ao reajuste retroativo.

Esse aumento atrasado de R$ 2 foi necessário porque a inflação disparou no fim do ano passado. Como ela foi usada para calcular o salário mínimo de 2021, o piso de R$ 1.100 foi pago com defasagem em relação à variação final da inflação no ano.

O aumento dos preços ficou acima da expectativa do governo, mas Bolsonaro (PL) decidiu adiar esse ajuste.

O salário mínimo é corrigido pelo INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor). Ao anunciar, em dezembro de 2020, o reajuste para R$ 1.100, a equipe econômica considerou a inflação oficial de janeiro a novembro daquele ano, somada à estimativa para dezembro.

Mas o índice de inflação oficial, divulgado em janeiro de 2021, foi maior que o esperado pelo governo.

A Constituição determina que o mínimo deve garantir a manutenção do poder de compra do trabalhador. Por isso, o valor do salário mínimo deveria ter sido de R$ 1.102 em 2021.

O governo Bolsonaro poderia ter editado nova medida para incluir a diferença, mas a legislação também prevê a possibilidade de compensação futura, que é o que será feito agora, com a aplicação do retroativo de aproximadamente R$ 2.

O reajuste do piso nacional gera impacto nas contas públicas porque é atrelado a aposentadorias e outros benefícios, como o BPC (assistência social a idosos e pessoas com deficiência). Para cada R$ 1 de reajuste em 2022, o custo aos cofres públicos é elevado em R$ 328 milhões.

O reajuste para R$ 1.212 provoca um aumento direto de gastos do governo federal de R$ 36,7 bilhões.

Diante da política de controle de despesas promovida pelo ministro Paulo Guedes (Economia), o governo de Bolsonaro ainda não concedeu um reajuste acima da inflação para o salário mínimo.

O aumento real foi implementado informalmente em 1994, por Fernando Henrique Cardoso (PSDB), logo após a adoção do Plano Real. As gestões petistas oficializaram a medida.

O governo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) estabeleceu a fórmula de reajuste pela inflação mais a variação do PIB (Produto Interno Bruto) de dois anos antes.

Dilma Rousseff (PT) transformou a regra em lei com vigência para os anos de 2015 a 2019 —Temer, que governou durante a recessão, não mudou a legislação.

Bolsonaro ainda não aprovou nova política de reajuste e tem seguido o mínimo exigido pela Constituição, que é o reajuste pela inflação.

Aposentadoria, atrasados e abono do PIS mudam

SÃO PAULO O INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) passará a considerar o novo piso de R$ 1.212 como o valor mínimo pago em aposentadorias, pensões por morte e auxílios-doença. O BPC (Benefício de Prestação Continuada) subirá para R$ 1.212.

O valor máximo dos atrasados que são pagos em lotes mensais de RPVs (Requisições de Pequeno Valor) subirá para R$ 72.720.

O abono do PIS/Pasep vai variar de R$ 101 a R$ 1.212. A cota mínima do seguro-desemprego seguirá o novo piso a partir de 11 de janeiro.

Contribuições por conta própria ao INSS, feitas sobre o piso, terão novos valores para recolhimentos pagos a partir de fevereiro.

Luciana Lazarini

Trio de brasileiros da 3G compra empresa de persianas Hunter Douglas por US$ 7,1 bi

LAS TERRENAS (REPÚBLICA DOMINICANA) | FINANCIAL TIMES A 3G Capital, do trio de bilionários brasileiros Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Carlos Alberto Sicupira, adquiriu participação majoritária na companhia holandesa Hunter Douglas, fabricante de cortinas e persianas para janelas e produtos arquitetônicos.

O valor foi de US$ 7,1 bilhões (R$ 40 bilhões) —essa foi a primeira grande transação global do grupo de investimentos privados desde 2015.

Para o grupo baseado em Nova York, que administra predominantemente o dinheiro de seus sócios fundadores brasileiros e seus amigos ricos, incluindo a família Santo Domingo da Colômbia e o campeão de tênis suíço Roger Federer, o acordo põe fim a uma longa caçada por uma nova plataforma de negócios.

A negociação representa a entrada em um setor relativamente novo para a 3G Capital, que é mais conhecida por negócios no setor de alimentos e bebidas e fast food. Seu grande negócio anterior foi em 2015, quando combinou a Kraft e a Heinz.

A Hunter Douglas, companhia de capital aberto baseada em Roterdã (Holanda), foi controlada pela família Sonnenberg por mais de cem anos, durante os quais ela cresceu de uma companhia de distribuição e fabricação de ferramentas para máquinas em Düsseldorf, na Alemanha, para um grupo diversificado, com US$ 3,5 bilhões em receitas.

Sob os termos do negócio, a 3G Capital será proprietária de 75% da Hunter Douglas, enquanto a família Sonnenberg manterá 25% da companhia que fundou em 1919.

João Castro-Neves, sócio-sênior da 3G Capital, será o novo presidente-executivo da Hunter Douglas quando o acordo for concluído. Castro-Neves é membro do conselho da Kraft Heinz e da Restaurant Brands International, controladas pela 3G Capital.

A 3G Capital, que estava caçando um negócio desde que falhou em orquestrar a aquisição, por US$ 143 bilhões, da Unilever em 2017, estava sentada sobre US$ 10 bilhões em fundos para iniciar uma nova plataforma de negócios.

Em 2020, pediu que os investidores segurassem seu dinheiro por mais tempo, pois a pandemia e as avaliações estratosféricas tornavam mais difícil encontrar um alvo apropriado.

A decisão de adquirir a Hunter Douglas foi liderada em parte por Daniel Schwartz, que voltou à 3G em 2019 como sócio codiretor do grupo, ao lado de Alex Behring.

Schwartz foi responsável por reformular o Burger King e mais tarde aumentar a holding Restaurant Brands International, que inclui a rede de cafés Tim Hortons e a rede de fast food Popeyes.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

EURO COMPLETA 20 ANOS EM CIRCULAÇÃO
Escultura com cifrão da moeda única em Frankfurt; em circulação desde 1º de janeiro de 2002, divisa tornou os europeus mais fortes, especialmente durante a pandemia, disse Christine Lagarde, presidente do Banco Centra Europeu Lu Yang/Xinhua

Ano marcado por falta de peças e alta de preços termina com expansão de 3% na venda de veículos

ANÁLISE

Eduardo Sodré

SÃO PAULO O ano de 2021 termina com 2,1 milhões de veículos leves e pesados emplacados. O dado, que se baseia no Renavam (Registro Nacional de Veículos Automotores) apurado até 29 de dezembro, é frustrante para o setor automotivo. O crescimento será de cerca de 3% em relação a 2020.

O resultado está distante do sonhado em janeiro, quando a Anfavea (associação das montadoras) previa crescimento de 15% nas vendas. A previsão era até conservadora: a Fenabrave (associação dos distribuidores de veículos) esperava alta de 16% nos licenciamentos.

Havia razões para o otimismo: o mercado passou por forte recuperação no segundo semestre de 2020, e o mês de dezembro daquele ano registrou média diária de 11,6 mil unidades comercializadas. Um ano depois, o número está em 9.700 veículos/dia.

De lá para cá, o interesse pela compra de um automóvel novo se manteve, apesar de o cenário econômico desestimular grandes investimentos em bens de consumo. Mas faltaram peças e, por consequência, carros.

Cerca de 300 mil automóveis deixaram de ser produzidos no ano, principalmente devido à escassez de semicondutores. O fornecimento apresenta sinais de melhora, mas a regularização só deve ocorrer no segundo semestre de 2022.

Não há, no entanto, ilusões quanto a um avanço vultoso neste ano. Espera-se pelo mau humor da economia em ano eleitoral, e a alta acumulada dos preços se soma ao crédito mais caro. A elevação da taxa Selic já se reflete nos financiamentos automotivos.

[...]
Não há ilusões quanto a um avanço vultoso em 2022. Alta acumulada dos preços se soma ao crédito mais caro

No início de dezembro, pesquisa feita pelo portal de classificados Webmotors mostrou quanto os entrevistados estavam dispostos a gastar em um carro. Segundo o levantamento, 68% dos que pretendem adquirir um veículo querem pagar até R$ 60 mil. Para esses potenciais clientes, restará recorrer ao mercado de usados.

O reposicionamento do portfólio das montadoras vai se estender por 2022, com diversos modelos e versões sendo descontinuados, enquanto novas opções chegarão ao mercado.

Entre as baixas estão os Chevrolet Joy (hatch e sedã), as versões flex das picapes S10 (também da General Motors) e Toyota Hilux, o Honda Fit, o Fiat Uno e o Volkswagen Fox.

Alguns carros estão sendo "aposentados" por não haver interesse comercial em adequá-los às novas regras ambientais. A partir de janeiro, automóveis novos nacionais terão de atender à sétima etapa do Proconve (Programa de Controle de Emissões Veiculares), com reduções nos níveis de ruídos e de emissões.

O lugar dos que saem será ocupado por modelos como o Citroën C3, o Honda City hatch, a picape Chevrolet Montana cabine dupla e o Volkswagen Polo Track.

Contudo não há carros novos com preços abaixo de R$ 60 mil no horizonte. Os modelos zero-quilômetro mais em conta devem partir de R$ 65 mil.

O cenário faz os lojistas correrem atrás de carros usados, que hoje são mais rentáveis para os revendedores do que os modelos zero-quilômetro.

Segundo a KBB Brasil, empresa especializada na precificação de carros, os veículos ano 2018 tiveram uma alta média de 19,64% ao longo de 2021.

Mas o crédito mais caro também impacta o setor de seminovos, que pode não repetir o desempenho deste ano. Até novembro, 13,9 milhões de veículos usados haviam sido negociados no país, uma alta de 23,9% na comparação com 2020.

Operários descasam em Janaúba (MG) após turno na construção de parque de energia solar que será o maior do Brasil, com capacidade para atender 6 milhões de pessoas Fotos Danilo Verpa/Folhapress

Transição energética leva a euforia em MG e apreensão no RS

Janaúba tem boom com usinas solares, e Candiota, capital do carvão, vive incerteza da pressão por menos emissões

Nicola Pamplona
e Danilo Verpa

JANAÚBA (MG) E CANDIOTA (RS) As diferenças entre as cidades de Janaúba, no norte de Minas, e Candiota, no sul do Rio Grande do Sul, vão hoje bem além do clima e dos sotaques de cada região brasileira. Separadas por 2.700 quilômetros, as duas vivem expectativas bem distintas sobre o futuro.

A primeira é um dos principais focos de investimento em energia solar no país e convive hoje com milhares de trabalhadores egressos de outras regiões, que lotam hotéis e restaurantes, movimentando a economia local e gerando emprego e renda.

Conhecida como a capital nacional do carvão, a segunda vive um clima de incerteza diante das pressões cada vez maiores pela redução das emissões de gases do efeito estufa pelo setor de energia.

A Folha visitou as duas cidades entre o fim de novembro e o início de dezembro para entender os efeitos locais da transição energética, acelerada nos últimos anos com o barateamento das fontes renováveis e os alertas sobre o risco das mudanças climáticas.

Com as obras, primeiro de subestações de transmissão de energia e depois de usinas, Janaúba viu seu PIB ultrapassar a casa de R$ 1 bilhão em 2016. Em 2019, a riqueza gerada no município chegou a R$ 1,3 bilhão, mais de 2,5 vezes o registrado em 2010.

Candiota, por outro lado, sofreu um baque em meados da década passada, com o fechamento de duas máquinas geradoras da usina a carvão Candiota 2, e, apesar de recuperação recente, atingiu em 2019 um PIB semelhante ao que tinha em 2010.

Impulsionada pela queda no preço dos painéis e por subsídio rateados pelos consumidores de eletricidade, a potência de usinas solares no país decuplicou em cinco anos. Também subsidiado, o carvão perdeu capacidade com o fechamento de três unidades geradoras.

Para especialistas, a tendência é que a diferença entre os dois mercados se acentue nos próximos anos. Projeções da EPE (Empresa de Pesquisa Energética) apontam que o Brasil ganhará novos 5.4 GW (gigawatts) em energia solar até 2030, enquanto a capacidade de geração a carvão será reduzida.

A indústria de carvão se queixa de que o fim dos subsídios à compra do combustível, que custaram R$ 750 milhões em 2021, fechará unidades existentes ao fim dos contratos de venda de energia e inviabiliza três novos projetos com investimentos previstos em R$ 20 bilhões.

O apoio é rateado por todos os consumidores de energia no país por meio de um encargo setorial que será extinto em 2027. Para 2022, a cifra deve superar R$ 900 milhões.

O setor defende uma "transição energética justa", que manteria as usinas atuais em funcionamento até a viabilização de novas tecnologias para a redução das emissões e para outros usos do carvão, como a produção de combustíveis e fertilizantes.

Além disso, argumenta que a geração a carvão é barata e tem peso ainda pequeno na matriz energética e no volume de emissões de gases do efeito estufa do país. E defende que novas tecnologias de redução da poluição e captura de carbono começam a se mostrar viáveis no mundo.

Mas admite que será cada vez mais difícil financiar novos projetos. "A discussão sobre financiamento é problema crucial para indústria do carvão", diz o presidente da ABCM (Associação Brasileira de Carvão Mineral), Fernando Luiz Zancan.

Sob o argumento que é importante preservar a economia de cidades dependentes do carvão no Sul, o governo federal lançou em agosto um programa para desenvolver usos sustentáveis para o combustível, mas nem o BNDES quer financiar mais o setor.

A saída do banco desse mercado, anunciada em julho, segue exemplo da Europa e da China, que restringiram o apoio ao setor. "Os fundos de investimento estão fechando seus portfólios a carvão", acrescenta o coordenador do Portfólio de Energia do ICS (Instituto Clima e Sociedade), Roberto Kishinami.

Maurício Tolmasquim, ex-presidente da EPE, diz não ver sentido em manter subsídios a energias fósseis, principalmente depois que o relatório da COP26 pediu o fim dos programas de apoio a esse setor e deu início à implantação do mercado de carbono.

"Em países que têm quantidade de carvão muito grande, com usinas relativamente novas, o custo de desligar seria maior", diz. "Mas estamos falando em térmicas antigas, ineficientes e com a vida útil acabando. Não tem sentido ficar prorrogando isso."

Usinas solares aquecem cidade mineira e atraem mão de obra de forasteiros

Janaúba (MG)

População estimada: 72.374

Principal atividade econômica: Serviços

Salário médio do setor formal (Em salários mín.): 1,7

Evolução do PIB, em R$ milhões

1,5 — 1,2 — 0,9 — 0,6 — 0,3 — 0; 2010 – 2019; 1,3

Fontes: IBGE, EPE, Absolar e ONS

JANAÚBA (MG) Localizada 550 quilômetros ao norte de Belo Horizonte, Janaúba (MG) vive um momento peculiar em seus 72 anos de história. Os pouco mais de 70 mil habitantes do município convivem hoje com uma população flutuante de 5.000 forasteiros, segundo estimativa da prefeitura.

Eles são facilmente reconhecíveis: com seus macacões coloridos, saem todos os dias bem cedo em dezenas de ônibus rumo a obras na área rural e retornam ao fim do dia para formar aglomerações em bares, restaurantes, praças ou portas de hotéis.

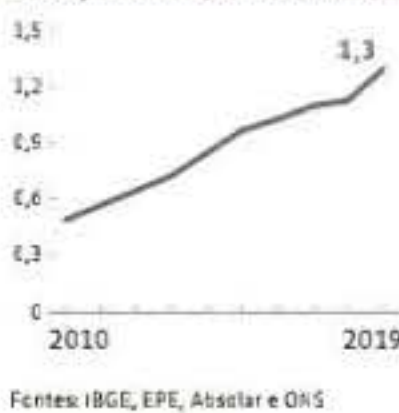
Principal cidade da microrregião da Serra Geral, Janaúba tinha sua economia baseada no agronegócio, com orgulho da qualidade de suas frutas e de sua carne. Hoje, é um dos maiores polos de investimentos em energia solar do país.

São 14 parques já em construção, incluindo aquele que será o maior do Brasil, com capacidade para abastecer 6 milhões de pessoas. Outros 83 projetos já foram outorgados pela Aneel (Agência Nacional de Energia Elétrica).

Não é um caso isolado na região. Com fortes índices de irradiação, pouca nebulosidade e terras baratas, o norte de Minas Gerais se tornou uma espécie de eldorado para investimentos em energia solar.

Perto de Janaúba, há parques operando ou em construção em Jaíba, Capitão Enéas, Januária e Itacarambi. Um pouco mais distante, Pirapora desponta como outro polo de investimentos no setor.

Segundo dados da Aneel, Minas tem hoje metade da capacidade de geração fotovoltaica em construção no país: são 41 projetos com potência total de 1,8 GW (gigawatts).

Na maioria, são usinas de pequeno porte, que apostam em um modelo de economia compartilhada, como os apps de mobilidade ou alojamento: clientes de todos os portes podem comprar uma fatia da energia gerada, o que lhes dá desconto na conta de luz.

Parque solar em construção em Jaíba, na microrregião da Serra Geral, em Minas

Mas há também usinas maiores, voltadas para grandes clientes industriais que buscam melhorar sua pegada ambiental e para venda de grandes lotes em leilões do governo.

É o caso da usina Janaúba, projeto da Elera, empresa que pertence ao fundo canadense Brookfield. Em uma área de 3.069 hectares, o equivalente à cidade de Diadema (SP), serão instalados 2,2 milhões de módulos fotovoltaicos para gerar 1,2 GW quando o empreendimento estiver concluído.

O investimento de R$ 2,3 bilhões foi garantido pela venda da energia no mercado livre. "A crise não afetou nossos planos de investimentos no Brasil. Ao contrário, trouxe oportunidades para que a companhia continue contribuindo com o desenvolvimento econômico", diz a empresa.

No fim de novembro, quando a reportagem esteve na região, quase 2.000 pessoas trabalhavam no projeto. No pico das obras, o número deve superar 2.500. É gente que se hospeda, come e bebe na cidade.

"A situação melhorou bastante por aqui", diz Adelson Barbosa, 43, que há dois anos mudou seu restaurante para um espaço duas vezes maior no centro da cidade. "O pessoal que está vindo prestar serviço melhora as vendas e dá melhores margens."

Um dos forasteiros, o piauiense Paulo Leite, 39, tem uma história que se confunde com o processo de transição energética que beneficia o município. Ele trabalhou por 20 anos no setor de petróleo, mas, com a redução dos investimentos em refinaria, migrou para a energia solar.

"Fiquei um ano parado", diz ele. Hoje, trabalha com escavação de valas para a passagem de cabos, mas já pensa em fazer um curso de especialização em elétrica para seguir no setor. Vê o estudo como uma possibilidade de melhores ganhos e chances de ascensão profissional.

Espelha-se no colega Tomé Mendes, 32, que está emendando sua quinta obra de parque solar em sequência, vivendo uma "vida de hotel" pelo país. "Na pandemia, só o que salvou foi a solar mesmo", diz Mendes.

Com a enxurrada de investimentos e os gastos dos traba-

Continua na pág. A13

Usina térmica em Candiota (RS), cidade cuja economia é movida pelo carvão; abaixo, operário mostra o mineral, extraído de uma das minas da região

Continuação da pág. A12

lhadores, a arrecadação de ISS do município quadruplicou entre 2017 e 2021, chegando a R$ 12 milhões, diz o secretário de Administração, Fazenda e Recursos Humanos do município, Fábio Cantuária.

A receita tributária em geral duplicou no mesmo período, passando de R$ 20 milhões, segundo dados do Ministério da Economia. O excedente de receita movimenta a construção civil no município, que decidiu reformar escolas e unidades de saúde.

As obras do parque da Elera mudaram a vida dos moradores do distrito rural de Quem-Quem, ao lado da entrada do projeto e parte da rota dos mais de 40 ônibus que transportam trabalhadores pelos 45 quilômetros que separam a usina do centro urbano de Janaúba.

Por um lado, os empreendedores priorizaram contratar mão de obra na região e movimentam o pequeno comércio local; por outro, o tráfego intenso de ônibus e caminhões e a substituição de pastos e plantações por placas solares são motivo de preocupação.

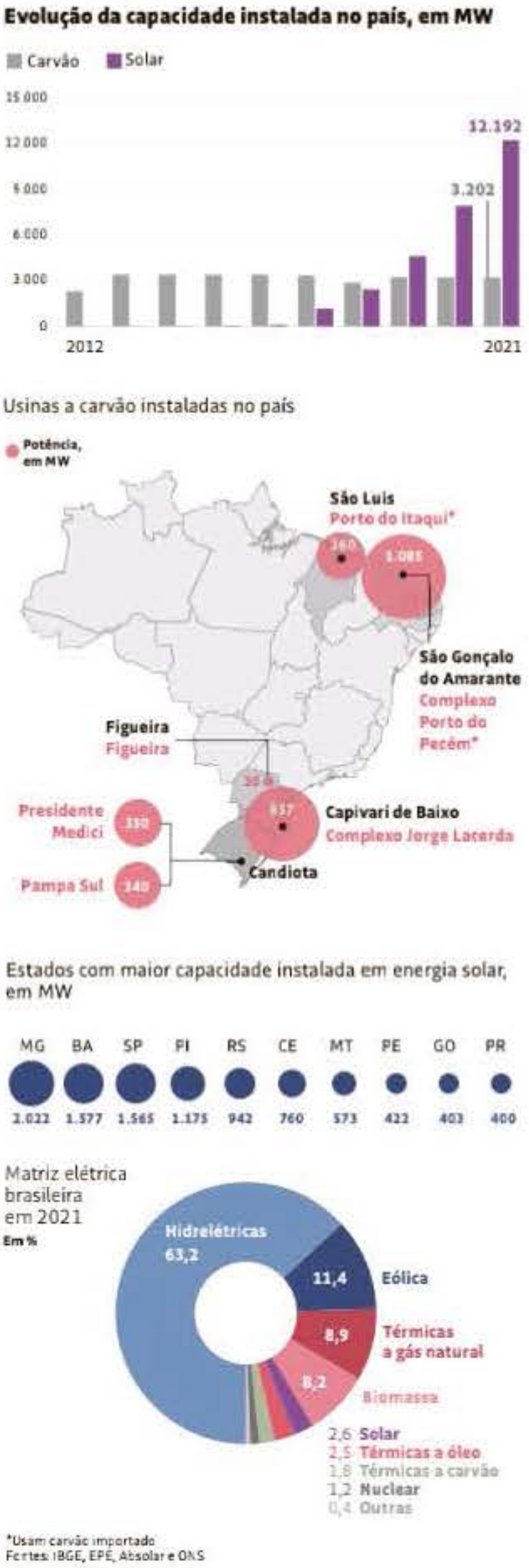
"Tem muito serviço para o povo", diz Cristiane Martins Costa, 46, dona de um mercado com padaria. "Para mim, foi bom também, porque eles tomam café aqui comigo", completa, dizendo estimar um crescimento de 40% nas vendas após o início das obras.

Com cerca de 3.000 habitantes, Quem-Quem é uma pequena amostra dos efeitos dos investimentos sobre a economia local: geração de empregos e renda, especulação imobiliária e uma grande preocupação com o momento em que as obras terminarem.

As fazendas que estão recebendo as placas solares eram fonte de empregos para comunidades rurais da região. Com menor qualificação, eles são aproveitados nas obras civis, mas esperam poucas oportunidades quando os projetos da região forem inaugurados.

Usinas solares geralmente têm poucos empregados durante a operação. As menores, nem isso: podem ser operadas e monitoradas de forma remota. "Enquanto [as obras] estiverem aqui dando serviço, está bom. Mas e quando acabar?", resume Cristiane. **NP e DV**

*Usam carvão importado
Fontes: IBGE, EPE, Absolar e ONS

'Se termelétricas a carvão fecharem, é melhor todo o mundo ir embora'

CANDIOTA (RS) Quando Toríbio Castro Filho, 79, chegou a Candiota (RS), em 1964, o local era apenas uma pequena vila de trabalhadores da usina térmica Candiota 1, inaugurada três anos antes para aproveitar as reservas de carvão mineral da região.

Candiota era ainda um distrito de Bagé e atraía trabalhadores da região para a usina e para a mina que fornecia o combustível. "O que tinha aqui era só trabalho. Ninguém ficava parado", brinca ele, que é natural de Pelotas.

Toríbio se casou com uma trabalhadora da cooperativa ligada à usina, e seus dois filhos são hoje trabalhadores do setor. A nora, o pai dela e um sobrinho também. "A usina sempre nos deu uma boa condição e decidi seguir o caminho", conta um dos filhos, Alex Madruga Castro, 47.

Histórias como a da família de Toríbio são comuns na cidade: em Candiota, quem não trabalha nessa indústria tem algum parente nela. Com duas minas e duas usinas em operação, o município de pouco menos de 10 mil pessoas tem cerca de 10 mil empregos ligados ao carvão, muitos deles ocupados por gente da região.

É uma indústria que, confirmando a percepção de Alex, dá boas condições de vida: segundo os dados mais recentes do IBGE, os trabalhadores formais de Candiota tinham em 2019 o terceiro maior salário médio do país: 5,3 mínimos.

Com o reforço na pressão contra combustíveis fósseis, porém, a população vive grande apreensão sobre o futuro. "Se essas usinas fecharem, é melhor todo o mundo fazer as malas e ir embora", resume Adão Marques Teixeira, proprietário de um restaurante.

Nos 60 anos desde a inauguração de Candiota 1, a cidade cresceu, mas permanece com cara de vila operária. Seus quatro distritos são formados, em geral, por casas padronizadas de um pavimento, construídas ao longo do tempo para receber trabalhadores.

Embora sedie a mais nova usina a carvão do país, Pampa Sul, inaugurada em 2018, a cidade já sente efeitos do cerco ambiental contra o combustível. Nos últimos anos, duas máquinas geradoras da usina Candiota foram paradas por não atender a requisitos de emissões de poluentes.

Mais moderna, a terceira máquina geradora de Candiota tem contrato de fornecimento de energia apenas até 2024. Com a extinção, em 2027, do subsídio para a compra de carvão, terá dificuldades para concorrer em novos leilões.

A Pampa Sul, inaugurada em 2018, tem contrato até 2043, quando dependerá de novos leilões. Sem as usinas, as minas do município não têm razão para operar, já que o transporte do carvão brasileiro é inviabilizado pelo alto teor de cinzas. "Aí, tchê, não tem mais Candiota. É o fim", diz Alex.

Operadora da Candiota, a subsidiária da Eletrobras CGT Eletrosul diz que o projeto cumpre os limites de emissões de poluentes previstos no licenciamento ambiental e que o impacto local é pequeno.

Estudo feito pela EPE (Empresa de Pesquisa Energética) em 2014 e republicado em 2018 indica que Candiota "apresenta condições meteorológicas favoráveis à dispersão de poluentes", tornando viável a construção de novas usinas na região.

Embora a cidade seja a 26ª no ranking brasileiro de emissões de gases do efeito estufa, descontando as emissões de desmatamento, moradores de longa data, como a família de Toríbio, dizem que já viveram dias bem piores. Ele se recorda de um campeonato de futebol que foi paralisado pelo excesso de fuligem no ar. "A gente tirava cinza de casa no balde", completa sua esposa, Ana Anita Madruga Castro, 76.

Hoje, diz o setor, novas tecnologias reduziram a emissão de fuligem e de elementos tóxicos como o enxofre. Pequenos bosques de eucalipto servem como barreiras naturais para evitar o espalhamento da fuligem gerada pela britagem do carvão na usina Candiota.

A mina recém-inaugurada pela mineradora Copelmi do outro lado da cidade para atender a usina Pampa Sul, porém, é fonte de reclamações.

"Desde que a usina começou a operar, vem essa poeira para cá", diz o trabalhador rural Elmo Ribeiro Rodrigues, 60, que mora perto da unidade de britagem do carvão. "E tem noite que não dá para dormir, é uma batucada que vem de lá."

Dono de um rebanho de gado leiteiro, Aírton Luiz Duarte, 53, diz que, após o início das operações da unidade, em 2018, começaram a ocorrer casos de aborto com os animais.

"Tem vaca com mais de um ano sem dar cria", conta ele, que vive na região há 28 anos e diz ter percebido recentemente também problemas na dentição do gado, supostamente por comer pasto com cinzas.

O gerente de operações da mina, Adolfo Carvalho, admite que a evolução da exploração trouxe impactos locais não esperados e prometeu uma barreira natural com árvores em torno da propriedade de Aírton.

Árvores já foram plantadas também ao redor da unidade de britagem que fornece para Pampa Sul, que vai receber ainda um anteparo chamado "wind fence", que controla a velocidade do vento e contém o espalhamento da poeira.

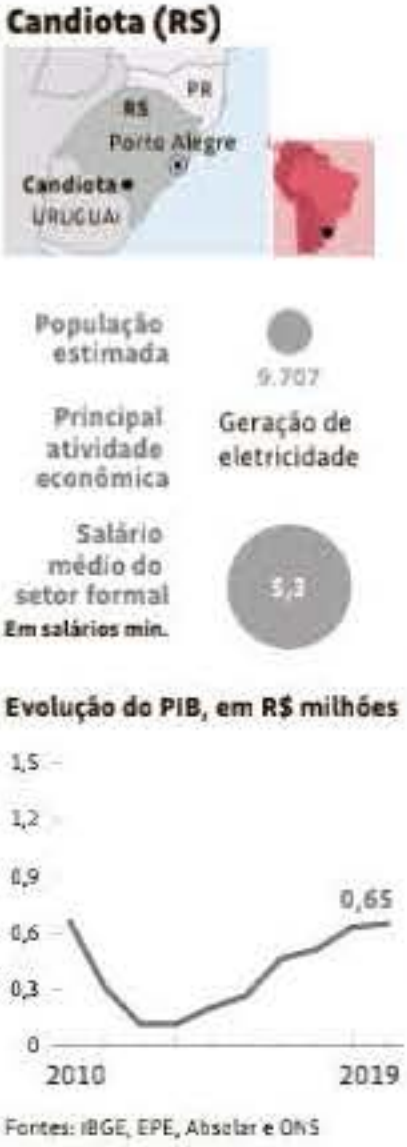
A mina estava desativada até o início das operações da Pampa Sul. Hoje, com capacidade de produção de até 3 milhões de toneladas ao ano, fornece para as duas usinas em operação na cidade. Segundo a EPE, as reservas de carvão do município garantiriam a operação de 15 usinas por 25 anos.

"Temos consciência de que vai chegar a transição energética, mas é preciso dar um tempo", diz o prefeito da cidade, Luiz Carlos Folador (MDB), defendendo que a indústria tem de ser mantida até que alternativas mais limpas para o uso do carvão sejam viáveis.

Entre elas, afirma, está a transformação do carvão em gás ou combustíveis e a produção fertilizantes ou metanol a partir do mineral. "A tecnologia evolui para usarmos o carvão com outro propósito que não a geração de energia."

Mas, para sobreviver até lá, a atividade depende de subsídios, admite o setor, que neste mês conseguiu aprovar no Congresso lei que manda contratar térmicas a carvão em Santa Catarina até 2040.

"Esses movimentos de curto prazo, a meu ver, não resistem à economia", diz o coordenador do Portfólio de Energia do ICS (Instituto Clima e Sociedade), Roberto Kishinami. "Hoje as renováveis já são mais baratas, mais competitivas e oferecem segurança energética." **NP e DV**

Fontes: IBGE, EPE, Absolar e ONS

Populismo 2022

Políticas populistas sempre fracassam e jogam o custo sobre os pobres

Marcos Mendes

Pesquisador associado do Insper, é autor de "Por que É Difícil Fazer Reformas Econômicas no Brasil?"

Em artigo de 1990, "A Macroeconomia do Populismo", Rudiger Dornbusch e Sebastian Edwards alertaram para o fato de que "políticas populistas sempre falham e jogam o custo sobre os grupos que supostamente seriam favorecidos por elas" (tradução livre). Infelizmente, 2022 promete ser um festival de populismo da direita à esquerda.

Meses atrás, Bolsonaro rechaçou propostas de reformulação das políticas sociais que poderiam atender melhor os mais pobres, sem estourar as contas. Afirmou que "não vou tirar dos pobres para dar aos miseráveis".

Porém, fez pior ao propor a PEC dos Precatórios: a título de ampliar a transferência de renda aos pobres, abriu a porta a despesas que favorecem os ricos e furou o teto de gastos, o que gerou desvalorização cambial, inflação, aumento dos juros, redução dos investimentos e da oferta de empregos.

Em uma típica manobra populista, anunciou o pagamento mínimo de R$ 400 para cada família abaixo da linha da pobreza. Isso garante o discurso de palanque: "Eu dei R$ 400 para cada família pobre!". Mas desmonta a estratégia de atender os mais necessitados: um indivíduo que vive sozinho vai receber o mesmo que uma mãe solo com duas crianças pequenas; uma família com renda um pouco acima da linha de pobreza não receberá nada, enquanto outra, um pouco abaixo, receberá R$ 400. O Auxílio Brasil custará mais que o dobro do Bolsa Família, com clara deterioração da relação custo-benefício.

O candidato Lula reforça a toada populista. Acha que R$ 400 é pouco. Tem que ser R$ 600! E apoia o desmonte do teto, bradando no Twitter que "um governo responsável não precisa de uma lei dizendo o que ele pode gastar". Arroubo autoritário que finge ignorar que o Poder Executivo não governa sozinho, e que as pressões desordenadas por gastos vêm de todos os lados: dos demais Poderes, dos grupos organizados, das múltiplas carências sociais.

Também faz parte do kit populista criticar "o mercado", que, nas palavras de Bolsonaro, seria "muito nervosinho". Para os populistas, "o mercado" é sinônimo de "mercado financeiro", gente insensível que só pensa em dinheiro. Reforçando o argumento de seu oponente, Lula não perde oportunidade de incitar o confronto entre os banqueiros e o interesse do povo.

O "mercado", na verdade, são todos aqueles que conseguem acumular alguma poupança e que, direta ou indiretamente, investem na produção: assalariados, pequenos empresários, fábricas, supermercados.

Quando o populismo produz inflação, baixo crescimento ou calote, todos entram no modo de proteção de seus patrimônios. A construção da nova fábrica ou da nova filial do supermercado é adiada. Aplicações financeiras são sacadas dos bancos, e os recursos, remetidos ao exterior ou entesourados sob a forma de dólar, ouro ou outro ativo considerado seguro. Deixam de estar disponíveis, no caixa das instituições financeiras, para financiar novos investimentos na produção.

Quem mais perde nesse processo, ensinam Dornbusch e Edwards, são as pessoas de menor renda, que não têm poupança e não conseguem defender seu patrimônio. Vivem do que recebem a cada mês, e isso é corroído pela inflação e pelo baixo crescimento.

O mercado financeiro, que tem por função aplicar os recursos de seus clientes, é onde primeiro aparecem as más notícias. Os populistas atiram no mensageiro.

Os extremos ideológicos também se irmanam ao tratar do preço dos combustíveis. Para ambos, a solução são o tabelamento e o subsídio governamental. Ignoram que isso representará, ao mesmo tempo: expropriação de quem investiu na Petrobras; aumento nos custos para financiar novos investimentos no setor; gasto de dinheiro público para subsidiar o consumo de combustível pelos ricos; mais gastos públicos para recapitalizar a Petrobras após acúmulo de prejuízos; redução da oferta de combustíveis alternativos, que se tornam menos competitivos diante do petróleo subsidiado.

A ameaça de intervenção na Petrobras gera incerteza e desvaloriza o real. Em consequência, o preço dos combustíveis, cotado em dólar, sobe ainda mais, em vez de cair. Tiro no pé, como sempre ocorre nas bravatas populistas.

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen, Ronaldo Lemos | TER. Michael França, Cecília Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Projeção de cápsulas da HyperloopTT, que assinou acordo para estudos com a UFRGS e o governo do RS; custo do projeto é estimado em US$ 7,7 bi Divulgação

Cápsula promete ir de Caxias a Porto Alegre em 20 minutos

Sistema de levitação magnética a 850 km/h é considerado viável pela UFRGS

Fernanda Canofre

PORTO ALEGRE Com uma viagem em cápsulas, que deslizam no vácuo dentro de tubos, uma pessoa pode percorrer 135 quilômetros entre o aeroporto de Porto Alegre e Caxias do Sul, em menos de 20 minutos, com uma passagem de custo médio de R$ 115, em um sistema que pode alcançar velocidade de até 850 km/h.

O cenário, à primeira vista futurista, é o que promete a empresa Hyperloop Transportation Technologies. Ele foi apontado como viável por estudo realizado pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), depois de acordo assinado entre empresa, universidade e o governo gaúcho no início de 2021.

A análise é uma fase bastante inicial do projeto, que não tem ainda licenciamento ambiental para obras ou investidores definidos para abraçar construção e operação do serviço —a empresa calcula que o trecho projetado para ligar Porto Alegre à Serra Gaúcha teria custo de US$ 7,7 bilhões (cerca de R$ 43 bilhões) num cenário de 30 anos.

"Estamos num momento de ampliar o estudo. A gente vai para uma pré-aprovação com licenciamento ambiental, aí sim o projeto vira um projeto executivo para ser investido por algum player. O pré-estudo de viabilidade mostrou números bastante razoáveis e despertou o interesse de alguns", diz Ricardo Penzin, diretor da empresa na América Latina.

Sem autorização para identificar os interessados, ele diz que dois são do Brasil e um é do exterior. As cápsulas poderiam transportar entre 28 e 50 passageiros ou cargas de até 15 toneladas.

"A Hyperloop não constrói e não opera, ela é uma empresa de tecnologia. Na verdade, a gente é um grande agente licenciador, a gente é um grande McDonald's."

A ideia se baseia na tecnologia conhecida como hyperloop, conceito lançado a partir de um artigo publicado pelo bilionário Elon Musk em 2013. Ela é desenvolvida hoje por pelo menos oito empresas e startups pelo mundo —a própria Hyperloop TT foi criada depois da publicação.

Entre elas está também a Virgin Hyperloop, primeira empresa a testar uma viagem tripulada com pessoas nas cápsulas, em novembro de 2020. No site, a empresa destaca que esse pode ser o primeiro modal de transporte em massa lançado em mais de cem anos. A HyperloopTT estima ter seu primeiro teste tripulado em 2023.

Com o tamanho semelhante a um avião comercial pequeno, sem asas, a cápsula se movimenta por um sistema de levitação magnética, chamado de inductrack, em um ambiente de baixa pressão, o que permite que ela opere em alta velocidade com quase zero atrito. O sistema, segundo a empresa, é compatível com a aviação em segurança e sustentabilidade.

A cápsula pode chegar a 1.200 km/h, mas na rota sendo estudada para o Rio Grande do Sul a máxima atingida deve ser de 850 km/h.

Pelo estudo da UFRGS, o trajeto no projeto-piloto gaúcho teria quatro estações: Porto Alegre, Novo Hamburgo, Gramado e Caxias do Sul. O preço das passagens variaria de R$ 30, do trecho mais curto, da capital à cidade da região metropolitana, a R$ 115 pelo trajeto completo.

> Talvez estejamos vendo mais uma vez promessas um pouco faraônicas em torno de trens-bala, aerotrem, fantasias tecnológicas
>
> **Roberto Andrés**
> urbanista e professor da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais)

As passagens de ônibus entre a capital e Caxias hoje custam entre R$ 40 e R$ 60, com tempo de viagem entre duas e três horas.

Christine Nodari, coordenadora do estudo da UFRGS pelo Lastran (Laboratório de Sistema de Transportes), diz que o cálculo foi baseado em estimativa de demandas, valores de tarifa e respostas do público de uma pesquisa de preferência declarada, consulta comum na área de transportes, que pergunta às pessoas quanto estariam dispostas a pagar por aquele serviço.

A empresa diz ainda que o investimento não conta com dinheiro público. A estimativa é de uma receita de US$ 1,5 bilhão para o primeiro ano de operações, em 2026 —a maior parte, mais de US$ 1 bilhão, vindo de receitas não operacionais, como investimentos imobiliários.

"Para não ser subsidiado, o negócio precisa se apropriar desses rendimentos. É nessa premissa que ele é autossustentável", diz Nodari.

A estimativa é que o investidor comece a ter lucro em cerca de 15 anos, o que, segundo Penzin, diretor da empresa, é "um piscar de olhos" ao falar de infraestrutura.

Como se trata ainda de um novo modal, caso seja implementado, ele também terá de passar pela discussão de regulamentação, o que o diretor diz que já está previsto.

Ele afirma que a lógica a ser seguida em termos de impostos é a mesma de outros serviços de transportes, como ônibus, e que a empresa tem um manual de regulação, desenvolvido pela alemã Tüv Süd, que deve ser traduzido.

A relação com o governo do estado foi um dos fatores para escolha do Rio Grande do Sul, segundo a empresa. No início de outubro, o governador Eduardo Leite (PSDB) visitou a sede dos testes da empresa, em Toulouse (França), durante viagem de negócios na Europa, e chamou o sistema de "absolutamente disruptivo".

"O governo está nos fornecendo todas as informações relativas a transportes de passageiros e cargas no estado, todo apoio necessário para o licenciamento ambiental junto aos órgãos competentes, para regular o sistema. A gente está formando um comitê multidisciplinar no governo do estado para que todos os membros, de todas as instituições necessárias para evoluir com o projeto, estejam a par e deem celeridade ao projeto, todas as partes interessadas", afirma Penzin.

Trabalhando com uma janela de dez anos para ter o sistema em funcionamento, estimando tempo entre licenciamento e construção, Penzin reconhece que mudanças políticas podem afetar o andamento do projeto.

A empresa chegou a ter um acordo com o governo Fernando Pimentel (PT), em Minas Gerais, para construção de um centro de pesquisa e desenvolvimento em Contagem, região metropolitana de Belo Horizonte, que parou com a chegada de Romeu Zema (Novo) ao governo.

Para Roberto Andrés, urbanista e professor da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), a questão da regulamentação pelo Estado, ainda que o projeto não envolva dinheiro público, é fundamental.

"No caso do setor de transportes, ele se configura como um monopólio natural. Ou seja: depois da infraestrutura feita, a barreira de entrada é muito grande. Por isso, é praticamente impossível haver competição para regular os preços", avalia.

"Talvez estejamos vendo mais uma vez promessas um pouco faraônicas em torno de trens-bala, aerotrem, fantasias tecnológicas", ressalta ele.

"Nós deveríamos estar, há muito tempo, retomando e implementando novas ferrovias, novos bondes, metrôs, ônibus elétricos, tecnologias acessíveis, realistas, de baixo custo ambiental, de custo razoável, que possam ser pagos pelos usuários, que não virem algo VIP ou elitista", diz.

Bolsonaro edita MP que perdoa até 92% das dívidas de estudantes com o Fies

Medida ganhou fôlego em embate eleitoral com Lula e beneficia quem aderiu ao fundo até 2017

Mateus Vargas e Idiana Tomazelli

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) editou MP (medida provisória) para permitir a renegociação de dívidas com o Fies (Fundo de Financiamento Estudantil).

Estudantes inscritos no CadÚnico (Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal) ou beneficiados pelo auxílio emergencial podem receber desconto de até 92% do valor devido.

Nos casos restantes, o abatimento máximo é de 86,5%. Estas medidas beneficiam alunos que aderiram ao Fies até o segundo semestre de 2017 e apresentam débitos vencidos e não pagos há mais de um ano.

A MP foi publicada em edição extra do Diário Oficial da União de quinta-feira (30). Pressionado pela provável candidatura em 2022 do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Bolsonaro decidiu dar fôlego à proposta, como mostrou a **Folha**.

O ministro Milton Ribeiro e o presidente Jair Bolsonaro participam de evento no Palácio do Planalto Pedro Ladeira - 14.dez.21/Folhapress

A MP também permite receber desconto de 12% em dívidas vencidas há pelo menos 90 dias, com abatimento de 100% dos encargos moratórios, caso o pagamento seja feito à vista. Também há opção de parcelar estes valores em 12 anos e meio (150 meses), mas sem o desconto de 12% sobre o valor total.

Em transmissão nas redes sociais no começo de dezembro, Bolsonaro imitou Lula ao citar uma medida em estudo para beneficiar os estudantes. "Tem gente que fica prometendo: 'Se eu for presidente, vou anistiar todo mundo'. Por que não fez lá atrás, pô? Está aí de sacanagem", disse Bolsonaro, simulando a voz do petista. Uma semana antes, o petista havia dito no podcast Podpah que é preciso "anistiar os meninos" do Fies.

"Tem um milhão de meninos e meninas devendo para o Fies, porque não podem pagar. Anistia essas crianças. Qual o prejuízo para o país? Tem tantos empresários que dão calote, o que custa anistiar os meninos?", afirmou.

A renegociação de dívidas do Fies deverá ser realizada por meio dos canais de atendimento disponibilizados pelos agentes financeiros.

"Vale dizer que essas modalidades de transação são aquelas realizadas por adesão, na cobrança de créditos contratados com o Fies até o segundo semestre de 2017 e cujos débitos estejam: I) vencidos, não pagos há mais de trezentos e sessenta dias, e completamente provisionados; ou II) vencidos, não pagos há mais de noventa dias, e parcialmente provisionados", afirma nota da Secretaria-Geral da Presidência. A ideia é não ter custo fiscal, pois a MP trata de empréstimos considerados irrecuperáveis, dizem integrantes do governo.

Em vídeo divulgado nas redes sociais na quinta (30), o ministro da Educação, Milton Ribeiro, disse que a MP é "mais uma vitória do governo federal". "Ciente dos anseios da população e visando mitigar os efeitos da pandemia, o governo federal se solidariza com estudantes ao proporcionar opções para que os graduandos permaneçam na busca dos seus sonhos e alcancem o tão almejado diploma de nível superior", disse Ribeiro.

Já aliados do ex-presidente Lula ironizaram a edição da medida. "Bolsonaro copia projeto do PT e concede perdão para estudantes com o Fies", escreveu o deputado federal e secretário-geral do PT, Paulo Teixeira (SP), no Twitter.

Lula lidera as pesquisas para a eleição presidencial de 2022, com Bolsonaro em segundo.

Parte das dívidas do Fies já são contabilizadas como prejuízo para a União, dependendo de fatores como o tempo em que as parcelas estão inadimplentes. O Balanço Geral da União registrou um ajuste para perdas de R$ 27,9 bilhões no Fies ao fim de 2020.

No total, o Fies tem a receber dos devedores R$ 123 bilhões, segundo números atualizados em 30 de setembro, os mais recentes disponíveis.

De acordo com o documento do Tesouro Nacional, o Fies já atendeu mais de 3,4 milhões de estudantes. Desse total, 2,7 milhões ainda possuem contratos ativos (aqueles que ainda têm saldo a pagar ao fundo). Estabelecido por lei em 2001, no governo Fernando Henrique Cardoso (PSDB), o Fies passou por uma expansão significativa sobretudo a partir do governo de Dilma Rousseff (PT). Do total, 79% dos contratos foram assinados de 2011 em diante.

O programa é operado pelo FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), vinculado ao Ministério da Educação, que solicita os recursos ao Tesouro Nacional.

O MEC divulgou na quinta-feira (30) que o Fies deve oferecer 110.925 vagas em 2022. "No primeiro semestre, os estudantes terão acesso a 66.555 vagas, 60%, e 44.370 vagas, no segundo semestre, 40% do total", disse a pasta.

Em 2014 o Fies ofereceu o maior número de vagas para um ano, 732 mil. O programa encolheu e tem cerca de 100 mil vagas disponíveis a cada ano desde 2018.

Em abril, o ministro da Economia, Paulo Guedes, disse em uma reunião do governo que o Fies deu bolsa "para quem não tinha a menor capacidade" e citou suposto caso de um filho de porteiro que recebeu o financiamento mesmo com nota zero no vestibular. A fala gerou críticas ao governo.

Para se inscrever no programa, o estudante deve ter participado de alguma edição do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio) entre 2010 e 2020. O participante precisa ter notas iguais ou acima de 450 pontos e nota diferente de zero na redação no exame. Outro critério é o da renda familiar mensal, que tem que ser de até três salários mínimos por pessoa. Em grande parte, o Tesouro emite títulos públicos para obter o dinheiro, o que gera um impacto direto na dívida pública.

Pelo fato de seus riscos serem em maior parte bancados pela União, o programa é alvo frequente de análises dos diferentes governos e já passou por sucessivas mudanças para mitigar o risco para os cofres públicos. O programa financia até 100% do valor dos encargos educacionais cobrados pelas instituições de ensino que aderem ao fundo, dependendo da renda familiar mensal bruta e do comprometimento com os custos da mensalidade.

Essa não é a primeira vez que o programa passa por flexibilizações, e renegociações já foram feitas ao longo dos anos, inclusive em 2019, durante o governo Bolsonaro. Em 2020, foram suspensos os pagamentos dos estudantes beneficiários durante a pandemia de Covid-19.

Bolsonaro também editou, neste mês, uma MP para ampliar o acesso de alunos egressos de escolas privadas ao Prouni. A medida foi questionada por parte da oposição. "Fui criticado, que estava elitizando o Prouni. Pelo contrário, estamos fazendo justiça", disse Bolsonaro em transmissão em redes sociais na quinta.

A iniciativa para beneficiar os estudantes não vem de forma isolada. Como a **Folha** mostrou, Bolsonaro tem buscado anunciar medidas para reverter a queda da popularidade em 2022.

A MP da renegociação das dívidas do Fies passou a valer no momento da publicação, mas perde efeito se não for aprovada pela Câmara e Senado em até 120 dias.

Presidente libera R$ 700 mi para áreas atingidas por tempestades

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (MP) assinou medida provisória para liberar R$ 700 milhões ao Ministério da Cidadania e atender áreas atingidas pelas chuvas.

Bolsonaro virou alvo de críticas da oposição e causou constrangimento em governistas por protagonizar cenas de folga no litoral catarinense, em meio à tragédia registrada principalmente na Bahia.

O texto foi publicado em edição extra do Diário Oficial da União desta sexta-feira (31). Do valor, R$ 200 milhões serão destinados a ações de segurança alimentar e nutricional, enquanto os R$ 500 milhões restantes vão para o programa de "Proteção Social no âmbito do SUAS (Sistema Único de Assistência Social), conforme a MP.

O governo não citou qual fatia da verba deve ser entregue a cada estado.

"A medida visa o enfrentamento das consequências das fortes chuvas que acometeram diversas regiões do Brasil, principalmente os Estados da Bahia e de Minas Gerais, que deixaram milhares de pessoas desabrigadas ou desalojadas", afirma nota da Secretaria-Geral da Presidência.

Por se tratar de crédito extraordinário, o valor não é computado dentro dos limites do teto de gastos.

Os estragos causados por fortes chuvas já mataram 24 pessoas na Bahia e deixaram mais de 37 mil desabrigadas.

A ausência do presidente na linha de frente das ações para conter a tragédia fez a hashtag #BolsonaroVagabundo entrar na lista de "assunto do momento" do Twitter. Na quarta (29), o governo ainda dispensou ajuda da Argentina à Bahia.

O presidente ainda dobrou a aposta e fez uma visita ao parque Beto Carrero World, na quinta-feira (30), onde participou da apresentação chamada Hot Wheels - Epic Show, famosa pelas derrapagens.

Em entrevista à **Folha**, o governador Rui Costa (PT) diz que o enfrentamento às chuvas que assolam a Bahia é o maior desafio de sua gestão. As enchentes destruíram estradas, inutilizaram estoques de medicamentos e vacinas.

Mateus Vargas

2022, ano decisivo

Apesar de ataques, há possibilidade real de reverter a erosão da democracia

Oscar Vilhena Vieira

Professor da FGV Direito SP, mestre em direito pela Universidade Columbia (EUA) e doutor em ciência política pela USP; autor de "A Batalha dos Poderes"

A democracia brasileira sobreviveu a mais um ano de ataques sistemáticos às suas instituições e aos direitos e valores destinados a promover o bem-estar da população. Não houve dia nos últimos três anos em que a saúde da população, a cultura e a educação, o meio ambiente, o mundo do trabalho, a liberdade de expressão ou os direitos humanos não tenham sido objeto de sabotagem por parte do presidente e seus auxiliares.

A absurda tentativa de impedir a vacinação de crianças, nas últimas semanas, é apenas mais uma manifestação do obscurantismo perverso que ocupa o centro do poder no Brasil. A opção pelo jet ski e pelo entretenimento infantilizado em um parque de diversões, ao invés demonstrar solidariedade e empenho para socorrer centenas de milhares de atingidos pelas enchentes na Bahia, dá a dimensão da estatura moral do presidente.

O empenho em capturar as instituições com o objetivo de favorecer os interesses obscuros de seus apoiadores, em detrimento dos direitos da população, tem sido constante. Os retrocessos no campo dos direitos indígenas e ambientais são patentes. O crescimento das queimadas, desmatamento, invasões, garimpo ilegal são uma consequência direta da ação do governo federal.

O avanço sobre a cultura e a educação, elementos estruturantes de uma democracia pluralista, tem por objetivo estrangular a liberdade de manifestação artística e a produção científica, além de intimidar críticos e dissidentes, favorecendo a expansão do fundamentalismo e da mentira como método de dominação.

Na área da saúde, como ficou amplamente demonstrado pela CPI do Senado, a ação deliberada de adiar a vacinação e fomentar aglomerações, em nome de uma ideologia liberticida e negacionista — que atraem um seguimento do eleitorado necessário para levar Bolsonaro ao segundo turno —, contribuíram para promover uma parte significativa das mais de 620 mil mortes, devastando famílias, comunidades e a própria economia. Como os autoritários Trump e Putin, Bolsonaro foi um aliado do vírus.

Apesar desse ataque sistêmico ao bem-estar das pessoas; apesar da maliciosa conspiração contra a integridade do processo eleitoral, contra a liberdade de imprensa livre e o Supremo Tribunal Federal; apesar da persistente tentativa de envolver os militares numa aventura golpista; apesar da promíscua compra dos parlamentares, por intermédio das emendas do relator e do fundo partidário, que assegurou ao chefe do executivo um escudo contra o impeachment; apesar de tudo isso, chegamos a 2022 com a possibilidade real de reverter a erosão de nossa democracia constitucional e do projeto de estado de bem-estar por ela concebido.

Se o Supremo, a imprensa, as organizações da sociedade civil e, eventualmente, algumas minorias parlamentares, formaram a principal linha de defesa da democracia brasileira contra o populismo autoritário, entre 2019 e 2021, caberá às lideranças políticas e, sobretudo, à sua excelência o eleitor, em 2022, retirar o Brasil da trajetória desastrosa que a aliança entre autoritários, conservadores, neoliberais inconsequentes, extrativistas e milicianos nos lançou em 2018.

Recuperar a saúde democrática será apenas o primeiro desafio do processo eleitoral de 2022. Restaurar a capacidade do setor público e da economia, para atender as principais necessidades básicas da população, serão, a seguir, os principais desafios do próximo governo, sem o que sucumbiremos a uma vertiginosa decadência.

Às generosas leitoras e aos leitores dessa coluna, mesmo os críticos, desejo um bom ano.

STF decidiu não julgar decretos de armas, drogas e aborto em 2021

Tribunal tem evitado entrar em debates polêmicos sobre costumes que dividem a sociedade

Matheus Teixeira e Marcelo Rocha

BRASÍLIA O STF (Supremo Tribunal Federal) encerrou as atividades de 2021 com uma série de assuntos de forte impacto para a sociedade pendentes de julgamento.

A corte preferiu não tomar nenhuma decisão e adiar a conclusão da análise de temas como aborto, descriminalização das drogas e o marco temporal para demarcação de terras indígenas, além de decretos presidenciais que facilitam o acesso a armas de fogo.

Pedidos de vista (mais tempo para analisar o caso) de ministros e decisões individuais do presidente da corte, Luiz Fux, que controla a pauta do plenário físico, impediram uma palavra final do Supremo sobre esses casos. Desde que assumiu o comando do STF, em setembro de 2020, Fux tem adotado a estratégia de adiar discussões polêmicas.

O processo que pode descriminalizar as drogas teve julgamento iniciado em 2015 e já tem três votos para excluir a previsão de que é crime portar substâncias ilícitas.

O ministro Dias Toffoli chegou a marcar a análise para junho de 2019, mas, em um gesto a Jair Bolsonaro (PL), retirou a ação de pauta. Luiz Fux, por sua vez, nem sequer marcou data para julgamento.

A ação em que o PSOL pede para o STF determinar que o aborto até a 12ª semana de gravidez deixe de ser considerado crime vive situação parecida. O caso chegou à corte em 2017 e, até hoje, não teve julgamento iniciado nem tem data para análise.

O presidente do Supremo Tribunal Federal, Luiz Fux, participa da última sessão da corte no ano Rosinei Coutinho - 17.dez.21/SCO/STF

Há outros dois temas caros a entidades de direitos humanos que chegaram a ser pautados, mas não foram concluídos nem tiveram análise iniciada. São duas ações que podem limitar os poderes da Justiça Militar. Uma delas visa retirar desse braço do Judiciário a atribuição de analisar crimes cometidos por integrantes do Exército em operações de GLO (Garantia da Lei e da Ordem), como nos casos de ocupações em favelas e de proteção às fronteiras.

A outra diz respeito a um pedido para que seja reconhecida a incompetência da Justiça Militar para julgar civis em tempos de paz.

Os dois processos foram movidos pela PGR (Procuradoria-Geral da República) em 2013, quando se intensificou a atuação do Exército em operações de segurança pública.

O STF, porém, tem evitado concluir os dois julgamentos por se tratar de tema sensível e com possível repercussão na relação do Judiciário com as Forças Armadas. Fux chegou a incluir os processos na pauta do plenário, mas outros casos passaram na frente.

A análise da ação que discute quem deve julgar integrantes do Exército que atuam em GLO, por exemplo, começou em 2018, com os votos dos ministros Marco Aurélio e Alexandre de Moraes a favor da competência da Justiça Militar. O ministro Edson Fachin se posicionou no sentido contrário, e o caso foi interrompido por pedido de vista de Luís Roberto Barroso.

Em fevereiro deste ano, o julgamento foi retomado e Barroso votou contra o pedido da PGR, mas Ricardo Lewandowski retirou o caso do plenário virtual para que seja debatido presencialmente.

Na outra ação, que ainda não teve apreciação iniciada, a Procuradoria afirma que o Supremo deveria dar nova interpretação a uma lei de 1969 para que ela se adeque às regras estabelecidas na Constituição de 1988. De acordo com a PGR, atualmente para definir o responsável por julgar determinado ato se investiga qual a intenção do agente civil e, se atingir a instituição militar, já é atraída a competência da Justiça Militar.

O órgão, porém, diz que esse segmento do Judiciário só deveria ter poder para julgar civis "em caráter excepcional" e quando houver "ofensa à pátria, à garantia dos poderes constitucionais, à garantia, por iniciativa destes, da lei da ordem".

A questão do marco temporal para demarcação de terras indígenas chegou a ser levada para apreciação da corte, mas Moraes pediu mais tempo para analisar o assunto.

A tese em discussão prevê que as comunidades indígenas só podem reivindicar terras por elas ocupadas antes da promulgação da Constituição de 1988. O Palácio do Planalto defende que o tribunal valide o marco temporal. O placar do julgamento, realizado na modalidade presencial, ficou paralisado em 1 a 1.

O debate com forte impacto para as comunidades indígenas voltará ao plenário em junho, segundo a pauta de julgamentos de 2022 divulgada no último dia 17 pelo Supremo.

Em fevereiro de 2022, mês de retomada dos trabalhos dos tribunais superiores, está prevista a continuação do julgamento da ação referente às restrições impostas às operações policiais em comunidades do Rio de Janeiro durante a pandemia de Covid-19.

Controvérsia também relacionada à Covid-19, a obrigatoriedade de passaporte de vacina ou quarentena para viajantes que chegam ao país também é outro assunto previsto na pauta. A corte já tinha oito votos para estabelecer a necessidade de apresentar o comprovante, nos termos da decisão de Barroso, mas um pedido do ministro Kassio Nunes Marques para transferir a análise do ambiente virtual para o físico a interrompeu.

A pauta inclui também a liminar concedida por Barroso para suspender trechos da portaria do Ministério do Trabalho que proíbem empresas de exigirem comprovante de vacinação na contratação ou na manutenção do emprego.

Estão previstos julgamentos importantes na esfera eleitoral. Vai a referendo uma liminar que restringiu alcance da Lei da Ficha Limpa. Os ministros vão analisar o dispositivo que, em 2018, barrou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) da disputa em 2018. E a corte analisará liminar que determinou que as federações partidárias devem obter registro de estatuto até seis meses antes das eleições, como é exigido para as legendas.

Anvisa interrompe atividades de cruzeiro após surto de Covid

Raquel Lopes

BRASÍLIA A Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária) interrompeu as atividades de um cruzeiro marítimo nesta quinta-feira (30) após um surto de Covid-19. O passeio tinha previsão para ser concluído em 3 de janeiro.

A embarcação Costa Diadema ficou atracada no porto de Salvador. Foram confirmados 68 casos de Covid-19 até o momento, sendo 56 entre tripulantes e 12 entre passageiros.

Foram autorizados a desembarcar em Salvador os viajantes que testaram positivo para Covid-19, que ficarão em isolamento em hotéis já disponibilizados pela operadora do cruzeiro. Moradores da capital baiana também puderam sair da embarcação.

"De acordo com os relatórios da embarcação, dentre os passageiros que testaram positivo para Covid-19, a grande maioria é assintomática, com apenas algumas pessoas com sintomas leves", disse em nota.

A medida foi adotada após a investigação epidemiológica conduzida pela agência reguladora e por técnicos das secretarias de saúde do governo da Bahia e do município de Salvador.

Segundo o plano de contingência, a embarcação poderá seguir, sob condição de restrições a bordo, para o porto de Santos. Isso significa que todas as atividades não essenciais devem ser interrompidas.

Até que o desembarque completo dos viajantes ocorra no destino final em Santos, todos os embarcados devem reforçar a atenção quanto aos protocolos de redução do risco de transmissão da Covid-19.

A autorização para que o navio fosse redirecionado para o porto de Santos ocorreu após avaliação das condições sanitárias da embarcação e levando em consideração o bem-estar dos viajantes, a fim de conduzi-los em condições de segurança sanitária ao seu destino final de desembarque.

Ao desembarcarem em Santos, todos os viajantes terão que ser testados. O monitoramento deve ser realizado pelos Cievs (Centros de Informações Estratégicas em Saúde).

Além desse navio, um outro atracou no porto de Santos (SP) para que 132 pessoas desembarcassem na quarta-feira (29). Fazem parte desse grupo 78 pessoas com casos confirmados da doença e 54 que tiveram contato com os casos positivos.

> "Dentre os passageiros que testaram positivo para Covid-19, a grande maioria é assintomática, com apenas algumas pessoas com sintomas leves
>
> **Anvisa**
> em nota

Os cruzeiros voltaram a navegar em 1º de novembro no Brasil após uma portaria do governo federal. Após essa autorização, a Anvisa aprovou um protocolo sanitário para a retomada das atividades.

Segundo protocolo da Anvisa, somente as pessoas que tomaram a vacina contra a Covid-19 podem embarcar no país. São válidas as vacinas que fazem parte do PNI (Programa Nacional de Imunizações) e as que são reconhecidas pela OMS (Organização Mundial da Saúde).

Além da vacinação, o uso de máscara é obrigatório a bordo e em terminais de passageiros. Dentro das embarcações o distanciamento entre os grupos de viajantes deve ser no mínimo de 1,5 metro.

Todos os dias, no mínimo 10% dos funcionários que trabalham na embarcação e 10% dos passageiros precisam ser testados. Tripulantes devem fazer exames com maior frequência, especialmente aqueles envolvidos em serviços de alimentação e os que possuem contato direto com os passageiros.

Navios mantêm roteiros no Brasil em meio à pandemia

SÃO PAULO A confirmação de surtos de Covid em cruzeiros marítimos no Brasil não altera, até o momento, os roteiros programados para a costa brasileira nesta temporada, informou nesta sexta-feira (31) a Clia Brasil, representante local da Associação Internacional de Linhas de Cruzeiros.

Cinco navios das companhias Costa e MSC programaram um total de 106 roteiros no litoral do país entre novembro de 2021 e março de 2022. A temporada movimenta aproximadamente R$ 1,7 bilhão na economia nacional e gera 24 mil empregos, segundo o setor.

Em meio a um cenário de crescimento global dos casos devido à variante ômicron, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês) dos Estados Unidos aumentou na quinta-feira para 4 seu nível de advertência para navios de cruzeiro, o mais alto da escala.

"Evitem este tipo de viagem, independentemente da situação vacinal", afirmou a agência em comunicado.

A medida foi anunciada após o número de casos em cruzeiros crescer nas últimas semanas, levando alguns portos a recusar embarcações. **Clayton Castelani**

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Aprendeu a tocar com a mãe e virou o maioral do cavaquinho

ANTÔNIO VIEIRA DE ARRUDA (1953-2021)

Isabela Palhares

SÃO PAULO Quando menino, Antônio Vieira de Arruda aprendeu com a mãe a tocar os primeiros acordes no violão. Dali, não parou mais, conheceu outros instrumentos e ficou conhecido como o seresteiro Touzinho, o maioral do cavaquinho.

Arruda nasceu no povoado do Minguaiú, em Santa Cruz do Capibaribe, em Pernambuco. Aos cinco anos mudou com os pais e os nove irmãos para Arapiraca, em Alagoas, onde fez sua fama como músico e compositor.

"Eram dez irmãos, mas só três puxaram para o lado da música, como a mãe. Tio Touzinho era o mais encantado com a música, era sempre ele quem puxava a cantoria, a festa", lembra o sobrinho Fábio Veras de Araújo.

Arruda era convidado para tocar em bares, boates, festas de casamento e aniversário de Arapiraca e cidades da região. Também foi chamado para tocar em outros estados.

"Ele era convidado para tudo quanto é canto para tocar, Sergipe, Bahia, Paraíba. Acredito que não era só pela música, mas também pela energia, pela disposição e alegria que tinha em estar numa festa", conta Araújo.

Além de seresteiro, chegou a trabalhar na Polícia Militar de Alagoas, mas não conseguiu se manter longe da música nem mesmo na corporação e fez parte da banda da PM. Também foi mecânico de tratores e tinha orgulho em dizer que trabalhou desde menino. Com dez anos, conseguiu comprar uma bicicleta vendendo picolés nas ruas de Arapiraca.

Em novembro deste ano, Arruda foi convidado para fazer parte de um documentário sobre os moradores icônicos do município alagoano. O depoimento sobre sua vida se entrelaça com as músicas que mais gostava de cantar e tocar. Um dos episódios que conta é como conheceu sua esposa, com quem teve dois filhos.

Logo depois de cantar uma música do mineiro Carlos Gonzaga, emenda ter sido com ela que conquistou a esposa. "Foi com ela que ganhei minha mulher. Na verdade, a música só me trouxe alegria", diz no depoimento.

Arruda morreu na noite de terça-feira (28), vítima de um infarto aos 68 anos. Deixa a esposa, dois filhos e um neto.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo:
tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Os filhos **JACQUES** e **ALAIN**, a irmã **ANDRÉE**, as noras **ROSANE** e **TAMARA**, os netos **STEPHANIE, ARIEL** e **SOPHIE**, o bisneto **GABRIEL** e o sobrinho **PAULO** da **AMADA**

comunicam com profunda tristeza o seu falecimento e agradecem as manifestações de carinho recebida. O sepultamento foi realizado **ONTEM, 31/12** no Cemitério Israelita do Butantã.

Efeito colateral grave de vacina contra Covid em criança é raro

Foram 11 relatos de miocardite entre 43 mil imunizados, de acordo com o CDC

Benjamin Mueller e Andrew Jacobs

THE NEW YORK TIMES O Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC, na sigla em inglês) divulgou na quinta-feira (30) dois estudos que destacam a importância da vacinação de crianças contra o coronavírus.

Um estudo concluiu que problemas graves são extremamente raros entre crianças de 5 a 11 anos que receberam a vacina Pfizer-BioNTech. O outro, que analisou centenas de internações pediátricas em seis cidades dos EUA no verão, revelou que quase todas as crianças que ficaram gravemente doentes não haviam sido totalmente vacinadas.

Mais de 8 milhões de doses da vacina Pfizer foram administradas em crianças de 5 a 11 anos nos EUA até agora. Mas a preocupação com fatores desconhecidos de um novo imunizante fez com que alguns pais hesitassem em permitir a vacinação de seus filhos, incluindo alguns que preferem esperar pela imunização mais ampla, que poderá revelar qualquer problema raro.

Em 19 de dezembro, cerca de seis semanas após o início da campanha para vacinar crianças de 5 a 11 anos, o CDC disse ter recebido muito poucos relatos de problemas sérios. A agência avaliou relatórios recebidos de médicos e do público, assim como respostas a pesquisas com pais ou responsáveis por aproximadamente 43 mil crianças nessa faixa etária.

Muitas das crianças pesquisadas relataram dor no local da injeção, cansaço ou dor de cabeça, principalmente após a segunda dose. Cerca de 13% dos entrevistados relataram febre após a segunda dose.

Mas os relatos de miocardite, uma inflamação do músculo cardíaco que foi associada em casos raros à vacinação contra o coronavírus, continuaram escassos. O CDC disse que havia 11 relatos verificados vindos de médicos, fabricantes de vacinas ou outros membros do público. Desses, sete crianças haviam se recuperado e quatro estavam se recuperando no momento do relatório, afirmou o CDC.

O CDC declarou que as taxas de notificação de miocardite relacionada à vacina pareciam mais altas entre meninos e homens com idades entre 12 e 29 anos.

Vários pais ou médicos também relataram casos de crianças de 5 a 11 anos que receberam a dose maior e incorreta da vacina, destinada a crianças mais velhas e adultos. O CDC disse que essas confusões "não eram inesperadas" e que a maioria dos relatos mencionou que as crianças não tiveram problemas depois.

O CDC detalhou duas notificações de mortes, de meninas de 5 e 6 anos, que, segundo a agência, tinham condições médicas crônicas e estavam com "saúde frágil" antes das vacinas. "Na revisão inicial, não foram encontrados dados que sugerissem uma associação causal entre vacinação e morte", disse a agência.

O outro relatório do CDC sobre hospitalizações pediátricas forneceu evidências adicionais sobre a importância de vacinar todas as crianças elegíveis. O estudo, que analisou mais de 700 crianças menores de 18 anos que foram internadas em hospitais com Covid-19 no verão passado, descobriu que 0,4% dessas crianças foram totalmente vacinadas.

O estudo também descobriu que dois terços de todas as crianças hospitalizadas tinham uma comorbidade, na maioria das vezes obesidade, e que cerca de um terço das crianças de 5 anos ou mais estavam doentes com mais de uma infecção viral.

Quase um terço das crianças ficaram tão doentes que precisaram ser tratadas em unidades de terapia intensiva e quase 15% precisaram de ventilação médica. Entre todas as hospitalizadas, 1,5% morreu, constatou o estudo. Os seis hospitais ficavam em Arkansas, Flórida, Illinois, Louisiana, Texas e Washington DC.

"Este estudo demonstra que crianças não vacinadas hospitalizadas por Covid-19 podem sofrer doença grave, e reforça a importância da vacinação de todas as crianças elegíveis para fornecer proteção individual e proteger aquelas que ainda não são elegíveis à vacinação", escreveram os autores do estudo.

Adolescente é imunizado contra a Covid em UBS da capital paulista, no primeiro de vacinação de pessoas de 12 a 15 anos com comorbidades Danila Verpa - 23.ago.2021/Folhapress

> O estudo mostra que crianças não vacinadas hospitalizadas podem sofrer doença grave, e reforça a importância da vacinar as crianças elegíveis para ter proteção individual e proteger quem ainda não é elegível à vacinação
>
> **Centro de Controle e Prevenção de Doenças** em nota

Dificuldade para se bronzear indica predisposição ao câncer de pele

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Pessoas que se bronzeiam pouco e ficam muito vermelhas têm maior predisposição a desenvolver o câncer de pele. A exposição excessiva ao sol não faz bem a ninguém, mas principalmente esse grupo deve redobrar os cuidados.

"A pele mais pigmentada e colorida tem mais melanina, que é um filtro solar natural, e uma exposição solar menor", afirma Thais Bello Di Giacomo, dermatologista e membro do corpo clínico dos hospitais Israelita Albert Einstein, Sírio-Libanês e Alemão Oswaldo Cruz.

Para ela, é importante ressaltar que a melanina não substitui o filtro solar adequado. Além disso, o isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19 fez com que a pele morena ficasse menos resistente ao sol e mais sensível, pois a pigmentação é determinada pela exposição.

Independentemente da pandemia de Covid e da cor da pele, um conselho vale para todos: cuidado.

Segundo o Inca (Instituto Nacional do Câncer), o câncer de pele não melanoma é o mais frequente no Brasil e corresponde a cerca de 30% de todos os tumores malignos registrados no país. A doença se dá pelo crescimento anormal das células da pele, normalmente em áreas com uma grande exposição solar.

"Apesar do alto número de casos, quando diagnosticado precocemente e tratado de maneira adequada, o câncer de pele apresenta um baixo índice de mortalidade. A enfermidade, que é mais comum em pessoas com mais de 40 anos, vem atingindo cada vez mais jovens devido à constante exposição deles ao sol", informa Aumilto Júnior, oncologista do Hospital Santa Catarina - Paulista.

O câncer de pele acontece quando os raios ultravioleta chegam ao DNA, e é desta forma também que ocorre o bronzeamento da pele. Ele estimula a célula a tentar se proteger com a produção de melanina e o nível de proteção depende da capacidade que o indivíduo tem de produzi-la.

Alguns preferem o sol de manhã bem cedo ou no final da tarde—especialistas recomendam antes das 9h e após 16h—, mas é preciso entender que a radiação ultravioleta B, que aumenta perto do meio-dia e diminui no final da tarde, não é a única prejudicial.

"A incidência do ultravioleta A é constante, do nascer do sol até a hora que ele se põe, e hoje sabemos que o A também causa câncer de pele. A confirmação veio com as câmeras de bronzeamento artificial, porque a ideia era tirar o ultravioleta B e reproduzir o sol bom. Percebemos que o melanoma—câncer de pele mais perigoso—explodiu com o uso dessas câmeras", explica Di Giacomo.

E quanto tempo demora para aparecer o câncer de pele? Segundo a médica, a incidência solar é cumulativa.

"Fazendo uma analogia, para você desenvolver um câncer de pele é como se atingisse o topo de uma escadaria. Cada vez que se expor excessivamente ao sol, é um degrau da escada que se sobe. Tem gente que parte de baixo da escada. Essa pessoa pode subir quantos degraus for que nunca chegará ao topo. E a predisposição. Existem pessoas que saem do meio da escada ou já do alto. São as de pele muito clara, histórico de câncer na família, com sardas, as ruivas. O quanto cada um vai poder se expor até desenvolver um câncer de pele é variável", explica.

Principal fonte de vitamina D, o sol sem exageros é benéfico à saúde. Os países com maior incidência solar têm menores taxas de depressão e suicídio. Para aproveitá-lo de modo a obter benefícios e afastar os malefícios, é importante tomar algumas medidas.

"Por exemplo, se vai caminhar na praia, é preferível que faça bem no começo da manhã ou no fim da tarde, porque mesmo com a incidência de UVA, diminuirá a de UVB. O filtro solar não vai comprometer a sua caminhada. Você vai se proteger, mas não deixará de caminhar", diz a médica.

"Com as crianças o cuidado é redobrado. Antes dos seis meses de idade é recomendável evitar o uso de protetor e a exposição solar. Até dois anos os pais devem utilizar protetor solar infantil. Depois, é preferível mantê-lo, mas já é possível optar por qualquer filtro para pele sensível", ressalta Gomes.

"Para todo mundo, a aplicação deve ser bastante generosa para que alcance a proteção descrita na embalagem. O ideal é a aplicação dupla, a cada duas horas, quando transpirar durante atividade física ou sair da água", recomenda.

Pelo fato de o Brasil ser um país com índice de radiação ultravioleta alta em todas as regiões, o protetor solar é um cuidado que precisa ser estendido a outras estações do ano. "Ele também protege a pele contra outros danos que o sol provoca, como envelhecimento precoce e manchas."

Turistas aproveitam praia de Ilhabela, no litoral norte de São Paulo Mathilde Missioneiro - 15.dez.21/Folhapress

Cuidados para seguir na exposição solar

- Não confie só no filtro solar: as melhores barreiras são as físicas, como a barraca, o chapéu e os óculos;
- Use filtro solar com fator de proteção 50, no mínimo: segundo estudos, o FPS equivale a 57% do que está no rótulo, porque na aplicação as pessoas espalham demais e em quantidade menor do que a recomendada;
- Opte por marcas boas e consagradas de filtro solar;
- Fique longe de técnicas e receitas caseiras de bronzeamento

ciência

Livro de italiano mostra como física quântica mudou o mundo

Físico Carlo Rovelli usa exemplos e linguagem acessível para explicar conceitos ainda pouco conhecidos

O físico teórico Carlo Rovelli, autor de "O Abismo Vertiginoso" Paulina Abasa_TR

Samuel Fernandes

SÃO LUÍS Imagine um gato que está trancado em uma caixa que tem um dispositivo com 50% de chance de soltar um sonífero. Se o sonífero for ativado, o gato dorme. Caso não, ele continua acordado.

Como o animal está preso nessa caixa, não se sabe realmente se ele se encontra acordado ou adormecido —a menos que a caixa seja aberta.

Nessa circunstância, dizemos que o gato está em sobreposição quântica, um conceito da física que aborda como dois ou mais fenômenos contrários podem acontecer simultaneamente em um objeto. É como se algo pudesse estar presente em vários lugares diferentes ao mesmo tempo.

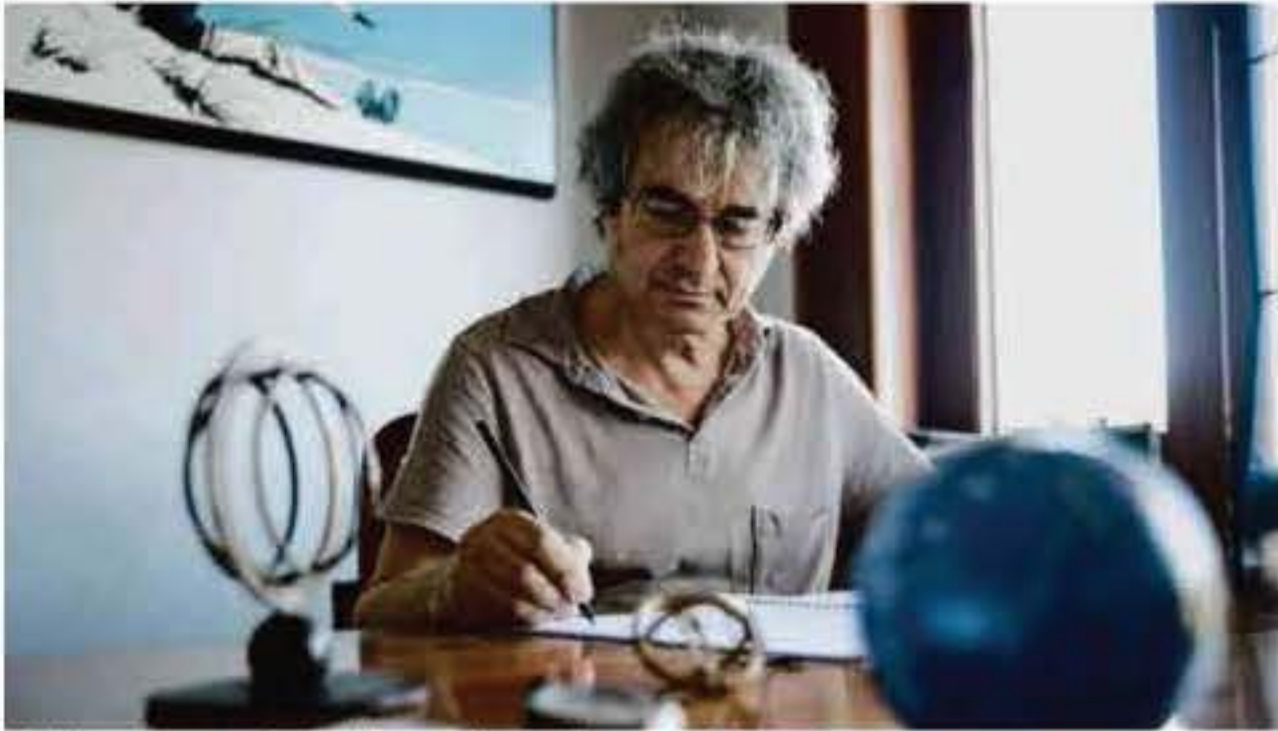
A sobreposição, para esse caso, se dá entre gato-acordado e gato-dormindo. No instante da descoberta se o sonífero foi ou não ativado, o gato sairia dessa sobreposição para um estado de interferência quântica, que é quando uma das duas possibilidades se realiza.

Esse exemplo, conhecido como gato de Schrödinger (em referência ao físico austríaco Erwin Schrödinger, 1887-1961), é um dos vários abordados no livro "O Abismo Vertiginoso", lançado recentemente no Brasil pela editora Objetiva.

A obra, destinada a explicar a física quântica, é assinada por Carlo Rovelli, físico teórico italiano e professor da Universidade de Aix-Marseille (França).

"Na versão original [de Schrödinger], a bolsa continha um veneno, não um sonífero, e o gato não adormecia, mas morria. Mas não gosto de brincar com a morte de um gato", escreve o autor em uma passagem, justificando a adaptação.

É assim, com linguagem acessível, que o físico tenta explicar a teoria dos quanta e mostrar a importância que ela tem para entender toda a realidade do Universo.

Essa linha de pensamento "sugere novos caminhos para repensar grandes questões, da estrutura da realidade à natureza das experiências, da metafísica até, talvez, a natureza da consciência", afirma.

A teoria também propõe uma nova forma de entender as minúsculas partículas que formam o Universo e principalmente as interações que acontecem entre elas.

Rovelli explica que, em 1925, o jovem físico Werner Heisenberg (1901-1976) se concentrou em observar o movimento que elétrons fazem de um átomo para outro. Com isso, lançou uma das principais bases da teoria dos quanta: seria necessário se limitar ao que era estritamente observável das interações entre as partículas para entender o Universo.

> "Tento simplificar o máximo possível, mas ninguém entende bem física quântica. Este livro foi o mais difícil e o mais divertido de escrever
>
> **Carlo Rovelli**
> físico teórico italiano

Daí surge um grande problema, já que essas interações e as observações que temos delas não são totalmente previsíveis. Schrödinger, o do gato, outro físico muito importante para a teoria quântica, chegou à conclusão de que é possível somente ter probabilidades de como as interações podem acontecer. Para ele, nunca seria possível ter toda certeza sobre o desenrolar das interações.

O foco principal da teoria dos quanta seria, então, essas interações e não os objetos.

"A física nos diz que a base do mundo não é uma lista de objetos com propriedades definidas. Acho que devemos desistir de encontrar de uma vez por todas a imagem 'fundamental' da realidade. A realidade é complexa, admite muitas perspectivas relacionadas, mas diferentes. Perguntar por sua 'base' pode ser simplesmente uma pergunta errada", diz o escritor à **Folha**.

Assim, a partir da teoria quântica, novas hipóteses para explicar o Universo surgiram. Uma delas é a teoria dos muitos mundos. Ela afirma que uma infinidade de mundos existem por causa das inúmeras possibilidades de relações entre os elementos que compõem a realidade.

Nesse caso, uma sobreposição quântica não indica somente uma probabilidade de uma ou outra coisa acontecer —essa possibilidade de diferentes caminhos já é a realidade por si só e indica a existência de diferentes mundos.

Para explicar melhor, Rovelli toma novamente o exemplo do gato que pode estar acordado ou dormindo dentro da caixa. No caso da teoria dos muitos mundos, as duas versões do gato existem por si só em diferentes universos, e não seriam apenas possibilidades do que pode ou não acontecer com o animal.

Nessa corrente de pensamento, também existiriam duas versões da pessoa que observa o gato —em um desses mundos, tem o sujeito que observa o gato acordado, e em um outro mundo seria a versão dele que vê o gato dormindo.

Quando você toma essa premissa, explica Rovelli, e a leva para as inúmeras relações possíveis da realidade do Universo, chega-se a conclusão de que poderia haver infinitos mundos para comportar todos esses cenários.

Por causa disso, o autor afirma que essa teoria é muito radical. Rovelli defende mais abertamente o que chama de perspectiva relacional —uma visão de mundo baseada nos infinitos estados de sobreposição e interferência, não havendo uma resposta exata, mas sim miríades de possibilidades que se modificam a depender dos objetos envolvidos na interação.

Nesse ponto, a teoria quântica influencia diversas outras áreas do conhecimento, porque fala da forma como a realidade pode ser percebida. Não trata unicamente das matérias que formam o Universo, mas também de como as interações entre elas influenciam a realidade que nos cerca —e as inúmeras possibilidades que existem.

Mesmo com exemplos por vezes simples, Rovelli deixa claro que, apesar do grande impacto, a física quântica ainda é bastante recente e de difícil compreensão. O próprio autor relata em algumas passagens a confusão pela qual passou ao traduzir esses conceitos ao leitor.

"Escrevo sobre ciência tentando simplificar o máximo possível, transmitindo com muita fidelidade o que penso serem as ideias principais. Isso é mais fácil de fazer nos tópicos que entendo bem, mas ninguém entende bem física quântica. Portanto, este livro foi o mais difícil e também o mais divertido de escrever."

O Abismo Vertiginoso - Um Mergulho nas Ideias e nos Efeitos da Física Quântica
Autor: Carlo Rovelli. Editora: Objetiva. Págs. 200 (R$ 49,90)

Ossadas de um homem e de um cão encontradas no sítio arqueológico de Cesme-Baglararasi, na Turquia Beverly Goodman-Tchernov

Primeiras vítimas de tsunamis da Idade do Bronze são achadas

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Arqueólogos da Turquia e de Israel identificaram as primeiras vítimas do maior desastre natural da Idade do Bronze, uma série de tsunamis que varreu o Mediterrâneo Oriental por volta do ano 1600 a.C. Os dois corpos, de um homem jovem e de um cão, foram soterrados debaixo das pedras de um edifício, parcialmente derrubado pelas ondas gigantes que chegaram ao litoral turco.

Os tsunamis, por sua vez, estão ligados a erupções vulcânicas colossais na ilha de Santorini (ou Tera, como a chamavam os gregos da Antiguidade), no mar Egeu. Calcula-se que as três ou quatro fases do evento tenham lançado pelos ares 100 quilômetros cúbicos de material vulcânico, recobrindo a ilha com uma camada de fragmentos de até 60 metros de espessura e lançando cinzas sobre boa parte do Mediterrâneo.

O processo parece ter sido tão apocalíptico que alguns estudiosos chegaram a aventar a hipótese de que ele teria inspirado o mito da submersão de Atlântida, registrado mais de um milênio mais tarde pelo filósofo Platão. No entanto, encontrar os restos mortais das pessoas diretamente afetadas pela tragédia tinha sido muito difícil até agora.

"Não diria que tenhamos resolvido totalmente a questão dos desaparecidos, mas nossos achados trazem alguns insights sobre os eventos e a reação das pessoas naquela janela muito curta de tempo", disse à **Folha** a geoarqueóloga Beverly Goodman-Tchernov, da Universidade de Haifa, em Israel. Junto com seu colega turco Vasif Sahoglu, da Universidade de Ancara, ela coordenou o estudo sobre as descobertas que acaba de sair na revista científica PNAS.

A dupla e seus colegas estudaram o sítio arqueológico de Cesme-Baglararasi, hoje no litoral da Turquia. Na Idade do Bronze, o lugar era um entreposto comercial movimentado, com evidências da chegada de bens da chamada civilização minoica, cujo centro era a ilha de Creta e que abrangia também Santorini e outros territórios insulares do Egeu. Hoje o sítio fica a cerca de 200 m de distância do mar, mas há indícios de que estava mais perto das ondas à época.

Uma série de "assinaturas" arqueológicas indica a associação entre os esqueletos humano e canino e a catástrofe de Santorini. Os corpos foram soterrados por pedras que caíram de forma assimétrica, deixando parte da construção de pé do outro lado —o que é consistente com a ação de um tsunami, que bate só de um lado, e não com a de um terremoto comum, que chacoalha os edifícios mais "por igual".

Os sedimentos das camadas de destruição também contêm restos de micro-organismos marinhos e de conchas de moluscos que normalmente ficam bem presas ao leito do mar —sinal de que algum processo violento as arrancou de lá. E há a presença de cinzas vulcânicas cuja composição e idade batem com a da erupção de Santorini. As datações obtidas pelos pesquisadores indicam que o evento teria acontecido a partir do ano 1612 a.C. —por causa da dificuldade de calibrar os dados brutos em relação ao nosso calendário, a data exata ainda não pode ser estabelecida.

Segundo Goodman-Tchernov, hipóteses anteriores que tentam explicar por que era difícil achar os corpos das vítimas devem estar ao menos parcialmente corretas. Alguns lugares do Egeu provavelmente foram evacuados quando os primeiros sinais das erupções surgiram. Pessoas que foram pegas pelo desastre no mar também correram o risco de ser incineradas pelas rajadas de material vulcânico.

Um indício importante do que pode ter acontecido com muitos dos corpos apareceu no próprio sítio arqueológico. Em cima das camadas de entulho formadas pelas ondas, os pesquisadores acharam buracos que parecem ter sido cavados na tentativa de resgatar gente soterrada. O rapaz e o cão encontrados aparentemente estavam fundo demais para serem achados.

Outra questão em aberto é o impacto mais amplo da tragédia nas civilizações da região. Há quem aposte que o domínio dos minoicos em Creta teria declinado depois das erupções e dos tsunamis, abrindo espaço para que os micênicos conquistassem a ilha. A questão é que, dependendo da cronologia adotada, a catástrofe teria acontecido muito cedo para que fosse uma das causas da conquista micênica. A arqueóloga diz que, no mínimo, o desastre natural contribuiu para o processo.

ESPORTE AO VIVO | 9h30 Arsenal x Man. City Inglês, ESPN BRASIL | 12h Watford x Tottenham Inglês, ESPN BRASIL | 23h Warriors x Jazz NBA, ESPN

20 mil corredores, entre profissionais e amadores, voltaram às ruas de São Paulo para a 96ª Corrida de São Silvestre Fotos Adriano Vizoni/Folhapress

Vencedores de 2021

MASCULINO
1º **Belay Bezabh** Etiópia (44min54)
2º **Daniel Nascimento** Brasil (45min09)
3º **Hector Flores** Bolívia (45min15)
4º **Elisha Rotich** Quênia (46min26)
5º **José Marcio Leão** Brasil (46min35)

FEMININO
1º **Sandrafelis Chebet** Quênia (50min06)
2º **Yenenesh Dinkesa** Etiópia (51min26)
3º **Jenifer do Nascimento** Brasil (53min32)
4º **Valdilene Santos** Brasil (53min33)
5º **Franciane Moura** Brasil (54min10)

Evento teve homenagem a profissionais de saúde, máscaras e tradicionais fantasiados

Queniana e etíope vencem na volta da São Silvestre após 1º ano sem corrida

Prova retorna depois de cancelamento inédito pela Covid-19 com 20 mil participantes de máscara

SÃO PAULO A São Silvestre voltou em 2021 com os mesmos resultados de 2018. O etíope Belay Bezabh venceu a corrida masculina e a queniana Sandrafelis Chebet, a feminina. Foram os mesmos ganhadores de três anos atrás. Ambos estavam entre os favoritos de suas categorias na prova de rua disputada em São Paulo.

Foi a volta do evento ao calendário esportivo da capital paulista após a pausa em 2020 por causa da pandemia da Covid-19. Tratou-se da primeira vez que a prova não foi disputada desde a primeira edição, em 1925. Na época, era reservada apenas para homens. A primeira participação de mulheres aconteceu em 1975.

O brasileiro Daniel Nascimento correu 14 dos 15 quilômetros da prova ao lado de Bezabh e parecia que poderia surpreender. Um atleta da casa não vencia desde Marílson dos Santos, em 2010. Mas, nos metros finais, antes da entrada na Avenida Paulista, mesmo local da largada, o etíope disparou para cruzar a linha de chegada em primeiro.

O tempo de 44min54 de Bezabh não bateu os 42min59 obtidos por Kibiwot Kandie, do Quênia, campeão em 2019.

A largada feminina contou com 20 atletas do pelotão de elite e a prova foi dominada desde o início pela queniana Sandrafelis Chebet, considerada o principal nome da prova, e pela etíope Yenneesh Dinkesa. Chebet havia vencido a São Silvestre em 2018. Dinkesa, neste ano, terminou a Maratona de Paris em segundo lugar.

A partir do oitavo quilômetro, a corredora do Quênia aumentou o ritmo e passou a liderar com folgas até a vitória.

Ela fez o tempo de 50min06, superior ao recorde de sua compatriota Jemima Sumgong em 2016, de 48min35.

A melhor brasileira foi Jenifer do Nascimento, terceira colocada. Graziele Sarri, mulher de Daniel Nascimento, ficou em sétimo.

Desde a vitória de Lucélia Peres, em 2006, a prova feminina tem sido dominada pelas quenianas. Nas 14 corridas desde então, atletas do país venceram 11 vezes. A única a conseguir quebrar essa hegemonia foi Yimer Wude Ayalew, da Etiópia, ganhadora em 2008, 2014 e 2015.

A São Silvestre tem sido dominada pelos africanos. Neste século, apenas cinco vezes na corrida masculina e quatro na feminina um vencedor não foi desse continente. Em 2017, Dawit Admasu ganhou pelo Bahrein, nação pela qual se naturalizou. Em 2014, ele subiu ao local mais alto do pódio pela Etiópia, sua terra natal.

Belay Bezabh e Sandrafelis Chebet, vencedores deste ano Filipe Araujo/AFP e Bruno Santos/Folhapress

Nenhum país tem tantas vitórias na São Silvestre quanto o Quênia. No masculino, são 15 primeiros lugares, mesmo número do feminino. O corredor que mais vezes venceu é o queniano Paul Tergat (cinco vezes). Mas no feminino, o recorde ainda é da portuguesa Rosa Mota (seis), campeã entre 1981 e 1986.

O número de inscrições em 2021 ficou em cerca de 20 mil, segundo a organização da prova. É uma marca inferior em relação a edições anteriores, quando 35 mil participaram.

Todos os inscritos foram obrigados a apresentar certificado de vacinação ou teste PCR com resultado negativo, caso tenha recebido apenas uma dose da vacina. O uso da máscara era obrigatório no início e no final do percurso, nos trechos da Avenida Paulista. No restante do trajeto de 15 km, o uso era opcional, mas recomendada. Os atletas de elite a usaram apenas na largada e a ignoraram no restante do trajeto, inclusive na chegada.

Cada vencedor receberá prêmio de R$ 50 mil, inferior aos R$ 94 mil pagos em 2019.

Além do pelotão de elite, de onde saem os vencedores, uma das atrações da prova todo ano são os anônimos e atletas amadores que transformam a São Silvestre em uma festa.

Entre as tradicionais fantasias na largada, a novidade foi as homenagens aos profissionais de saúde. Cartazes e faixas lembravam o trabalho feito por eles no combate ao coronavírus. Um dos participantes, fantasiado com roupa de médico, carregava mensagem afirmando serem os "verdadeiros heróis" do país.

Na largada deste ano, os uniformes amarelos, distribuídos pela organização do evento, se misturaram a fantasias de super-heróis, mensagens pessoais, declarações de amor, homenagens a outras cidades e protestos. Havia cartazes com pedidos da saída do presidente Jair Bolsonaro (PL) e outros em apoio a ele e contra o STF (Superior Tribunal Federal).

Para evitar aglomerações desnecessárias, a avenida Paulista foi fechada para o público. A maior concentração de pessoas estava no trecho de acesso à avenida Dr. Arnaldo, na largada, e na avenida Brigadeiro Luís Antônio, próximo à chegada.

Como será o esporte em 2022?

Ômicron abala eventos esportivos, e não vacinados serão mais excluídos

Marina Izidro

É jornalista e vive em Londres. Cobriu cinco Olimpíadas, Copa e Champions. Mestre e professora de jornalismo esportivo na St Mary's University College

Se alguém te disser que sabe com certeza como estará o mundo em 2022, seja com uma visão muito otimista ou pessimista demais, desconfie. A pandemia nos ensinou que não temos controle sobre nada e, ao mesmo tempo em que doses de reforço da vacina contra o coronavírus chegam aos braços de muitos ao redor do mundo e pensamos que nossas vidas finalmente voltarão ao normal, uma nova variante nos mostra a dura realidade. Não dá para cravar como vai ser o novo ano. O esporte segue o mesmo caminho. Mas podemos, sim, ter uma ideia.

O começo de 2022 não deve ser fácil. Na Europa, a discussão sobre partidas sem público e suspensão de campeonatos segue forte. Há duas semanas, contei na coluna como o Reino Unido se aproximava de assustadores 100 mil casos diários. Agora, o número chega perto de 200 mil e a ômicron é dominante no país. A Premier League segue com partidas adiadas e surtos de Covid-19 nos clubes — Steven Gerrard, do Aston Villa, Patrick Vieira, do Crystal Palace, e Mikel Arteta, do Arsenal, estão entre treinadores que testaram positivo recentemente.

O passaporte de vacinação para torcedores virou obrigatório na Inglaterra. No debate sobre formas de lidar com o vírus, Pep Guardiola, técnico do Manchester City, defendeu o uso de máscaras em qualquer espaço público do país — ao ar livre nunca foi obrigatório. O País de Gales foi mais rígido e todos os eventos esportivos estão sendo disputados com portões fechados.

Algo é certo: os não imunizados, atletas ou espectadores, serão cada vez mais excluídos do esporte. O Aberto de Tênis da Austrália que começa em janeiro exigirá comprovante de vacinação. E os Jogos Olímpicos de Inverno de Pequim, a partir de 4 de fevereiro, serão um dos mais restritos da história.

Quem não estiver vacinado com duas doses vai encarar uma quarentena de 21 dias ao entrar na China e, mesmo os que já tomaram, farão testes diários. Todos ficarão em uma bolha com movimentos limitados. Espectadores estrangeiros estão proibidos. Os locais poderão bater palmas, sem gritar, para não espalharem gotículas de saliva.

Mas o ano tem um lado animador. Será movimentado para os esportes olímpicos em um ciclo mais curto de preparação para os Jogos de Paris de 2024. Os principais campeonatos mundiais estão confirmados, como o de atletismo nos Estados Unidos, os de vôlei masculino na Rússia e feminino na Polônia e Holanda e o de ginástica artística em Liverpool, na Inglaterra.

O Reino Unido, aliás, sonha alto. Em 2022, também vai sediar os Jogos da Comunidade Britânica, a Eurocopa feminina, além dos torneios tradicionais como o de tênis de Wimbledon. Há a expectativa do anúncio de uma possível candidatura conjunta com a Irlanda para receber a Copa do Mundo de 2030 ou a Eurocopa em 2028 ou 2032. Bom para o esporte e para a economia. Um estudo recente prevê que sediar grandes eventos esportivos nos próximos anos pode gerar aos britânicos o equivalente a R$ 28 bilhões em comércio, investimentos e "soft power" — algo extremamente importante no pós-Brexit.

Até 2024 o pesadelo vai ter acabado? Os organizadores de Paris 2024 esperam que sim. Prometem uma olimpíada com festa, público, sem restrições. Mas anunciaram que têm um plano B caso a pandemia ainda esteja entre nós. Otimismo com cautela parece ser a receita para o ano que se inicia. Que seja um 2022 com esporte e saúde para todos.

DOM. Juca Kfouri, **Tostão** | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | TER. Renata Mendonça | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

ilustrada

o que vem por aí

Realidade virtual

Eventos presenciais ensaiam retorno em 2022, mas confusão entre físico e digital promovida pela Covid parece não ter volta

Henrique Artuni

SÃO PAULO Não é simples fazer previsões em uma virada de ano em que tantas incertezas se equilibram no fio da navalha de uma ômicron e de uma H3N2, que já cancelaram carnavais, fecharam a Broadway —após uma entusiasmada reabertura— e adiaram até a entrega do Oscar honorário.

Mas, nessa valsa entre as variantes, doses de reforço e o entendimento de que a Covid-19 não vai sumir, diversos setores anunciaram seus planos para fazer de 2022 um ano mais cheio em termos de programação cultural do que este que se encerra agora.

Ingressos antecipados para megaeventos como o Lollapalooza, previsto para março, e o Rock in Rio, em setembro, esgotaram rápido, confirmando a vontade da população de aglomerar em prol de Dua Lipa, Justin Bieber, Miley Cyrus ou Demi Lovato.

Espera-se também a primeira edição do Primavera Sound no Brasil, marcado para outubro, bem como espetáculos da noite, como o D-Rete —já em fevereiro—, com 40 horas de festa ininterruptas entre o Memorial da América Latina e a tradicional casa D-Edge, e o DGTL São Paulo, no Pavilhão do Anhembi, em abril.

Até agora, porém, nem todos confirmaram a exigência do passaporte da vacina, como alguns festivais fizeram ao longo de 2021. Outros, como o Coolritiba, em maio, incentivam a imunização de seu público oferecendo meia-entrada a quem levou as picadas.

O mundo das artes, em particular, onde a muvuca se dissolve entre pavilhões e galerias, pôde sentir o gosto do retorno já no último semestre de 2021, como visto nas experiências lotadas da SP-Arte (que era em abril e foi para outubro, mas aconteceu), da Bienal de São Paulo e da Art Basel Miami. A última pareceu sintetizar as contradições de um mundo dividido entre o tátil e o digital, tão evidenciadas neste período pandêmico.

Nesse sentido, as exposições apostam com segurança no centenário da Semana de Arte Moderna. As celebrações em São Paulo vão desde uma experiência imersiva na obra de Cândido Portinari, no Museu da Imagem e do Som, até mostras de artistas como Adriana Varejão, Lenora de Barros e Jonathas de Andrade na Pinacoteca, para quem quer manter os pés em 2022, mas refletir sobre o passado. Andrade também vai para fora, representar o Brasil na tradicional Bienal de Veneza, que começa em abril.

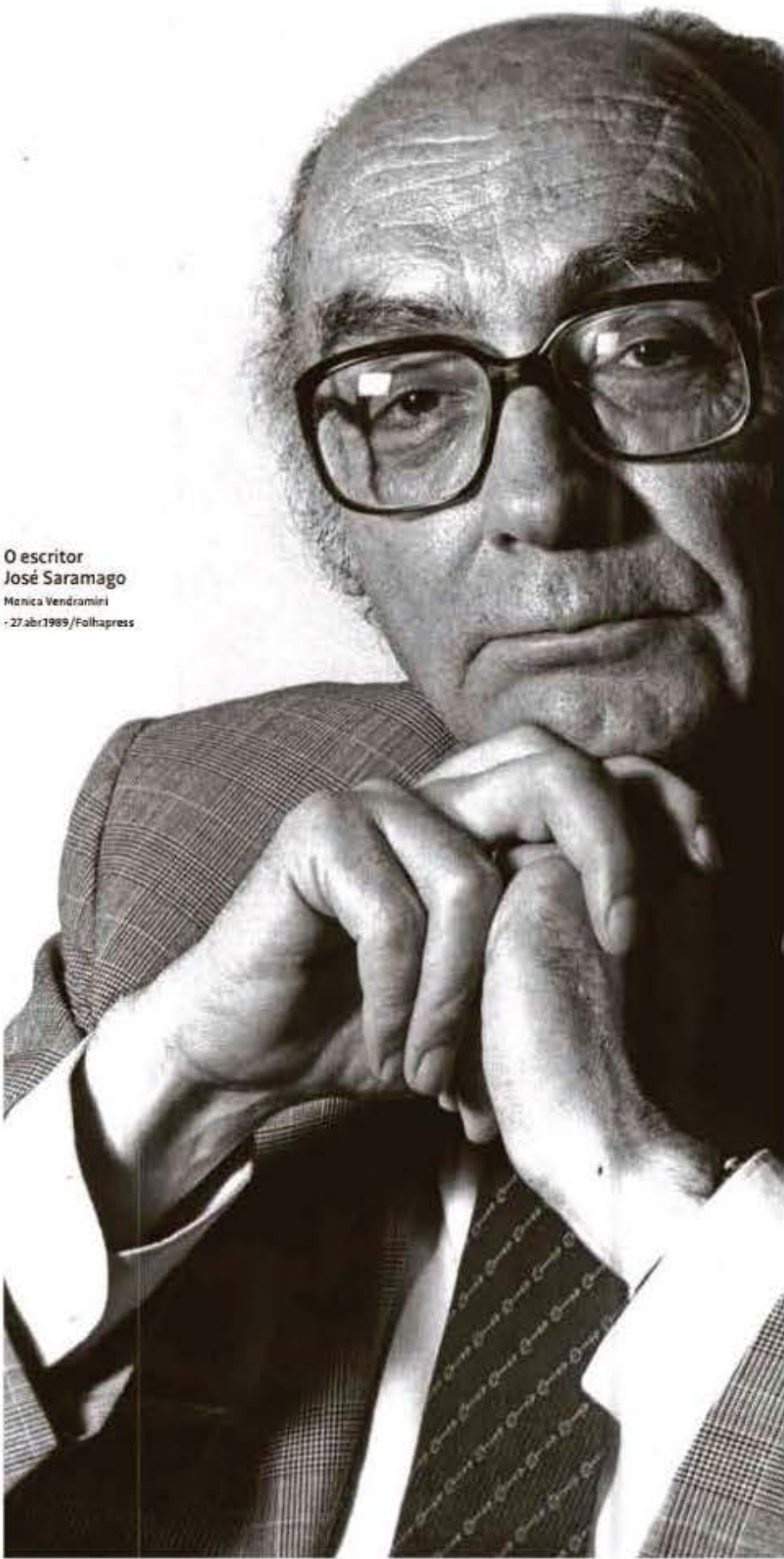
Peças e espetáculos de dança também correm de volta para o seu habitat natural, os palcos, buscando atender ao anseio do público e dos artistas que já não sabiam como romper a simbiose com o cinema e as janelinhas de Zoom e como sobreviver frente ao desmonte do governo.

Conforme as companhias recuperam a articulação com instituições culturais, peças antes virtuais serão reencenadas nos palcos. Festivais como a Mostra Internacional de Teatro de São Paulo, a MITsp, em junho, e a Ocupação Mirada, em setembro, também podem retornar ao vivo após empreitadas online.

Mas a verdade é que o embaralhamento entre o real e o virtual causado pela pandemia já não tem volta, e muitas das novidades surgidas nesses últimos dois anos remodelaram de vez a indústria de consumo — do delivery ao sob demanda.

O último, aliás, se consolidou em 2021 como único nicho a ganhar audiência em todas as faixas horárias, enquanto canais pagos e abertos seguem em declínio. O ano que chega deve marcar ainda uma nova fase da guerra entre as plataformas, agora que novatos como HBO Max e Disney Plus se firmaram no país.

Continua na pág. B7

A balada D-Edge, na Barra Funda, em São Paulo
Bruno Santos - 10.abr.2018/ Folhapress

O escritor José Saramago
Monica Vendramini - 27.abr.1989/Folhapress

Realidade virtual

Continuação da pág. B6

As fronteiras entre TV e streaming devem ficar mais difusas também por causa das novas estratégias dos serviços. Não basta mais encaixar o Brasil em novos produtos "para inglês ver", eles acreditam. Agora, eles devem ir de encontro ao brasileiro, seus hábitos e preferências.

Daí a debandada de dezenas de astros globais —de Lázaro Ramos a Camila Pitanga, passando por Silvio de Abreu— para diferentes plataformas. Aguarde uma enxurrada de produções alinhadas menos a "3%" ou "Coisa Mais Linda" que a "Verdades Secretas 2", e uma sinergia crescente entre Globo e Globoplay para seguir no ringue contra a Netflix.

Novelas inéditas, por sua vez, não devem ser nocauteadas pela Covid-19 como aconteceu no início da pandemia —mas as reprises não devem desaparecer tão rápido.

Já Hollywood não perdeu tempo, e desde o segundo semestre aproveitou para desovar uma série de sucessos garantidos. Do módico "Viúva Negra", passando por "007: Sem Tempo para Morrer" e o estouro de "Homem-Aranha: Sem Volta para Casa" —primeiro filme desde a pandemia a passar do US$ 1 bilhão em bilheteria mundial, e maior estreia do Brasil da história— os estúdios fizeram um test drive minucioso para checar se seu calendário de estreias pode voltar aos eixos.

"O Batman", o novo "Pantera Negra" e a possível continuação do "Avatar" de James Cameron já antecipam as verdinhas na tela grande. Mas o streaming reserva apostas do mesmo calibre, como as séries "O Senhor dos Anéis" —Amazon Prime Video—, "House of the Dragon" —HBO Max— ou "The Sandman" —Netflix.

E mesmo que Cannes e Veneza tenham destilado glamour em 2021, os cinéfilos deverão aceitar que festivais locais como a Mostra Internacional de São Paulo devem adotar um modelo híbrido, ainda que privilegiando as salas.

Os incentivos do governo na área também devem ganhar novo respiro com a renovação do contrato da Ancine, a Agência Nacional do Cinema, com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social como agente financeiro do Fundo Setorial do Audiovisual, o FSA, maior fonte de financiamento do setor.

Entre os R$ 5 bilhões previstos para os próximos cinco anos, já foram aprovados R$ 100 milhões para a conclusão de filmes nacionais e R$ 11,6 milhões para a comercialização de títulos.

Enquanto isso, a Cinemateca Brasileira, que foi vítima de um incêndio este ano, passa a ser gerida pela Sociedade Amigos da Cinemateca. As atividades no local devem voltar no ano que vem.

Quem ainda não tem coragem de sair —ou paciência para permanecer de máscara por várias horas— poderá aproveitar um mercado editorial mais saudável, com novas livrarias e editoras.

Essa esperança de dias melhores vem acompanhada do próprio marco da Semana de Arte Moderna —que motivará reedições e livros comemorativos—, do centenário de José Saramago —o único Nobel de literatura em língua portuguesa— e até da publicação por aqui do último consagrado com o prêmio sueco, o tanzaniano Abdulrazak Gurnah.

Além disso, a polêmica proposta de taxar livros feita pela equipe econômica do governo deve ser deixada de lado em ano de eleição.

Falando em impostos, o setor dos games —que Bolsonaro tentou seduzir reduzindo tributos, sem grande efeito— entrou de cabeça nos debates contemporâneos e coleciona grandes influenciadores que fazem oposição ao governo.

Mas a distância entre os produtores de conteúdo e o público segue em um abismo que impede a chegada às classes C, D e E aos consoles de nova geração, que podem custar até mais de R$ 6.000.

Assim, smartphones devem seguir sendo usados pela maioria dos gamers brasileiros —e de toda uma população que ainda não enxerga novos horizontes em suas janelas.

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

TUCANOS EM AÇÃO

O presidente da executiva estadual do PSDB de São Paulo, Marco Vinholi, quer disputar o Senado pela legenda em 2022. Aliado do governador João Doria (PSDB), ele chefia hoje a secretaria de Desenvolvimento Regional de SP.

POSSIBILIDADES O estado paulista terá apenas uma vaga na disputa pela Casa neste ano. Dentro do PSDB são ventilados os nomes da deputada federal Joice Hasselmann e do presidente do partido na cidade de São Paulo, Fernando Alfredo.

TUDO DE NOVO Com mais candidatos ao posto, é possível que a legenda tenha que recorrer ao processo de prévias.

VETERANO Vinholi já se movimenta e não pretende abrir mão da disputa. Em dezembro, ele se reuniu com o senador tucano José Serra (SP), licenciado desde agosto após receber o diagnóstico de doença de Parkinson.

VETERANO 2 "Muito bom rever o nosso senador da República. Conversa boa sobre os seus tempos de União Estadual dos Estudantes (UEE) e da União Nacional dos Estudantes (UNE)", escreveu o presidente do PSDB paulista nas redes, em foto ao lado de Serra.

HISTÓRICO Formado em administração de empresas pela PUC-SP e pós-graduado em inovação e liderança pela FGV, Vinholi foi deputado estadual, diretor de políticas para a juventude no Ministério do Trabalho e diretor do programa "Vivaleite", do Governo de SP.

MÃOS À OBRA Guilherme Wisnik foi escolhido pelo Museu do Futebol, em SP, para ser o curador da próxima exposição temporária do espaço. A ideia da mostra é explorar 22 temas (entre eles futebol, arquitetura e questões sociais) em dois momentos: 1922 e 2022.

OBRA 2 A exposição está prevista para o primeiro semestre de 2022 e integra a programação da Agenda Tarsila, promovida pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa de SP.

JOGO DE CENA A diretora Carla Candiotto está preparando o espetáculo "Momo, O Senhor do Tempo", baseado no livro "O Senhor do Tempo", do escritor alemão Michael Ende. A obra vai estrear no dia 15, no Teatro Alfredo Mesquita, em SP.

TERRA O grupo imobiliário Lello planeja espalhar hortas urbanas em mais de três mil condomínios que administra na cidade de São Paulo, na região do ABC paulista, no interior e no litoral do estado.

TERRA 2 A iniciativa, realizada em parceria com a startup Loa Terra, busca aproveitar espaços subutilizados nas áreas comuns para o plantio de ervas, temperos e alimentos frescos e orgânicos —além de incentivar práticas sustentáveis entre moradores dos locais.

COLETIVO A cidade de São Bernardo do Campo já tem outro projeto, a Horta do Beco, do professor Aluísio Porto e da videomaker Simone Ferreira, no Rudge Ramos. Com os vizinhos, eles vão assumir agora um terreno de 1.350 metros quadrados da Transpetro para ampliar a iniciativa e cultivar hortaliças para a região.

CONTAGEM REGRESSIVA

1

Fotos Manuela Scarpa/Divulgação

2

3

4

5

O DJ Alok 1 e o cantor Ferrugem 2 se apresentaram na quinta (30) na festa Réveillon Nº1, em Itacaré (BA). A ex-atleta Hortência 3, o empresário José Victor Oliva e sua mulher, Tatianna Oliva 4, e os ex-reality Casamento às Cegas Mack e Nanda Terra 5 passaram pelo evento, iniciado na terça (28)

com Lígia Mesquita, Victoria Azevedo, Bianka Vieira e Manoella Smith

'A Filha Perdida' é obra feminina e feminista

Primeira produção dirigida por Maggie Gyllenhaal traz Olivia Colman como mãe ao mesmo tempo generosa e egoísta

CINEMA
A Filha Perdida
★★★★★
EUA, 2021. Direção: Maggie Gyllenhaal. Com Olivia Colman, Jessie Buckley e Dakota Johnson. Disponível na Netflix

Teté Ribeiro

Quase não deu tempo de "A Filha Perdida" entrar em nenhuma lista dos melhores filmes de 2021, pelo menos as feitas por jornalistas e críticos brasileiros. Isso porque a Netflix, por algum motivo inexplicável, decidiu lançar o título em 31 de dezembro. Pois é, o último dia de 2021, uma data em que tradicionalmente as pessoas se dedicam aos rituais de despedida de um ano e os de entrada no seguinte, cheia de desejos, sonhos, arrependimentos e promessas. Nada a ver com cinema.

Onde, aliás, esse longa-metragem merecia ser visto. Ele chegou a entrar em cartaz em alguns cinemas americanos este mês, mas o público brasileiro não teve essa chance. Aqui, foi direto para o streaming.

Mas isso é um problema de distribuição, e não desta resenha. Aqui, o que interessa é destacar que essa é uma estreia que não deve passar despercebida. "A Filha Perdida" é um filme original, profundo, bem realizado, tão agradável quanto desconfortável de ver, um thriller psicológico de primeira. Imperdível.

Baseado no livro homônimo lançado em 2006 pela escritora italiana que assina com o pseudônimo Elena Ferrante, é a estreia na direção e no roteiro da atriz americana Maggie Gyllenhaal, de "Secretária", de 2002. Tem como protagonista Olivia Colman, a rainha Elizabeth 2ª das últimas temporadas de "The Crown".

Ela é Leda, uma inglesa de quase 50 anos que aluga uma casa numa praia da Grécia para passar uns dias sozinha, lendo e descansando na areia. Umas férias sem grandes emoções nem expectativas. Ela é acadêmica, especialista em literatura italiana, que dá aulas em "Cambridge, perto de Boston", nos Estados Unidos, como diz, sem tentar soar arrogante. Cambridge é a cidade onde fica a Universidade de Harvard, talvez a mais prestigiosa e concorrida do mundo.

Dias depois de se instalar na praia onde pretende que nada demais aconteça, chega uma família americana grande e barulhenta. Uma das mulheres, grávida, se apresenta e de cara pede a ela que mude sua espreguiçadeira de lugar, de maneira que a família possa se espalhar e ocupar todo o espaço que gostaria. Leda se recusa. A mulher, indignada, sai xingando alto, como se não fosse aceitável que uma pessoa pudesse cogitar não ajudar uma família a ficar unida.

Mas Leda não é esse tipo de mulher. Ela, aliás, não é um "tipo" de mulher. É uma pessoa complexa, cheia de contradições, cuja história vai se revelando em flashbacks e mostrando passagens da vida dela e suas várias versões.

Nessas cenas, Leda é interpretada pela atriz irlandesa Jessie Buckley, revelada na série "Fargo". Ela não se parece fisicamente com Colman, mas as duas, apesar de não terem se encontrado antes nem durante as filmagens, encarnaram a essência da personagem.

A atriz Olivia Colman em cena do filme 'A Filha Perdida' Divulgação

E Leda é uma personagem como nenhuma outra. Descobrimos que é mãe de duas filhas, e que a maternidade é um assunto incômodo para ela. O enredo revela a razão, o que faz o filme e a protagonista ganharem mais uma camada de complexidade.

O cinema e a literatura já apresentaram muitas versões de mães. A mais comum é a sofrida mas perdidamente apaixonada pelos filhos. Um bom exemplo recente é Alex, interpretada por Margaret Qualley, a jovem mãe abusada pelo marido na série "Maid".

Mas há mães cruéis. Mães loucas, drogadas, egoístas. Mães generosas, amorosas. A maternidade, e em especial a relação mãe e filha, cheia de meandros, sempre foi terreno fértil para a ficção.

O que não é comum é que uma mãe seja todas essas coisas ao mesmo tempo, como aprendemos, aos poucos, sobre Leda. Incomum também é que uma atriz apresente uma obra tão bem acabada quanto pessoal em sua estreia como cineasta, como acontece com Maggie Gyllenhaal.

Um grande filme. Um grande filme feminino, feminista, de mulher. Esse, sim, um nicho em que há uma enorme lacuna.

Longa traduz bem o incômodo de romance de Elena Ferrante

ANÁLISE

Fabiane Secches

Leda, uma professora universitária, vai para o litoral durante as férias escolares. Ela tem 48 anos, é separada, e tem duas filhas adultas: Bianca e Martha, com 25 e 23 anos. A princípio, parece curtir a liberdade dessa jornada, mas acaba obcecada por uma jovem mãe, Nina, e sua filha pequena, Elena, que sempre encontra na praia, acompanhadas pela boneca da menina.

Essas figuras arrastam Leda para uma imersão desconfortável em sua própria história de vida, em sua própria experiência com a maternidade, e a levam a cometer um ato impensado, que ela mesma não consegue compreender.

Quando a adaptação cinematográfica de "A Filha Perdida", romance de Elena Ferrante, foi anunciada, a expectativa de seus leitores, um séquito tão fiel que originou o movimento denominado "Febre Ferrante", foi às alturas.

Pela primeira vez, uma obra da autora seria adaptada por uma mulher, a atriz Maggie Gyllenhaal, em sua estreia como diretora, feito significativo por várias razões. Uma delas a de que Ferrante prescruta temas caros às mulheres em seus livros, como a maternidade, e o faz por uma perspectiva poucas vezes vista, explorando a ambivalência dessa experiência sem igual.

A história das adaptações da obra de Ferrante para o cinema começa em 1995, com o elogiado "Amor Molesto", de Mario Martone, inspirado no romance homônimo, o primeiro publicado pela autora. Dez anos depois, Roberto Faenza levou o segundo romance de Ferrante para as telas com "Dias de Abandono", versão algo controversa.

Em 2018, foi a vez da tetralogia napolitana, considerada a obra-prima da autora, ser transformada em série da HBO —"A Amiga Genial", que em breve estreia a sua terceira temporada. Já a Netflix anunciou que fará a adaptação do último romance publicado, "A Vida Mentirosa dos Adultos", como minissérie.

Com a estreia de "A Filha Perdida" na Netflix, a autora completa o feito de ter todos os seus romances adaptados para o audiovisual, alguns com mais, outros com menos sucesso.

No caso de uma autora tão querida como Ferrante, pode ser difícil se desapegar da obra literária para apreciar a cinematográfica sem tomar o romance como gabarito. Por isso, talvez seja importante assistir a "A Filha Perdida" ao menos duas vezes: a primeira para conferir como algumas passagens foram traduzidas, e a segunda para fruir o filme como obra autônoma. O crítico e professor Ismail Xavier lembra, num texto sobre adaptações literárias, que a obra originária vale como ponto de partida, não como estação de chegada.

Em textos e entrevistas concedidas por email, Ferrante diz que para recriar uma história numa outra linguagem, muitas vezes é preciso não apenas inventar algo novo, mas também trair o material de origem. A primeira traição de Maggie Gyllenhaal foi ter transportado a história da Itália para a Grécia, e o idioma, do italiano para o inglês.

Para algumas pessoas, essa decisão compromete um elemento central dos livros de Ferrante: a cidade de Nápoles, que é onipresente em seus romances e, digamos, constitutiva da obra.

Já a atuação de Olivia Colman como Leda tem sido ovacionada pela crítica. Mas foi Jessie Buckley quem ganhou minha atenção. Ela, que interpreta Leda mais jovem, está realmente impecável em algumas cenas desafiadoras.

Quem leu o livro imagina o desafio de adaptar uma história sombria, ambígua, cheia de lacunas e entrelinhas como essa, narrada em primeira pessoa pela protagonista. Mas Gyllenhaal fez isso com maestria, sem se apoiar no recurso de voice-over, com elementos próprios do cinema: ângulos improváveis, atuações primorosas, edição e sonoplastia que enriquecem muito a narrativa e transmitem, de outras formas, o incômodo que a leitura do romance provoca.

A diretora, que também é mãe, disse que se sentiu representada pela primeira vez ao ler o romance de Ferrante, que não hesita em sobrepor o belo e o feio de toda experiência humana, em especial da relação entre mães e filhas.

Coleção Folha lança texto do autor italiano que originou o adjetivo 'maquiavélico'

Irineu Franco Perpetuo

SÃO PAULO A Coleção Folha Os Pensadores traz um marco da Renascença: "A Arte da Guerra", único escrito político ou histórico de Nicolau Maquiavel (1469-1527) publicado em vida, com tradução de Eugênio Vinci de Moraes.

Conhecido no Brasil pela versão aportuguesada de seu nome (ele se chamava, na verdade, Niccolò di Bernardo dei Machiavelli), Maquiavel virou adjetivo em nosso idioma. No Dicionário Houaiss, maquiavélico é não apenas aquilo diretamente relacionado ao pensador italiano, mas "que envolve perfídia, falsidade; doloso, pérfido", ou então "que se caracteriza pela astúcia, duplicidade, má-fé; ardiloso, velhaco".

Na sua época, enquanto diversas nações europeias encontravam-se envolvidas em empreitadas colonialistas e imperialistas, a Itália via-se dividida em pequenos Estados autônomos. Maquiavel foi figura proeminente da República Florentina, regida pela dinastia dos Médicis. Tido como fundador da ciência política moderna, sua obra mais citada é "O Príncipe", escrita por volta de 1514, e publicado postumamente, em 1532.

Redigido em 1519 e 1520, publicado no ano seguinte e desenvolvendo algumas reflexões de "O Príncipe", "A Arte da Guerra" é dedicado ao patrício florentino Lorenzo Di Filippo Strozzi, que foi quem o levou para a casa da família Médici e era filho de Filippo Strozzi, protetor de Maquiavel.

A obra está estruturada na forma de diálogo socrático: Maquiavel como que se retira do livro e cede voz aos aristocratas florentinos Fabrizio Colonna e Cosimo Rucellai.

COMO COMPRAR

Site da coleção
pensadores.folha.com.br

Telefone
(11) 3224-3090 (Grande São Paulo) e 0800 775 8080 (outras localidades)

Frete
Grátis para SP, RJ, MG e PR (na compra da coleção completa)

Nas bancas
Por R$ 22,90 o volume. Coleção completa: R$ 664,10; lote avulso (com cinco volumes): R$ 132,80

Aquarela de Chris Eich que ilustra o 12º volume da Coleção Folha Os Pensadores, 'A Arte da Guerra', de Maquiavel Reprodução

PAINEL DAS LETRAS

Walter Porto
walter.porto@grupofolha.com.br

Editoras vão lançar autores premiados no ano que começa

Para quem gosta de ler, não tem jeito melhor de começar um ano do que antecipar algumas leituras que devem chegar às prateleiras em 2022.

O ano começa com uma enxurrada de lançamentos que marcam dois centenários importantes, o da Semana de 1922, que povoa editoras como Autêntica, Companhia das Letras e Todavia; e o de "Ulysses", de James Joyce, objeto de atenção da Iluminuras, da Ateliê Editorial e, novamente, da Companhia.

Alguns dos livros mais celebrados de 2021 também terão traduções por aqui. "Quando Deixamos de Entender o Mundo", em que o chileno Benjamín Labatut explora a dor e a delícia de grandes descobertas científicas, sai pela Todavia. A casa aposta nas obras mais recentes da canadense Rachel Cusk, "Second Place", da portuguesa Ana Teresa Pereira, "O Verão Selvagem dos Teus Olhos", e da americana Jacqueline Woodson, "Em Carne Viva".

Já a Intrínseca trará "Cidade nas Nuvens", romance histórico de Anthony Doerr. Também pela editora devem sair "M, o Homem da Providência", sequência da biografia romanceada de Mussolini, a autobiografia do músico Dave Grohl e o thriller "Trem-Bala", do japonês Kotaro Isaka.

A Planeta aposta na belga Amélie Nothomb, última vencedora do prêmio Renaudot.

VIDA NOVA
Uma das principais apostas da Companhia das Letras para 2022 é 'Sobrevidas', o primeiro de uma leva de livros do último vencedor do Nobel de literatura, Abdulrazak Gurnah Divulgação

A Companhia das Letras tem no forno "Sobrevidas", o primeiro de uma leva de livros de Abdulrazak Gurnah, o mais recente Nobel de literatura. Outra menina dos olhos da casa é "Como Enfrentar uma Ditadura", da jornalista filipina Maria Ressa, vencedora do prêmio Nobel da Paz, que foi alvo de um leilão acirrado. A editora também prepara a biografia de Fernando Pessoa escrita por Richard Zenith e uma de Di Cavalcanti de autoria de Marcelo Bortoloti.

Em literatura brasileira, a Companhia terá o próximo romance de Eliana Alves Cruz num ano que também deve trazer novos trabalhos de Nuno Ramos e Cristóvão Tezza, na Todavia, e de João Paulo Cuenca na Record —que voltará a editar Carlos Drummond de Andrade.

A Autêntica aposta em literatura contemporânea e inaugura um selo voltado a esse filão, numa lista puxada pela brasileira Maria José Silveira e pela equatoriana Mónica Ojeda. Pela Relicário, sai a prosa completa da argentina Alejandra Pizarnik, assim como a poesia completa de Beckett. A Carambaia traz os contos completos do chinês Lu Xun.

A Bazar ainda investe nas obras decoloniais de Aimé Césaire e Patrick Chamoiseau e na literatura feminista de Violette Leduc e Hélène Cixous, e a Fósforo avança as publicações de Saidiya Hartman.

José Simão
O colunista excepcionalmente não escreve nesta edição

É HOJE EM CASA

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Especial celebra 20 anos de 'Harry Potter' e promove reunião do elenco

Harry Potter: De Volta a Hogwarts
HBO Max, 10 anos
O bruxinho criado por J.K. Rowling já era um sucesso editorial quando o primeiro filme baseado em seus livros, "Harry Potter e a Pedra Filosofal", chegou aos cinemas no final de 2001. Vinte anos depois, Daniel Radcliffe, Emma Watson, Rupert Grint e outros nomes do elenco dos oito longas da franquia se reencontram neste especial, para contar histórias de bastidores e matar a saudade do público.

After – Depois do Desencontro
Amazon Prime Video, 16 anos
O terceiro longa da franquia baseada nos romances de Anna Todd traz a protagonista Tessa, vivida por Josephine Langford, arcando com as consequências da difícil decisão que tomou no filme anterior em relação a seu namorado, papel de Hero Fiennes Tiffin.

Especial Pé na Areia
Discovery Home & Health, a partir de 13h20, livre
No primeiro dia do ano, o canal exibe uma seleção de episódios de verão de algumas de suas séries. A maratona começa às 13h20, com a estreia da nova temporada de "A Sonha da Casa de Praia". Às 14h10 é a vez de "Vida no Paraíso: México", seguido por "Vida no Paraíso: Havaí", às 15h05. Para terminar, estreia às 16h20 "Reforma na Praia – A Competição".

Aquecimento Global
Cultura, 19h30, livre
Produzido pela Medialand e dirigido por Carla Albuquerque, este documentário inédito traz 16 especialistas brasileiros debatendo sobre as alterações climáticas e os seus efeitos no planeta.

Especial de Ano-Novo – Dubai
Cultura, 22h, livre
A emissora exibe a apresentação que a orquestra Brasil Jazz Sinfônica fez em Dubai, durante a Expo 2020. Regência de Ruriá Duprat e João Maurício Galindo, e participações especiais de Fabiana Cozza, Simoninha e São Paulo Companhia de Dança.

A Sogra Perfeita
Telecine Premium, 22h, 12 anos
Cacau Protásio faz a dona de um salão de beleza que, recém-separada, quer aproveitar a vida ao máximo. Mas para isso ela precisa tirar de casa seu filho adulto, que mora com ela até hoje.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto.art.br/fsp

MÉDIO

4	9				6	8		
6							7	
				8	9		6	
						4	5	1
2	7	9						
	1		7	5				
	8							3
		4	1				9	5

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

4	9	1	5	7	6	8	3	2
6	2	8	3	4	1	5	7	9
3	5	7	2	8	9	1	6	4
8	3	6	9	2	7	4	5	1
1	4	5	8	6	3	9	2	7
2	7	9	4	1	5	3	8	6
9	1	3	7	5	2	6	4	8
5	8	2	6	9	4	7	1	3
7	6	4	1	3	8	2	9	5

CRUZADAS

HORIZONTAIS
1. Inocente, puríssima **2.** Inflamação crônica da pele / Lugar onde são vendidas bebidas, porções etc. **3.** Composto usado como solvente e antisséptico / Situação de uma peça teatral **4.** Gisele, para os íntimos / Afundar-se na lama **5.** Qualquer pessoa / (Abrev.) Diretório Acadêmico **6.** A família, na sua intimidade / Que tem capacidade para fazer **7.** (Fig.) Aquilo que nos leva a alguém ou a algo **8.** Apelido do maior estádio de futebol do Brasil **9.** Empréstimo gratuito, sem juros, restituível no prazo marcado **10.** O capitão da seleção de futebol pentacampeã / Com as do esturjão faz-se o caviar **11.** O detalhe da data escrito com 4 dígitos / Escuridão absoluta **12.** O poeta italiano Alighieri (1265-1321) / Limite **13.** (A Viúva) Famosa opereta do compositor austro-húngaro Franz Lehár / As iniciais do chef e apresentador Anquier.

VERTICAIS
1. Não legítimo / Qualquer **2.** Amputar um membro / O do Panamá une os oceanos Atlântico e Pacífico **3.** (Pop.) Apartamento / Um antigo aparelho de som **4.** Uma comida à base de milho / Serviço de Atendimento Médico de Urgência / Torben Grael, iatista **5.** (Oper) Importante torneio de tênis / Um local de trabalho para atrizes e atores / Segue Seg **6.** A situação oposta à de vendedor **7.** Segundo a Bíblia, o irmão de Caim / Tangível **8.** (Pop.) Travesso / Ornato **9.** Ave da ordem do papagaio e do periquito / O fundamentalista islâmico Bin Laden.

HORIZONTAIS: 1. Imaculada, **2.** Lúpus, Bar, **3.** Éter, Cena, **4.** Gi, Atolar, **5.** Alguém, DA, **6.** Lar, Apto, **7.** Rastro, **8.** Maraca, **9.** Comodato, **10.** Cafu, Ovas, **11.** Ano, Treva, **12.** Dante, Lim, **13.** Alegre, OA. **VERTICAIS: 1.** Ilegal, Cada, **2.** Mutilar, Canal, **3.** Apê, Gramofone, **4.** Curau, SAMU, TG, **5.** US, Teatro, Ter, **6.** Comprador, **7.** Abel, Tocável, **8.** Danado, Atavio, **9.** Arara, Osama.

Bruna Barros

Moro, o mala do ano

Era o que faltava, uma lista dos sem alça e sem rodinha de 2021

Mario Sergio Conti

Jornalista, é autor de 'Notícias do Planalto'

O jornalista carioca Artur Xexéo, que morreu em junho, publicava no Réveillon uma lista dos malas do ano. Como era da área do entretenimento, punha nela celebridades sem alça, vedetes sem rodinha, canastrões de pochete, influencers com a mochila cheia de chumbo, tiazinhas de botox na frasqueira.

Sem cerimônia, premiava também politiqueiros, atravessadores, maiorais, marqueteiros de si mesmos —os sem simancol que garanteiam seu ridículo. Tocando o teclado com leveza, Xexéo espalhou uma mordaz alegria por quase 30 anos. Para lembrá-lo, lá vai uma lista das bigornas de 2021.

Luciano Huck. Vazou pela 43ª vez que disputaria o Planalto. Fez a espuma de praxe: levou um lero com FHC, montou grupo de estudos fake, escreveu babaquices sobre problemas nacionais. Desistiu, mas cogita se candidatar a síndico.

Datena. Em tabelinha com Huck, gingou, deu caneladas, simulou contusão, aderiu a um partido do qual saiu em seguida. É um bom entrevistador que teima em apresentar o programa policialesco mais atroz da TV. Se for para sair do ar, tê-lo na política é mal menor.

Micheque. Bem a propósito, fantasiou-se de palhaça. E de Branca de Neve, se bem que esteja mais para Rainha Má. Posou pulando miudinho e gemendo coisas cabeludas. Safa, safou-se da pergunta que não quer calar: que pulinhos deu para que Queiroz pusesse 89 mil pixulés na sua conta?

Nelson Piquet. Estávamos a salvo das suas sandices e eis que, no golpe gorado do Sete de Setembro, o fuinha da Fórmula 1 saiu da toca e pilotou a lata-velha de Bolsonaro. É uma lei lombrosiana: se o tipo é boquirroto, tem cabelo sebento e mal chega à altura de um rodapé, não dá outra —é bolsonarista. Vide Augusto Heleno, Olavo de Carvalho, Ratinho.

Nizan Guanaes. O ano foi duro para o autoproclamado maior publicitário da Via Láctea e vizinhanças, pois não houve bajulador que lhe incensasse as glórias gargantuescas. Mas o imodesto ególatra desligou o desconfiômetro e publicou anúncios para trombetear, como Roberto Carlos outrora: Jesus Cristo, eu estou aqui!

Roberto Carlos. Foi o mala do ano de 2013, quando Xexéo notou que "não é por acaso que Roberto prefere manter a boca fechada, mas mala é mala até calado". A mudez se repetiu em 2021: o menestrel de motel silenciou seu bolsonarismo, distanciando-se do seu divo. Saiu para passear num dos seus carrões cafonas e ficou sem gasolina. Mala que é mala não precisa de porta-malas.

Neymar. Foi fominha e ranheta. Arrotou que "seria uma honra" marcar mais gols que Pelé bem no dia em que, aos 80 anos, ele estava num hospital operando um tumor. Patricia Pillar apontou sua falta de tato e Neymala fez beicinho, bateu o pé no chão e ameaçou levar a bola para casa —numa mala.

André Esteves. O banqueiro bacanudo se gabou de os presidentes da Câmara e do BC lhe telefonarem. Celebrou a quartelada de 1964 ("ninguém foi preso, as crianças foram para a escola, o mercado funcionou"), a gangue do centrão ("nos manteve republicanos") e aconselhou Bolsonaro a ficar quieto e se eleger. Cereja do vomitório: batizou os nababinhos que se embebiam da sua baba de "future leaders".

Rosangela Moro. Ao lado do maridão, veiculou um vídeo natalino com um grito de socorro: preciso de um fonoaudiólogo! Só assim poderá proclamar em alto e bom som, como fez até ontem, que Moro e Bozo "são uma coisa só".

Queiroga. O lambe-bo(s)tas de Bolsonaro quer que as crianças se explodam de Covid, contanto que possa passear com a prole em aviões da FAB e, para amargor de Hipócrates, se eleger senador pela Paraíba.

Guilherme Benchimol. O coruscante novilho da juventude dourada das finanças achou "absurdo" tirarem o Touro de Ouro da frente da Bolsa. Disse que o bichão brega atraía investimentos, vê se pode. O fato de a coisa estar ali ilegalmente era detalhe, pois para ele o mau gosto vale mais. Só quem crê em bezerros de ouro põe dinheiro na mão de quem berra "méééé" desse jeito.

Sergio Moro. Como Bolsonaro é hors-concours, o título de Mala do Ano vai para o maior jurista de Maringá. Nunca ninguém se lançou candidato com tal estrépito e fiasco —e olha que Silvio Santos já saiu em louca cavalgada para o Planalto. Moro mostrou que não tem ideias, propostas, imaginação, carisma. Como um papagaio, repete que só ele pode matar o dragão da roubalheira e salvar o Brasil. Mas, responsável pela falência da Lava Jato e pelo triunfo da lama bolsonarista, ele próprio é prova viva que o udenismo é pura enganação.

| **SEG.** Luiz Felipe Pondé | **TER.** João Pereira Coutinho | **QUA.** Marcelo Coelho | **QUI.** Fernanda Torres, Drauzio Varella | **SEX.** Djamila Ribeiro | **SÁB.** Mario Sergio Conti

'Como Escrever Bem' vai além dos tabus que cercam o ofício

Obra de William Zinsser, artigo raro que tinha exemplares vendidos a mais de R$ 900, volta ao catálogo

ANÁLISE

Francesca Angiolillo

É extremamente difícil e, mais do que isso, até intimidador tentar escrever um texto sobre um livro que se chama "Como Escrever Bem". Trata-se, afinal, de avaliar um clássico que vem atravessando gerações, algo assim como a bíblia dos manuais de escrita, e falar dele não pode mesmo ser uma tarefa simples.

Essa poderia ser uma maneira de iniciar este texto. Seria, porém, uma maneira ruim. O parágrafo acima contraria a maior parte do que ensina William Zinsser em seu livro. Nele há advérbios, adjetivos, clichês, períodos longos demais —e uma autora insegura.

É verdade que analisar o livro de Zinsser pode intimidar. Por definição, para estar à altura da tarefa, a resenhista deveria escrever bem. E se, na leitura, descobrisse não ser o caso?

Também é verdade que "Como Escrever Bem" é um sucesso desde 1976. Zinsser o escreveu nas férias do ano anterior. Sua intenção era reunir em livro o material das aulas que dava na universidade Yale.

No Brasil, "o clássico manual americano de escrita jornalística e de não ficção" —esse é seu subtítulo— saiu pela primeira vez em 2017, pela Três Estrelas. Com o fim do selo editorial do Grupo Folha, o livro virou um artigo raro, com exemplares vendidos a mais de R$ 900 ainda neste ano. Uma nova edição daquela mesma versão do texto —Zinsser atualizou o original várias vezes ao longo dos anos— sai agora pela Fósforo.

Resumindo muito, o que Zinsser propõe é que se busque o essencial, sem firulas. E, aos que acham que cortar excessos vai estragar seu modo pessoal de escrever, uma advertência: enfeite não é estilo. Perucas se compram em loja. Cabelo, não. A analogia capilar em defesa da autenticidade é dele mesmo.

E o que é essencial, então, dos conselhos de Zinsser?

Seja claro. Escreva na ordem direta. Prefira frases breves com palavras curtas. Fuja dos clichês. Verbos são melhores que advérbios. Substantivos são melhores que adjetivos. Corte. Releia. Reescreva. E, sobretudo, confie no seu material.

É divertido ver expressadas nas palavras de Zinsser regras que jornalistas ouvem há anos. Terão vindo dele? Ou ainda da recriação que E.B. White, um dos autores prediletos de Zinsser, fez de outro manual, "The Elements of Style", os elementos do estilo, escrito por seu professor William Strunk Jr. em 1919? Será que repetimos sem saber, nos corredores de Redações, ensinamentos que vieram de um livro publicado nos Estados Unidos há mais de cem anos?

O americano William Zinsser, autor de 'Como Escrever Bem'

Damon Winter - 29.abr.2013/The New York Times

Mas Zinsser não quis fazer um livro de conselhos como os de White e Strunk. Sua intenção, afirma, era mostrar como aplicá-los em diferentes gêneros.

As primeiras duas partes do livro fixam as bases —não à toa se chamam "Princípios" e "Métodos". Vêm delas essas regras repetidas como se fossem dogmas. (Atenção, editores: é nelas também que Zinsser quebra certos tabus; saibam que não é pecado usar parênteses, travessão, dois-pontos ou ponto e vírgula —basta saber usar.)

Como prometido, porém, ele vai além. Sempre com humor —em certos momentos, é capaz de arrancar gargalhadas—, Zinsser fala da escrita de um ponto de vista mais pessoal. Nos exemplos que traz de sala de aula, de textos favoritos e de seus escritos, fica claro o prazer que tem no ofício, ainda que às vezes o prazer seja o de sair de um problema na escrita.

O capítulo chamado "Decisões de um Escritor" ilustra essa sensação —e também o orgulho que Zinsser tinha por saber que escrevia bem.

Zinsser desmonta um relógio na frente do leitor, explicando como as peças se encaixam para o bom funcionamento do mecanismo. O relógio, no caso, é o relato de uma viagem a Timbuktu que ele fez para a revista Condé Nast Traveller em 1988. O capítulo é uma boa síntese do que o autor pretende ensinar. Se o tema e o momento parecem distantes, as lições que ele propicia continuam vigentes.

Ao traduzir o livro, Bernardo Ajzenberg eliminou, com a permissão do autor, seções que não fariam sentido para o leitor brasileiro. O próprio Zinsser não queria ver analogias com o beisebol transformadas em comparações com futebol.

Ainda assim, é um livro bastante americano —não porque ainda haja aqui e ali menções e metáforas vindas do esporte que é um dos mais populares dos Estados Unidos, mas porque Zinsser se dirige a uma figura abundante por lá, o "writer" (escritor).

Enquanto nos Estados Unidos o escritor é um profissional, no Brasil ainda é mais um status do que a palavra que você usa ao preencher a ficha de hotel. Aqui, escritor é quase sempre um jornalista, tradutor, roteirista, redator publicitário que também se arrisca em livros ou em textos mais pessoais.

Aliás, eis outro conceito ao qual nós, brasileiros, somos ainda pouco afeitos. O "ensaio pessoal" é um gênero muito cultivado nos Estados Unidos. Aqui, é pouco praticado e às vezes até desprezado —o desprezo decorre da falta de prática que faz com que muitos pensem estar escrevendo ensaios pessoais quando estão escrevendo apenas textões. O empenho que Zinsser dedica às escritas mais íntimas, em particular às memórias, mostra que não são a mesma coisa.

E, para terminar desfazendo outra confusão comum, diga-se que, se Zinsser não bane a primeira pessoa, tampouco incentiva seu uso indiscriminado. É possível expressar opiniões sem cair na autoindulgência e ser pessoal —até para expressar temores como o de não escrever bem— sem apelar ao "eu".

[...]

Aos que acham que cortar excessos vai estragar seu modo pessoal de escrever, uma advertência: enfeite não é estilo. Perucas se compram em loja. Cabelo, não.

guiafolha

Cena de 'The Rocky Horror Picture Show', clássico cult que mistura ficção científica, sexo e batom Divulgação

Veja 10 musicais para quem não gosta de musical

Lista traz produções premiadas, longas históricos, clássicos cult e títulos que devem fazer barulho no próximo Oscar

Jairo Malta

SÃO PAULO Vamos ser sinceros: uma cena de musical pode ser constrangedora a ponto de dar dor de barriga em quem não é fã do gênero. Não é difícil estar assistindo a alguma dessas produções quando, do nada, alguém sai de um carro em pleno engarrafamento para cantarolar e se deitar em cima do capô do veículo.

Para quem não viu, a cena acima está nos primeiros minutos de "La La Land: Cantando Estações", filme de 2016 que levou seis estatuetas do Oscar.

Para gostar de musicais é preciso entrar no clima da história, da música, e desconsiderar a vergonha alheia causada por quem sai cantando por aí sem mais nem menos.

Mas 2022 chegou, e um novo ano é sempre um bom momento para amolecer os corações até dos críticos mais exigentes. A lista a seguir traz dez musicais capazes de agradar mesmo quem odeia o gênero.

Annette

Um casal formado por um comediante e uma cantora lírica leva uma vida perfeita. A aparente harmonia é quebrada com o nascimento da primeira filha, Annette, que após um trauma desenvolve misteriosos dons. O musical tem a trilha sonora assinada pelo duo pop Sparks e foi um dos mais disputados na 45ª Mostra de Cinema de São Paulo.

França e EUA, 2021. Direção: Leos Carax. Com: Adam Driver, Marion Cotillard e Simon Helberg. 16 anos. No Mubi

Dreamgirls: Em Busca de um Sonho

O longa retrata a luta de três cantoras que sonham em fazer sucesso no cenário pop americano nos anos 1960. A trama é inspirada no grupo de soul The Supremes e ganhou dois troféus no Oscar de 2007 —incluindo o de atriz coadjuvante para Jennifer Hudson.

EUA, 2006. Direção: Bill Condon. Com: Jennifer Hudson, Beyoncé e Eddie Murphy. 12 anos. No YouTube

Grease: Nos Tempos da Brilhantina

O clássico, que está prestes a completar 45 anos, tem potencial para agradar quem torce o nariz para os musicais. A história se passa no verão de 1950 e acompanha a vida de Danny, líder de um grupo rebelde interpretado por John Travolta, que reencontra seu amor de verão, a ingênua Sandy, personagem de Olivia Newton-John, na volta às aulas.

EUA, 1978. Direção: Randal Kleiser. Com: John Travolta e Olivia Newton John. Livre. No Telecine Play

Hair

A adaptação do espetáculo da Broadway de mesmo nome se tornou um marco do cinema ao trazer a história de um jovem convocado para ir à Guerra do Vietnã. É bem provável que até os mais ranzinzas terminem o longa cantando "Age of Aquarius".

EUA, 1979. Direção: Milos Forman. Com: Treat Williams e Annie Golden. 16 anos. No Amazon Prime Video

Moonwalker

Um dos passos de dança mais conhecidos do mundo, popularizado por Michael Jackson, tem um filme para chamar de seu. Na trama, um traficante de drogas extraterrestre chega na Terra e ameaça a vida das crianças. Quem vai impedi-lo? Exato, o rei do pop. A história é recheada por músicas do álbum "Bad", um dos mais importantes do cantor.

EUA, 1988. Direção: Jerry Kramer e Colin Chilvers. Com: Michael Jackson e Joe Pesci. 12 anos. No Apple TV+

Moulin Rouge: Amor em Vermelho

Esse é para quem gosta de romance. O musical dirigido por Baz Luhrmann conta a história de Christian, que se vê seduzido pelo submundo dos cabarés de Paris de 1899. O filme foi indicado a oito estatuetas do Oscar e venceu em direção de arte e figurino.

EUA e França, 2001. Direção: Baz Luhrmann. Com: Nicole Kidman e Ewan McGregor. 12 anos. No Star+

Rocketman

A biografia musical acompanha o cantor e compositor britânico Elton John no início de seu estrelato, falando sobre sua relação amorosa com o empresário John Reid e a parceria com Bernie Taupin, com quem escreveu clássicos como "Your Song" e vários outros sucessos.

Reino Unido, 2019. Direção: Dexter Fletcher. Com: Taron Egerton e Jamie Bell. 16 anos. Na Netflix

The Rocky Horror Picture Show

Esse é um dos musicais mais estranhos já feitos. A história acompanha dois jovens em uma viagem na qual são forçados a pedir ajuda num castelo. Lá dentro, acontece de tudo. O lugar é povoado por criaturas queer, roupas coladas, raios laser e músicas que se tornaram hinos do rock. É um clássico cult que mistura ficção científica, sexo e batom.

EUA, 1975. Direção: Jim Sharman. Com: Tim Curry e Richard O'Brien. 18 anos. No Telecine Play

Tick, Tick... Boom!

Na trama, que tem toques autobiográficos, um jovem dramaturgo interpretado por Andrew Garfield tenta se estabelecer no mercado nova-iorquino na década de 1990. O musical é dirigido por Lin-Manuel Miranda, que fez de "Hamilton" um clássico da Broadway.

EUA, 2021. Direção: Lin-Manuel Miranda. Com: Andrew Garfield, Vanessa Hudgens e Alexandra Shipp. 14 anos. Na Netflix

Tommy

Outro clássico cult. A ópera-rock não somente foi produzida pela banda The Who, mas traz no elenco nomes como Elton John e Tina Turner. O protagonista é interpretado por Roger Daltrey, fundador e vocalista do The Who. Na trama, o personagem é surdo e cego desde a infância, até que mais velho se torna um famoso jogador de pinball.

EUA, 1975. Direção: Ken Russell. Com: Elton John e Roger Daltrey. 14 anos. No Apple TV+

Paul McCartney, George Harrison, Ringo Starr e John Lennon em cena de 'The Beatles: Get Back', série criada por Peter Jackson e disponível no Disney+ Linda McCartney/Divulgação

Gostou de 'Get Back'? Veja 5 filmes sobre os Beatles no streaming

Laura Lewer

SÃO PAULO Para criar os episódios de "The Beatles: Get Back", que estreou em novembro no Disney+ e se tornou sucesso instantâneo, o diretor Peter Jackson navegou por um vasto material que guardava registros da banda britânica.

Se você devorou a série e quer aproveitar o início do ano para mergulhar ainda mais na trajetória do grupo, o streaming tem uma lista de filmes. Veja cinco deles a seguir.

Across the Universe

Neste musical que tem como pano de fundo a Guerra do Vietnã e o clima hippie da década de 1960, canções marcantes dos Beatles como "Come Together", "All My Loving" e "Let It Be" são usadas para contar a história de amor entre Jude, um operário britânico pobre, e Lucy, uma garota americana rica.

EUA e Reino Unido, 2007. Direção: Julie Taymor. Com: Evan Rachel Wood, Jim Sturgess e Joe Anderson. 14 anos. Na HBO Max

O Garoto de Liverpool

O longa conta a história dos anos de adolescência de John Lennon, vocalista e líder dos Beatles, em Liverpool e o começo de sua jornada como músico de sucesso. Também mostra o fogo cruzado doméstico causado pela rigidez de sua tia Mimi e sua libertária mãe, as duas mulheres responsáveis por sua formação.

Reino Unido, 2009. Direção: Sam Taylor-Johnson. Com: Aaron Taylor-Johnson e Kristin Scott Thomas. 18 anos. No Amazon Prime Video

John e Yoko: Só o Céu como Testemunha

Usando imagens inéditas e recuperando entrevistas históricas, o documentário apresenta o processo de criação do clássico álbum "Imagine", lançado por John Lennon em 1971. Além disso, mergulha na colaboração criativa entre Lennon e Yoko Ono —artista com quem o músico se relacionou por 11 anos até ser assassinado, em 1980.

Reino Unido, 2018. Direção: Michael Epstein. 12 anos. Na Netflix

The Beatles: Eight Days a Week - The Touring Years

O documentário analisa a trajetória dos Beatles entre 1963 e 1966, quando o grupo estourou mundialmente e fez uma turnê de mais de 250 shows. Essa foi a primeira fase da carreira da banda, que antecedeu o período até 1970, marcado pela ausência nos palcos e por discos mais progressivos, usando técnicas de estúdio.

Reino Unido, 2016. Direção: Ron Howard. 12 anos. Aluguel no Apple TV+ e na Microsoft

Yesterday

No filme de ficção, um músico amador desesperançoso e em crise sofre um acidente após um misterioso apagão atingir todo o planeta. Quando ele acorda, descobre que os Beatles nunca existiram. Então começa a gravar as canções do quarteto britânico como se fossem suas, fazendo um sucesso estrondoso.

EUA e Reino Unido, 2019. Direção: Danny Boyle. Com: Himesh Patel, Lily James e Sophia Di Martino. 12 anos. No Amazon Prime Video

Cérebros conservadores e liberais

Escutando as mesmas notas, eles ouvem músicas completamente diferentes

Suzana Herculano-Houzel
Bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (EUA)

Adoro quando a neurociência desaponta o pessoal que quer respostas fáceis. Biologia ou ambiente? Os dois. Dá para aprender línguas durante o sono, dormindo de fones de ouvido? Não, lamento, você tem que agir para encontrar sentido no que ouve. Implante de memória, à la Matrix? Sorry, também não, memórias são circuitos esculpidos no cérebro pelo uso, então sem uso, nada feito. Temos uma parte no cérebro que cuida da imaginação? Não, imaginar é reativar padrões no cérebro na ausência dos sentidos, então, quanto maior seu leque de experiências, mais elementos você terá à disposição da sua imaginação.

Não há respostas fáceis quando a questão é por que somos assim ou assado. Sim, a biologia de cada um é um ponto de partida importante, como a planta baixa de uma casa, que define onde há portas e janelas. Mas o que se passa entre as paredes não está na casa e, sim, no uso que se faz dela. "Nós somos o que repetidamente fazemos", diria meu pai, parafraseando Aristóteles.

Fico feliz, portanto, ao me deparar com um estudo sobre os cérebros de conservadores e liberais norte-americanos e seus padrões de atividade quando confrontados com vídeos polêmicos sobre imigração.

Em tempos de partidarismo acirrado, onde representantes eleitos penduram o cérebro no cabide da entrada e votam apenas de acordo com a sua legenda, a facilidade tecnológica de colocar voluntários dentro de uma máquina de ressonância magnética e acompanhar sua atividade cerebral, enquanto liberais e conservadores assistem a discursos e propagandas com os quais eles concordam ou discordam, é um convite ao estudo comparativo da natureza partidária humana.

Assim procederam quatro pesquisadores de vertentes diferentes —um neurocientista, um sociólogo, dois psicólogos—, na expectativa de encontrar diferenças nas regiões do cérebro que processam motivação ou sinais dos sentidos conforme a inclinação partidária do freguês.

Mas o resultado é muito mais interessante do que os pesquisadores esperavam. Há diferença detectável entre o cérebro de liberais e conservadores, como era de se esperar, já que o comportamento é obra do cérebro —mas a diferença não está em uma área cerebral maior ou mais ativa em uns do que outros.

Uma técnica matemática que permite estimar o grau de semelhança entre variações de atividade no cérebro de cada voluntário que assistia aos vídeos provocadores, como quem compara músicas, mostrou que conservadores são semelhantes entre si, assim como liberais são semelhantes entre si, enquanto um grupo é diferente do outro, no padrão de atividade de uma mesma parte do cérebro: o córtex pré-frontal dorsolateral, que cria narrativas e dá preferência a isso sobre aquilo.

Conservadores e liberais escutam as mesmas notas, mas ouvem em seus cérebros músicas completamente diferentes.

CHEGADA DE 2022 PELO MUNDO
1 Fogos de artifício iluminam o céu sobre a ponte na baía de Sydney e a Opera House, em Sidney, na Austrália **2** Homem tira fotos de 6.500 velas no templo budista Hasedera em Kamakura , ao sul de Tóquio, Japão **3** Fogos de artifício são vistos no antigo forno de 'Phoenix West', em Dortmund, na Alemanha **4** Fogos de artifício explodem no rio Chao Praya, em Bangkok David Gray/AFP | Kim Kyung-Hoon/Reuters | Ina Fassbender/AFP | Lillian Suwanrumpha/AFP

COZINHA BRUTA | **Marcos Nogueira**
folha.com/cozinhabruta

O vagabundo vai ao bar na praia

O vagabundo se arrasta para o bar onde bebe cachaça todo dia, na praia em que nasceu e de onde nunca saiu. A ressaca e o mormaço estão fortes. Ele vê um bololô de pessoas bloqueando a passagem para o boteco. Tenta abrir caminho na aglomeração.

"Alto lá, vagabundo!", grita um sujeito careca, de óculos escuros e com um fone engraçado no ouvido. "Daqui não pode passar."

O vagabundo fica intrigado. "Será que esse cara me conhece?"

Afasta-se até encontrar uma brecha e ver a fachada do boteco. Todas as cadeiras de plástico estão empilhadas, menos uma. Nela está sentado um barrigudinho de meia-idade, descalço, trajando bermuda, camiseta de time e colete salva-vidas.

"Quem é o cidadão ali?", pergunta o vagabundo para o vendedor de milho cozido.

"Você não sabe, vagabundo?", devolve o homem do milho com sorriso de espiga meio debulhada. "É ele. O presidente. O Minto."

"Ah, vá", retruca o vagabundo. "E por que o Minto está de colete? Só se for para não se afogar na caninha, rarrará!"

O vagabundo sai para procurar outro bar. Mas a presença do Minto ali, na sua praia, no seu boteco, continua a lhe encafifar a cabeça. "O homem está descalço, por misericórdia!" Vagabundo sabe as manhas da botecagem.

"Você bebe cerveja. Aí precisa tirar água do joelho. Eu posso ser vagabundo, mas não ponho os pés descalços em banheiro de boteco."

Aí o celular do vagabundo faz plim. Chegou zap do primo de Minas.

"Não é o boteco da sua praia?", diz a mensagem. O primo encaminhou o post do deputado Célio Gomes, com a foto do Minto no bar e o seguinte texto:

"Você já pensou ver um 'presidente' descalço, sentado numa cadeira de plástico num humilde bar e SEM ESTAR BÊBADO?".

O vagabundo manda um joinha para o primo e segue vagando. A cabeça em parafuso.

"O que esse cara foi fazer no boteco, se não bebe?"

Não bebe e não deixa o vagabundo beber em paz no boteco da sua praia. A raiva cresce dentro do vagabundo. "O cabra não presta nem para tomar uma carraspana."

O vagabundo adora as redes sociais— e sabe que o Minto não está lá por falta do que fazer. "A Bahia, bicho. As pessoas embaixo d'água. E o cara no boteco só para empatar minha vida."

Ele chega ao bar do português. Encosta o cotovelo no balcão. "Vagabundo, meu caro. Quanto tempo! O que queres hoje?"

"Dá uma branquinha, português!" Enquanto espera, vai checar de novo o telefone. O Minto está entre os assuntos do momento no Twinder, para variar.

"Ah, não. Não é possível!" O vagabundo fica furioso, transtornado, consternado. Vira o copo. "Português, mais uma!"

"O que houve, amigo vagabundo?"

"Tá bombando na internet uma hashtag #MintoVagabundo. Pô. Muita pisada na bola. Eu sou um cara decente. Não mereço isso."

O português se entristece. Põe a garrafa sobre o balcão e a mão no ombro do vagabundo.

"Ninguém merece. Toma. Hoje é por minha conta."

Um brinde aos trabalhadores e vagabundos que não merecem passar pelo que estamos passando. Um bom 2022 e feliz 2023!

ACERVO FOLHA | **Há 50 anos** 1º.jan.1972

Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado de São Paulo é sancionado

O prefeito de São Paulo, José Carlos de Figueiredo Ferraz, sancionou a lei que instituí o PDDI (Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado). O trabalho aponta as necessidades da capital para os próximos dez anos e fixa etapas para as obras serem desenvolvidas.

O sistema viário a ser concluído em 20 anos, em duas etapas, será o esqueleto da nova cidade prevista pelo PDDI. As vias expressas dividirão as regiões criando bolsões que podem englobar vários bairros ou mesmo divi-di-los.

Cada bolsão deverá ter um centro comunitário com vida quase independente do restante da capital, com a prefeitura implantando melhorias.

FOLHA DE S. PAULO
1972: rumo à emancipação econômica

Há 100 anos não é publicado hoje devido a não circulação do jornal nesta data em 1921

LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br

Pessoa é vacinada contra a Covid em São Paulo Jardiel Carvalho - 1º.dez.21/Folhapress

EUA diminuem isolamento por Covid de 10 para 5 dias

Decisão vale para pessoas sem sintomas e acontece durante alta da ômicron

SAÚDE

Benjamin Mueller e Isabella Grullón Paz

THE NEW YORK TIMES Enquanto os casos de coronavírus nos Estados Unidos disparavam a um nível próximo do recorde, as autoridades federais de saúde reduziram pela metade na segunda-feira (27) o período de isolamento recomendado para muitos americanos infectados, esperando com isso minimizar as crescentes disrupções na economia e na vida cotidiana.

A falta de trabalhadores ligada ao vírus perturbou as viagens de fim de ano, levando ao cancelamento de milhares de voos, e agora ameaça setores tão diversos quanto atenção à saúde, restaurantes e comércio. Mas especialistas em saúde advertem que o país está apenas nos estágios iniciais de um surto de rápido avanço.

"A variante ômicron está se disseminando velozmente e tem o potencial de impactar todas as facetas de nossa sociedade", disse a doutora Rochelle Walensky, diretora do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC na sigla em inglês).

A agência havia recomendado anteriormente que os pacientes infectados pelo vírus ficassem isolados por dez dias depois de testados. Mas na segunda-feira ela reduziu esse período para cinco dias para as pessoas sem sintomas, ou as que não têm febre e apresentam outros sintomas em diminuição.

Os americanos que saem do isolamento devem usar máscaras perto de outras pessoas durante mais cinco dias após o período de isolamento, disseram as autoridades.

A orientação atualizada chega em meio a um aumento das infecções que ameaça inundar o sistema de saúde dos EUA, especialmente porque milhões de pessoas não foram vacinadas.

As novas recomendações "equilibram o que sabemos sobre a disseminação do vírus e a proteção oferecida pela vacinação e as doses de reforço", disse Walensky. "Essas atualizações garantem que as pessoas possam continuar levando suas vidas em segurança."

Mas o CDC não recomendou que os americanos façam testes rápidos antes de encerrar os períodos de isolamento, o que, segundo os cientistas, daria maior segurança de que as pessoas não continuarão espalhando o vírus.

As autoridades de saúde também encurtaram o período de quarentena para certos americanos não infectados que foram expostos ao vírus. Elas disseram que as pessoas que não foram vacinadas teriam de fazer quarentena durante cinco dias após a exposição, reduzindo a recomendação anterior de 14 dias. Isso também se aplica a pessoas que já completaram seis meses depois de receber a série básica de vacinas da Moderna ou Pfizer, ou dois meses depois de uma vacina da Janssen, mas que não tenham tomado a dose de reforço.

As autoridades também disseram que os americanos não infectados que receberam o reforço não precisavam fazer quarentena depois da exposição a pessoas infectadas. Mas os que foram expostos são incentivados a usar máscara perto de outras pessoas durante dez dias e ser testados cinco dias depois da exposição.

Na semana passada, o CDC reduziu, em algumas circunstâncias, o número de dias de isolamento recomendado para profissionais de saúde que testarem positivo.

A variante ômicron se espalhou com extraordinária rapidez pelos Estados Unidos, de Nova York ao Havaí, estados que relataram mais casos de coronavírus na última semana do que em qualquer outro período de sete dias da pandemia. Delaware, Massachusetts, Nova Jersey e Porto Rico também relataram recordes em aumento de casos.

> “
> [As novas recomendações] Equilibram o que sabemos sobre a disseminação do vírus e a proteção oferecida pela vacinação e as doses de reforço
>
> **Rochelle Walensky**
> diretora do Centro de Controle e Prevenção de Doenças

No domingo (26), a média nacional de sete dias de novos casos diários subiu para mais de 214 mil, um salto de 83% em relação aos 14 dias anteriores. As mortes também aumentaram 3% durante esse tempo, para uma média semanal de 1.328, segundo um banco de dados de The New York Times.

As internações hospitalares também subiram, embora não tanto quanto os casos. Mais de 71 mil americanos estão internados com Covid-19, 18% a mais que duas semanas atrás, mas ainda bem abaixo de picos anteriores.

O prefeito de Nova York, Bill de Blasio, implementou na segunda-feira o que ele chamou de ordem de vacinação mais abrangente para empresas privadas no país. Todos os empregadores da cidade agora devem verificar se seus funcionários presenciais receberam pelo menos uma dose de alguma vacina.

Em Porto Rico, novas diretrizes para viagens entraram em vigor, exigindo que todos os passageiros que chegam em voos domésticos mostrem um teste negativo de Covid ao desembarcar, ou terão de pagar multa. Em Massachusetts, cujo governador, Charlie Baker, ativou a Guarda Nacional, 300 membros foram enviados na segunda para hospitais de tratamento grave e serviços de ambulância.

Em uma teleconferência com governadores na segunda, o presidente Joe Biden falou sobre cooperação em vários níveis de governo. O governador de Arkansas, Asa Hutchinson, republicano, elogiou o plano de Biden de doar 500 milhões de testes rápidos caseiros, mas disse que os esforços federais para conter as infecções devem respeitar as decisões estaduais.

"Veja, não há uma solução federal", respondeu Biden. "Isto é resolvido no nível estadual." "Em última instância, se resume ao ponto em que o paciente precisa de ajuda, ou a evitar a necessidade de ajuda", acrescentou Biden.

Com os americanos cansados das restrições pandêmicas e os casos aumentando, alguns cientistas disseram que a redução dos períodos de isolamento para pessoas infectadas está atrasada.

O doutor Ashish Jha, reitor da Escola de Saúde Pública da Universidade Brown, disse que quando as pessoas testam positivo geralmente já têm alguns dias de infecção, o que encurta o período posterior em que elas continuam infectadas.

Ele também disse que os custos pessoais e sociais de períodos de isolamento de dez dias são consideráveis, citando a dificuldade que enfrentam os pais e mães solteiros, por exemplo. Ele teme que algumas pessoas, especialmente as que recebem remuneração por hora trabalhada, resistam a ser testadas por temerem o custo de faltar ao trabalho.

"É extremamente prejudicial pedir que as pessoas se isolem sem necessidade", disse Jha. "Se for possível reduzir esse isolamento de uma maneira clinicamente responsável, acho que diminui o obstáculo para que as pessoas aceitem ser testadas."

Jha disse que desejava que o CDC tivesse recomendado resultados negativos em testes rápidos antes que as pessoas terminassem o isolamento. "Mas, como os testes não estão amplamente disponíveis, esta é uma abordagem razoável", acrescentou Jha.

O doutor Michael Mina, imunologista e especialista em testes rápidos, chamou a nova orientação do CDC de "negligente". Estudos demonstraram amplas variações no período em que as pessoas permanecem contagiosas.

Dados da África do Sul e de alguns países europeus sugerem que as infecções pela ômicron foram mais brandas e estão produzindo menos internações. Mas especialistas advertem que isso talvez não seja válido para todos os lugares.

"Não podemos supor que as mesmas coisas vão acontecer nos Estados Unidos", disse Akiko Iwasaki, imunologista e pesquisador na faculdade de medicina da Universidade Yale. "Isso não é motivo para relaxarmos nossas medidas, e ainda precisamos imunizar os grupos de pessoas não vacinadas."

Bill Hanage, pesquisador em saúde pública na Universidade de Harvard, advertiu que continua imprecisa a eficácia dos testes rápidos sobre a transmissibilidade da ômicron, dada a possibilidade de que níveis mais baixos do vírus também causem infecções.

Mas ele disse que as pessoas vacinadas só podem espalhar a variante ômicron "em grande quantidade durante um curto período". Ele acrescentou que a rápida disseminação da variante poderá fechar rapidamente os locais de trabalho. "Não queremos que isso aconteça no setor de saúde."

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Pessoas fazem fila para realizar teste da Covid na Times Square, em Manhattan, Nova York Andrew Kelly - 26.dez.21/Reuters

Torcedores do RC Lens invadem o campo enquanto policiais tentam retirá-los do estádio com jatos de água Pascal Rossignol - 18.set.21/Reuters

Futebol francês tenta entender razões para violência nos estádios

Retorno dos torcedores aos jogos da primeira divisão do país veio acompanhado por uma série de perturbações

ESPORTE

Rory Smith

THE NEW YORK TIMES O jogo estava rolando havia apenas três minutos e 54 segundos quando Dimitri Payet correu sem muita pressa até a bandeirinha de escanteio do Groupama Stadium. A partida entre seu time, o Marselha, e o anfitrião Lyon mal tinha começado e nem tinha ganhado ritmo. Nada de gols. Mal tinha havido tempo para uma oportunidade de arremate. Todo mundo, jogadores e torcedores igualmente, ainda estava se acomodando.

Na arquibancada por sobre o jogador, Wilfried Serriere, 32, motorista de uma van de entrega de comida, olhou para baixo e jogou no gramado uma garrafa de água de meio litro que estava aos seus pés. A garrafa estava cheia. Payet estava posicionando a bola para um escanteio. As costas dele estavam voltadas para o torcedor. Em imagens registradas pelas câmeras de segurança do estádio e mais tarde exibidas em um tribunal, vê-se Serriere apanhar a garrafa, abaixar seu capuz e arremessá-la.

Um instante mais tarde, Payet caiu no gramado, com as mãos no rosto. A garrafa o tinha atingido direto na cara.

Os colegas de time de Payet correram em sua ajuda. Anthony Lopez, goleiro do Lyon, fez um gesto em direção da torcida de de seu time, pedindo calma. Mais tarde, Serriere diria a um tribunal que "não sei o que passou pela minha cabeça: euforia, sei lá". Ele reconheceu ter lançado a garrafa que machucou Payet, mas não foi capaz de explicar o motivo.

O resto da França vem se fazendo a mesma pergunta, nos meses transcorridos desde a abertura da temporada de futebol. Uma onda de violência está varrendo a Ligue 1, a mais alta divisão do futebol do país, desde que os torcedores retornaram aos estádios em agosto, depois de uma ausência de um ano de duração causada pela pandemia da Covid-19.

Dois jogos, ambos envolvendo o Marselha, tinham sido suspensos —e por fim adiados— depois que Payet foi atingido por objetos atirados das arquibancadas. Em Lyon, os jogadores foram removidos do gramado rapidamente. No incidente anterior, em Nice, houve um confronto feroz em campo entre jogadores do Marselha e centenas de torcedores adversários.

O confronto também teve consequências: um torcedor do Nice recebeu uma sentença suspensa de 12 meses de prisão por chutar Payet, e um membro da comissão técnica do Marselha foi suspenso pelo restante da temporada por socar uma das pessoas que invadiram o campo.

Mas esses foram apenas os dois incidentes mais graves. Torcedores invadiram o campo em jogos realizados em Lens e Angers. Houve batalhas campais entre grupos rivais de torcedores extremistas em diversas cidades, antes e depois de jogos. Objetos foram arremessados ao gramado em Montpelier e Metz, e no Parc des Princes, o estádio do Paris Saint-Germain.

No total, nove partidas da Ligue 1 foram prejudicadas nesta temporada por aquilo que o jornal "Dauphiné Libéré" descreveu como uma "epidemia" de violência, descontrolada a ponto de as autoridades francesas a estarem encarando como uma ameaça à sobrevivência do esporte. Vincent Labrune, presidente da liga francesa, a definiu como "nada menos que uma questão de sobrevivência para o nosso esporte".

Isso pode parecer exagero, mas é uma observação com base realista. Existe um medo de que a violência venha a ter ramificações financeiras. Roxana Maracineanu, a ministra do Esporte francês, declarou que o futebol do país não pode "arcar coletivamente" com um fracasso em fornecer conteúdo às organizações de mídia que pagam para transmitir os jogos. Mas também existe a preocupação de que a situação possa tornar a França um lugar nada hospitaleiro para os jogadores.

No sentenciamento de Serriere, Axel Daurat, um advogado que representava Payet e o Marselha, testemunhou que o jogador havia sentido um impacto psicológico "significativo" como resultado de ter sofrido dois ataques em apenas três meses. "O medo estará lá a cada vez que ele posicionar a bola para bater um escanteio", disse Daurat.

Mas embora as consequências potenciais sejam claras, houve menos progresso quanto a identificar as causas. Labrune deu a entender que os distúrbios cada vez mais frequentes devem ser lidos como um reflexo da sociedade pós-pandemia: "Uma sociedade ansiosa, preocupada, fraturada, belicosa e —não há como não dizer— um tanto louca".

E no entanto, essa explicação não resiste a qualquer escrutínio mais sério. A França dificilmente é o único país a passar por momentos de desavença cívica ao emergir, aos trancos e barrancos e com muita incerteza, para uma realidade nova e desconfortável. A maioria das demais grandes ligas europeias que estão encarando a mesma realidade não viram nada nem próximo à disparada na violência registrada pela Ligue 1.

"Parece meio psicologia de araque dizer que a situação tem a ver com a manifestação de tensões sociais nos estádios", disse Ronan Evain, diretor executivo da Football Supporters Europe, uma organização que congrega torcedores europeus. O mais provável, ele disse, é que a violência ilustre um problema estrutural e institucional.

"É como se os clubes tivessem perdido parte de seu conhecimento especializado", ele disse. "No incidente entre o Lens e o Lille, não havia separação entre os torcedores de casa e os visitantes. Não vejo isso em um jogo há 20 anos, talvez mais. Os clubes enfatizaram muito os protocolos da Covid-19, para o retorno aos estádios. Talvez não tenham se concentrado como deveriam na segurança".

> **No incidente entre o Lens e o Lille, não havia separação entre os torcedores de casa e os visitantes. Não vejo isso em um jogo há 20 anos, talvez mais**
>
> **Ronan Evain**
> diretor executivo da Football Supporters Europe

Evain argumentou que isso pode ter se devido à perda de seguranças e funcionários experientes durante a pandemia, e estabeleceu um paralelo entre a experiência francesa e as cenas vistas em Wembley em julho, quando milhares de torcedores sem ingressos invadiram o estádio para a partida entre Inglaterra e Itália na decisão da Eurocopa.

Um relatório severamente crítico este mês documentou de que forma falhas de policiamento colocaram os seguranças do estádio em uma situação impossível —e potencialmente letal— naquele dia. "Não se pode pedir a uma pessoa mal paga, mal treinada e em condições de trabalho precárias, que coloque sua saúde em risco para impedir que alguém invada o campo", disse Evain.

Nicolas Hourcade, sociólogo na École Centrale de Lyon que pesquisa sobre movimentos de torcedores, apontou que a falta de profissionais especializados pode ter sido agravada pelas dificuldades financeiras que os times franceses enfrentam. A França é a única das grandes ligas europeias que optou por não concluir a temporada 2019-2020, interrompida pela pandemia, e os clubes continuam abalados com o colapso do contrato televisivo do campeonato.

"Pode ser que os clubes não tenham investido o suficiente em segurança", disse Hourcade, "O que explicaria por que em alguns casos as medidas parecem insuficientes."

Mas embora isso ofereça uma possível explicação para que o futebol francês tenha se tornado um terreno tão fértil para a violência, não esclarece de onde ela parte. Maracineanu, a ministra do Esporte, atribuiu a culpa às torcidas radicais francesas, e instou os líderes delas a "controlar seus comandados". Mas as coisas não são assim tão simples.

> **Pode ser que os clubes não tenham investido o suficiente em segurança. O que explicaria por que em alguns casos as medidas parecem insuficientes**
>
> **Nicolas Hourcade**
> sociólogo na École Centrale de Lyon

Na audiência de Serriere, surgiu a informação de que ele é torcedor do Lyon há 15 anos —ainda que órgãos noticiosos tenham apontado que compareceu ao tribunal usando uma camisa do Bayern de Munique—, mas não era membro de uma torcida organizada. Não era, assim, integrante de qualquer tropa de choque.

"Houve incidentes envolvendo torcedores radicais", disse Pierre Barthélemy, um advogado que já defendeu as torcidas organizadas e torcedores radicais. Ele mencionou dois, especificamente, entre os quais a invasão do gramado em Lens, que ele disse ter sido causada pela presença de "vândalos belgas" em meio à torcida visitante do Lille, e um incidente em um jogo em Montpelier que estava sendo boicotado pelas torcidas organizadas radicais.

"Quando o jogo foi suspenso, em Nice, foi porque as autoridades permitiram que as pessoas jogassem coisas no gramado por 40 ou 50 minutos", disse Barthélemy. "Não foram incidentes organizados. Foram espontâneos, e em sua maioria não se relacionam às torcidas radicais."

Mas isso só os torna mais difíceis de policiar. A França tem algumas das punições mais severas para tumultos coletivos na Europa, disse Evain, o que inclui a possibilidade de fechar arquibancadas ou estádios inteiros.

Ele teme que o surto atual gere uma resposta "populista": apelos por vigilância maior sobre os torcedores nos estádios e o tratamento de qualquer incidente, mesmo que seja uma ação individual, como transgressão coletiva. Pelo menos um presidente de clube admitiu em off que aceitaria jogar com as portas fechadas se os problemas continuassem.

Mas talvez o mais importante é que a natureza dispersa dos incidentes na França os torna mais difíceis de compreender. "Violência causada pelas torcidas radicais e incidentes causados por outros torcedores não estão relacionados", disse Hourcade, o sociólogo.

A violência pode resultar de um fracasso organizacional. Ou talvez queixas duradouras das torcidas radicais estejam ressurgindo, depois de um período de calma na pandemia.

Mas o que une todas essas percepções é o fato de que um estádio se tornou um lugar no qual linhas podem ser cruzadas e tabus desrespeitados, e onde, aos 3min54s de um jogo, quando o trilar do apito inicial nem bem desapareceu e a partida mal começou, um torcedor pode olhar para uma garrafa e, sem nem saber por quê, atirá-la contra um jogador, desferindo um novo golpe contra a imagem que o futebol francês apresenta ao mundo.

Tradução de Paulo Migliacci

Ultraprocessado elevou emissão de gases-estufa do Brasil

Mudança na alimentação também aumentou pegadas hídrica e ecológica, mostra estudo sobre impacto ambiental

AMBIENTE

Ana Bottallo

SÃO PAULO A dieta da população brasileira mudou nos últimos 30 anos: o consumo de alimentos minimamente processados ou de ingredientes culinários caiu ou se manteve estável, enquanto a ingestão de alimentos processados ou ultraprocessados aumentou até duas vezes mais.

Como consequência, entre os anos de 1987 até 2018, os impactos ambientais da alimentação no país também cresceram, aumentando em 21% a emissão de gases de efeito estufa, 22% a pegada hídrica e 17% a pegada ecológica.

Esses são os resultados de uma pesquisa que avaliou qual o efeito da mudança nas escolhas alimentares dos brasileiros nas últimas três décadas. O estudo foi publicado em novembro na revista The Lancet Planetary Health.

Na série histórica, o consumo dos brasileiros passou de 52% de alimentos in natura ou minimamente processados (como carnes e ovos) para 46% nos últimos três anos. Já o consumo de alimentos ultraprocessados, que era de 10% no final da década de 1970, hoje atinge cerca de um quarto de toda a ingestão calórica por dia dos brasileiros.

Embora a produção de alimentos minimamente processados como carne vermelha seja responsável por quase metade de toda a emissão de gases do efeito estufa, essa taxa permaneceu praticamente a mesma ao longo dos últimos 30 anos. Já a contribuição da produção de alimentos ultraprocessados aumentou 245% no mesmo período.

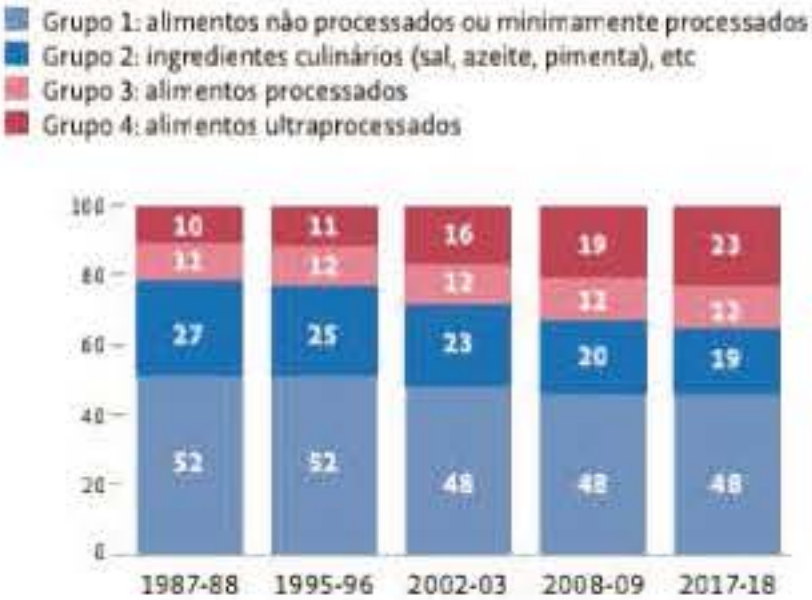
A pesquisa mediu o impacto gerado por uma ingestão equivalente a mil calorias de mais de 334 tipos de alimentos e bebidas em 11 áreas metropolitanas. Os dados foram levantados da Pesquisa do Orçamento Familiar do IBGE, um questionário sobre todos os itens consumidos anualmente por famílias.

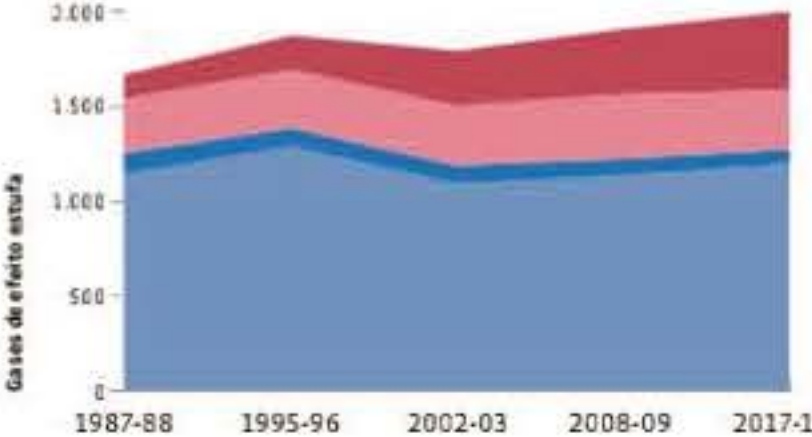
Impacto ambiental da dieta do brasileiro aumentou nos últimos 30 anos

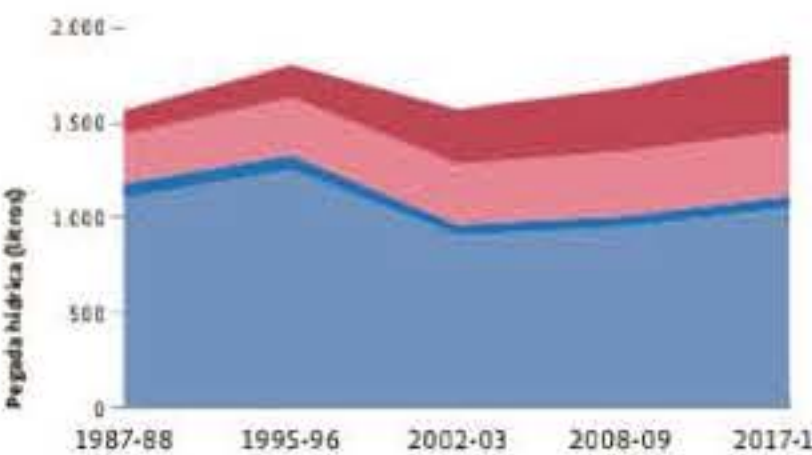
Tendência no impacto ambiental a cada mil calorias de alimento consumido nas regiões metropolitanas do Brasil entre 1987-88 e 2017-18*

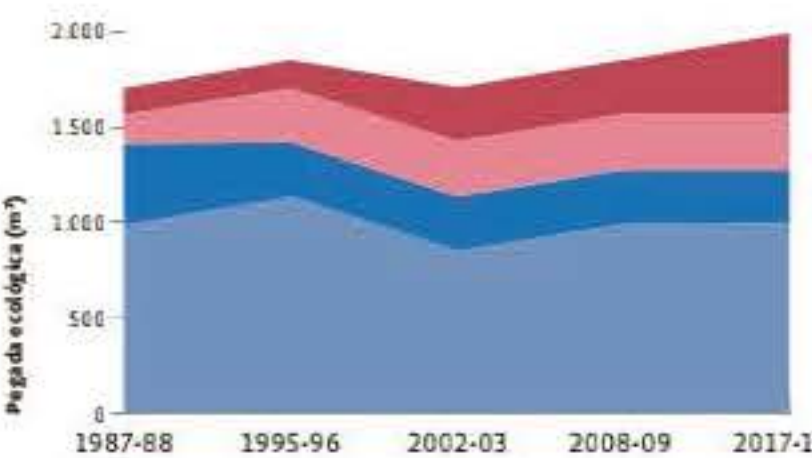
Com base na compra dos alimentos por família

Proporção do consumo diário de calorias por cada grupo alimentar nas regiões metropolitanas do Brasil entre 1987-88 a 2017-18*

Com base na compra dos alimentos por família

Emissão de gases de efeito estufa

Liberação de gases causadores de efeito estufa calculado como CO_2 equivalente por mil calorias

Pegada hídrica

Litros de água consumida para produzir alimento por mil calorias

Pegada ecológica

Área em m² utilizada para produzir alimento por mil calorias

*Com base na compra dos alimentos por família
Fonte: The Lancet Planetary Health

Além disso, a pesquisa observou os impactos ambientais gerados por cada um dos tipos de alimento mais consumidos no país (como feijão, arroz, ovos) tanto na emissão de gases de efeito estufa quanto na quantidade de recursos hídricos gastos e nos recursos naturais —por exemplo, áreas florestadas desmatadas. Assim, foi possível chegar a um cálculo por grupo alimentar.

O estudo é fruto de uma parceria entre pesquisadores da USP (Universidade de São Paulo) e das universidades de Manchester e Sheffield, no Reino Unido.

Para a nutricionista e mestre em Saúde Pública pela USP, Jacqueline Silva, o estudo é o único a considerar os impactos ambientais gerados pelos alimentos ao longo de toda a cadeia, desde a produção até o consumo.

"Diversos estudos já buscavam avaliar o impacto ambiental, por exemplo, de uma dieta carnívora contra uma vegetariana, mas o nosso é o primeiro a avaliar como a alimentação de uma população [no caso, a brasileira] mudou ao longo de tempo e quais os impactos disso", explica.

Além disso, a pesquisa permitiu quantificar a pegada ecológica de cada alimento individualmente ao longo de 30 anos. A classificação dos itens seguiu o Guia Alimentar Brasileiro, que os divide em quatro grupos: in natura ou minimamente processados, ingredientes culinários, processados e ultraprocessados.

"Na nossa análise, consideramos que o impacto gerado para produzir um quilo de carne em 2018 é o mesmo em 1978, para poder comparar os fatores que levam àquela emissão de gases de efeito estufa. Então, muito embora o impacto ambiental para produzir um mesmo alimento esteja igual na nossa pesquisa, a dieta da população brasileira mudou e é isso que vemos nos resultados finais", diz Silva.

A produção agropecuária é responsável hoje por cerca de um terço da emissão global de gases de efeito estufa, segundo levantamento da OMS (Organização Mundial da Saúde). No Brasil, esse valor chega a quase 70% ao somar também com a liberação de gases pelo desmatamento.

Se o consumo de carne fresca na década de 80 era menor, ele cresceu ao longo da década de 90, chegando a 10,7% do consumo diário de calorias em 1996. Houve uma queda entre os anos de 1996 a 2003 e, apesar de ter voltado a subir após os anos 2000, hoje já é menor do que em 1996, em cerca de 9,1%.

"Mas o consumo de carnes ultraprocessadas, como salsicha e embutidos, mais do que dobrou nos últimos 30 anos. E, além dos impactos ambientais gerados por esse tipo de alimento, sabemos também que eles são prejudiciais à saúde", afirma a nutricionista.

Há, porém, um lado positivo: o consumo de alimentos ultraprocessados aqui, embora tenha crescido, não é ainda igual ao de países ricos como Estados Unidos e Austrália, onde corresponde a mais de 40% do consumo diário destes alimentos.

"O grande desafio seria não deixar essa tendência de crescimento seguir. É por isso que quando falamos em uma sindemia de doenças crônicas e mudanças climáticas estamos falando de coisas interligadas: os danos à saúde por obesidade, hipertensão e outras doenças crônicas gerados pelo consumo desses alimentos se somam também à maior insegurança alimentar de pequenos produtores e aos impactos ambientais. É um sistema complexo que não pode ser olhado isoladamente", completa a nutricionista Jacqueline Silva.

> Diversos estudos já buscavam avaliar o impacto ambiental, por exemplo, de uma dieta carnívora contra uma vegetariana, mas o nosso é o primeiro a avaliar como a alimentação de uma população [no caso, a brasileira] mudou ao longo de tempo e quais os impactos disso
>
> **Jacqueline Silva**
> nutricionista e mestre em Saúde Pública pela USP

Entenda porquê uma xícara de café ajuda a liberar o intestino

SAÚDE

Alice Callahan

THE NEW YORK TIMES Como abrir a cortina ou entrar no chuveiro, tomar uma xícara de café pela manhã ativa as pessoas —de mais de uma maneira. Essa bebida que tanto satisfaz eleva nosso nível de energia com uma dose de cafeína. Para muitas pessoas, ela rapidamente e quase sempre estimula a atividade intestinal, levando a uma necessidade urgente de evacuar.

Dada a popularidade do café, é surpreendente quão pouco sabemos sobre como ele afeta o trato gastrintestinal, disse Robert Martindale, professor de cirurgia e diretor médico de serviços de nutrição hospitalar da universidade Oregon Health and Science.

Alguns estudos sobre o tema —que tendem a ser pequenos, limitados e de algum tempo atrás— sugeriram que provavelmente não é a cafeína que provoca a vontade de ir ao banheiro. Por exemplo, um artigo publicado em 1998 concluiu que o café descafeinado exerce sobre o cólon um efeito estimulante semelhante ao café cafeinado, o que não ocorre com uma xícara de água.

O café é uma bebida complexa que contém mais de mil compostos químicos, muitos dos quais possuem propriedades antioxidantes e anti-inflamatórias. E não é fácil determinar como eles afetam os intestinos.

Uma coisa que sabemos de fato é que o café não afeta a todos da mesma maneira. Em um estudo publicado em 1990 no periódico Gut, 92 adultos jovens preencheram um questionário sobre como o café afeta seus hábitos de evacuação. Apenas 29% deles disseram que a bebida "provoca vontade de evacuar", e a maioria, 63%, eram mulheres. Mas Martindale disse que a porcentagem de pessoas que apresentam reação intestinal depois de tomar café provavelmente é muito mais alta na população geral —ele estimou que esse é o caso de 60% de seus pacientes—, e ele não notou nenhuma diferença entre homens e mulheres.

Também sabemos que a reação intestinal ao café pode ser rápida. No mesmo estudo, alguns voluntários deixaram uma sonda detectora de pressão ser inserida em seu cólon para medir as contrações dos músculos intestinais antes e depois de beberem uma xícara de café. Entre os que disseram que o café geralmente estimulava a evacuação, a sonda indicou um aumento significativo na pressão em até quatro minutos após a ingestão de café, enquanto as pessoas não responsivas não apresentaram nenhuma modificação na atividade do cólon.

O fato de que tomar uma xícara de café pode estimular a extremidade oposta do trato gastrintestinal em questão de minutos significa, disse Martindale, que o estímulo "provavelmente passa pelo eixo entre intestino e cérebro". Ou seja, a chegada do café no estômago transmite uma mensagem ao cérebro, que então "estimula o cólon a dizer 'é bom nos esvaziarmos, porque vem coisa por aí'", ele explicou.

O próprio café se deslocaria pelos intestinos muito mais devagar, provavelmente levando pelo menos uma hora para percorrer o longo caminho partindo do estômago, passando pelo intestino delgado e então chegando ao cólon.

Essa comunicação entre estômago, cérebro e cólon, chamada de reflexo gastrocólico, é uma resposta normal à ingestão de alimentos. Mas o café parece ter um efeito desproporcional. Um estudo publicado em 1998 constatou que 230 ml de café estimulam contrações do cólon semelhantes às que são induzidas por uma refeição de mil calorias. Pesquisadores teorizam que a comunicação intestino-cérebro do café provavelmente é causada por um ou mais dos muitos compostos químicos contidos no café e possivelmente seja mediada por alguns de nossos hormônios que desempenham papéis importantes no processo digestivo, como a gastrina ou a colecistocinina, ambas as quais podem subir de nível após a ingestão de café.

O mecanismo pode ainda não estar claro, mas os efeitos do café sobre o intestino podem ajudar algumas pessoas, incluindo pacientes em recuperação de certos tipos de cirurgias. O enfraquecimento da função intestinal é comum após cirurgias abdominais, por exemplo, o que pode provocar inchaço, dor e a incapacidade de expelir gases ou tolerar alimentos. Uma análise de 2020 combinou os resultados de sete ensaios clínicos e constatou que tomar café ajudou pacientes que haviam passado por cirurgia colorretal ou ginecológica a tolerar alimentos sólidos em média dez e 31 horas, respectivamente, antes do que teria sido o caso sem tomarem a bebida. O café também reduziu em uma média de 15 a 18 horas o tempo passado até sua primeira evacuação após a cirurgia.

"Um ou dois goles de café já podem ser o bastante. Não é preciso tomar muito", disse Martindale, que habitualmente oferece uma xícara de café a seus pacientes na manhã seguinte a uma cirurgia.

A seus pacientes que sofrem de prisão de ventre crônica, Martindale também sugere que tomem café, além de outras modificações na dieta. E ele disse que não é incomum que pacientes que abriram mão do café por uma razão ou outra lhe digam "Doutor, não consigo ir ao banheiro sem antes tomar um café".

A nutricionista Sonya Angelone, porta-voz da Academia de Nutrição e Dietética, diz que as pessoas não devem depender demais do café para manter uma função intestinal regular. Se a pessoa tem prisão de ventre, explicou, "não é por ter uma deficiência de café". Para evitar a prisão de ventre, ela recomenda o consumo de mais frutas e verduras, que têm alto teor de fibras, aumentar a ingestão de líquidos e praticar mais atividade física. ▪

Tradução de Clara Allain

> Um ou dois goles de café já podem ser o bastante. Não é preciso tomar muito
>
> **Robert Martindale**
> professor de cirurgia e diretor médico de serviços de nutrição hospitalar da universidade Oregon Health and Science

Conheça a 'yassificação', a nova moda dos filtros digitais em fotos

Conta no Twitter ganha popularidade ao alterar imagens conhecidas por versões animadas

FS

Shane O'Neill

THE NEW YORK TIMES A "Garota com Brinco de Pérola" com o rosto todo maquiado. A rainha Elizabeth 1ª com camadas de maquiagem do decote rendado à testa. Severus Snape com extensões de cabelo escuras. O Pé Grande usando maquiagem forte nos olhos.

Essas são algumas das imagens alteradas compartilhadas pelo YassifyBot, uma conta do Twitter que começou a surgir nos feeds dos usuários no mês passado.

"Yassificar" alguma coisa, nos termos propostos pela conta, é aplicar diversos filtros de beleza usando o FaceApp, um aplicativo de inteligência artificial para edição de fotos, até que a imagem —seja uma celebridade, uma figura histórica, um personagem de ficção ou uma obra de arte— se torne quase irreconhecível sob a maquiagem.

Desde que a conta YassifyBot foi ativada, em 13 de novembro, centenas de fotos foram tuitadas, mostrando cílios espessos; sobrancelhas aparentemente retocadas a lápis; cabelos alongados e, frequentemente, colorizados; e narizes e maxilares retocados pelos efeitos.

É preciso apontar que o YassifyBot não é tecnicamente um software robotizado. Os tuites não são gerados por um programa. A conta é operada por um (uma) universitário (a) de Omaha, Nebraska, que faz arte sob o nome Denver Adams, e pediu que o The New York Times não revelasse seu nome real.

O processo para produzir cada imagem é simples: uma foto de rosto é submetida a tratamento pelo FaceApp até que pareça genérica ou grotescamente sexy, e em seguida é postada. Depois, o processo é repetido. Adams disse em entrevista por Zoom que a criação de cada imagem demora apenas alguns minutos.

O momento em que a conta ganhou popularidade é um tanto curioso. Aplicativos de retoque de fotos fáceis de usar não são novidade. O FaceApp, especificamente, já foi tema de artigos noticiosos sobre questões de privacidade, e sobre seu filtro de "gostosura", que foi criticado como racista por clarear o tom de pele das pessoas nas imagens tratadas. (Em 2017, o jornal inglês The Guardian noticiou que Yaroslav Goncharov, fundador do FaceApp, pediu desculpas pelo filtro, atribuindo a culpa pelo clareamento da pele a vieses que o software de inteligência artificial havia adquirido em seu treinamento.

A palavra "yass" —que também pode ser grafada como "yas", "yaas" ou com qualquer número de As e Ss para fim de ênfase— circula no vernáculo LGBTQIA+ há mais de uma década. A expressão ganhou ainda mais popularidade em 2013, por conta de um vídeo de um fã de Lady Gaga. A série "Broad City", do canal Comedy Central, na qual a personagem de Ilana Glazer usa frequentemente a expressão "yas queen", também ajudou a colocar o termo em uso de forma mais ampla.

De acordo com o site KnowYourMeme.com, a palavra "yassificação" surgiu no Twitter em 2020. Com sua difusão mais ampla, começaram a surgir vídeos de celebridades maquiadas digitalmente, entre as quais um que mostrava a atriz Toni Collette gritando no filme de horror "Hereditário", no qual seu rosto subitamente se transforma em uma versão mais glamorosa do original.

"Não fui eu que criei a brincadeira", disse Adams, mencionando o meme de Collette como uma de suas inspirações. "Só a arruinei".

Mas qual, exatamente, é a brincadeira? Adams diz que o ponto é o extremo ridículo das imagens, afirmando que, quanto mais absurdas forem, mais engraçadas se tornam. Como muitas piadas de internet, a separação entre zombaria e celebração não fica clara.

Rusty Barrett, professor de linguística na Universidade do Kentucky que estudou a linguagem das subculturas gays, vê uma conexão entre as imagens disseminadas pelo YassifyBot e a cultura drag. "Elas evocam o drag, no sentido de que o drag às vezes parece plástico e extremamente exagerado", disse Barrett em entrevista concedida pelo telefone.

"Parte da questão é que a aparência pode melhorar mas ao mesmo tempo ganha um jeito falso", disse Barrett. "Essa visão positiva do artifício é algo comum na cultura gay", completa o professor.

> Parte da questão é que a aparência pode melhorar mas ao mesmo tempo ganha um jeito falso
>
> **Rusty Barrett**
> professor de linguística na Universidade do Kentucky

Os memes de "yassificação" também compartilham de alguns traços com uma subcultura de internet conhecida como "bimbofication", que valoriza traços artificialmente exagerados de feminilidade.

Os memes de "bimbofication" são apenas brincadeiras de internet sobre o aspecto performativo dos gêneros, mas alguns dos praticantes mais dedicados usam o Reddit para documentar sua transformação na vida real, o que inclui hipnose para garantir a "gostosura cerebral".

Do mesmo modo, a "yassificação" é engraçada até que deixa de ser. É divertido ver o Dobby de Harry Potter ou o senador Bernie Sanders preparados para o tapete vermelho por um esquadrão digital de fadas madrinhas, mas horrível pensar que somos tão suscetíveis a uma futilidade tão grande.

Memes têm prazo de validade, e a "yassificação" já começou a cansar. No dia em que o YassifyBot começou a postar no Twitter, um usuário comentou que "eu vi as melhores mentes de minha geração destruídas pela 'yassificação'".

Era só questão de tempo para que marcas começassem a aderir à tendência. Há algumas semanas, por exemplo, a ferrovia Amtrak promoveu a "yassificação" de um de seus trens em 2022, via TikTok, usando hashtags como #Yassify, #Slay and #rupaulsdragrace.

Será que foi a sentença de morte do meme "yassify"? "Se a conta não fosse minha, eu já a teria bloqueado", disse Adams. "Totalmente".

Traduzido originalmente do inglês por Paulo Migliacci

Imagens antes e depois do processo 'Yassify'; conta YassifyBot foi ativada em 13 de novembro Twitter/@YassifyBot

Pesquisadores encontram área do clitóris no cérebro

CIÊNCIA

Lucie Aubourg

WASHINGTON, ESTADOS UNIDOS | AFP Pela primeira vez, pesquisadores conseguiram definir com precisão onde se localiza a representação do clitóris no cérebro das mulheres.

O estudo, publicado nesta segunda-feira (20) na revista científica JNeurosci, também mostra que a área do cérebro ativada durante a estimulação do clitóris é mais extensa em mulheres que fazem mais sexo. A pesquisa foi realizada estimulando o clitóris de 20 mulheres durante uma ressonância magnética de seus cérebros.

Uma área maior lhes permite perceber melhor as sensações? É o tamanho dessa área o que leva a fazer mais sexo ou ter relações sexuais frequentes a faz crescer? São questões impossíveis de responder no momento, dizem os pesquisadores.

No entanto, este estudo pode ajudar a desenvolver tratamentos melhores para pessoas que sofreram violência sexual ou que têm problemas sexuais.

"A forma como os órgãos genitais femininos estão representados no córtex somatossensorial humano é muito pouco estudada", disse à AFP Christine Heim, professora de psicologia médica do Hospital Universitário Charité em Berlim, co-autora do estudo.

"E essa falta de conhecimento tem impedido as pesquisas sobre comportamentos sexuais padrão e condições patológicas", acrescentou.

Quando uma parte do corpo é afetada, a atividade neuronal no córtex somatossensorial é ativada. E cada parte do corpo corresponde a uma área diferente do cérebro, formando uma espécie de mapa corporal.

No entanto, até agora, a localização precisa da genitália feminina nesse mapa permanecia uma questão de debate.

Estudos anteriores haviam localizado algumas vezes sob a representação do pé, outras perto do quadril. O motivo: técnicas de estimulação imprecisas (próprias ou de terceiros) que causavam o atrito simultâneo de outras partes do corpo, ou desencadeavam a excitação, obscurecendo os resultados.

Em 2005, usando uma técnica que imitava uma sensação tátil altamente localizada, pesquisadores conseguiram determinar a localização precisa da representação da genitália masculina no cérebro. Mas isso ainda não havia sido feito nas mulheres.

Para isso, foram selecionadas 20 mulheres saudáveis com idades entre 18 e 45 anos.

Para a estimulação, foi aplicado um pequeno objeto redondo desenhado especificamente para o estudo, colocado na lingerie na altura do clitóris: graças aos jatos de ar, uma pequena membrana começava a vibrar levemente.

A abordagem pretendia ser "a mais confortável possível" para as participantes, explica John-Dylan Haynes, co-autor do estudo.

Oito estímulos clitorianos foram realizados, cada um com duração de 10 segundos, intercalados com 10 segundos de descanso, bem como oito estímulos nas costas da mão direita para comparação.

A conclusão é que, tanto para mulheres quanto para homens, a representação da genitália no mapa do cérebro está próxima à representação do quadril.

No entanto, a localização precisa varia para cada mulher dentro desta área.

Os pesquisadores, então, estudaram se essa área exibia características diferentes com base na atividade sexual.

As 20 mulheres foram questionadas sobre a frequência das relações sexuais no último ano, bem como desde o início da vida sexual.

Em seguida, para cada uma delas, os pesquisadores determinaram os dez pontos mais ativados no cérebro durante a estimulação e mediram a área obtida.

"Encontramos uma ligação entre a espessura da região genital e a frequência das relações sexuais", especialmente nos últimos 12 meses, explica Heim.

"Quanto mais relações sexuais, maior é a zona".

A plasticidade cerebral é bem conhecida: partes do cérebro se desenvolvem conforme uma função é usada. Mas, no momento, um vínculo causal não pode ser estabelecido diretamente.

O estudo também não determinou se uma área maior resultava em uma melhor percepção. Mas Heim, em um estudo publicado em 2013, mostrou que as pessoas que sofreram violência sexual traumática tinham uma área genital reduzida.

"Na época, levantamos a hipótese de que essa poderia ser a resposta do cérebro para limitar o efeito prejudicial do abuso", explicou, acrescentando que seriam necessários mais estudos para fazer essa verificação.

No futuro, o objetivo é desenvolver formas de ajudar os pacientes. A pesquisadora quer estudar se determinados distúrbios sexuais estão relacionados a alterações na região genital.

Então, talvez, terapias destinadas a "treinar" essa área possam ser consideradas.